

UNIVERSIDADE ESTATAL DE SÃO PETERSBURGO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA COM ENDEREÇO EM
ONTOPSICOLOGIA

ANA MARIS PETRY

A NOVA ABORDAGEM DO COMPLEXO DE ÉDIPO

SÃO PETERSBURGO – RÚSSIA

2003

ANA MARIS PETRY

A NOVA ABORDAGEM DO COMPLEXO DE ÉDIPO

Tese apresentada no curso de Especialização em Psicologia com endereço em Ontopsicologia na Universidade Estatal de São Petersburgo.

Orientador: *Grand Doctor* Larissa Golovei.

SÃO PETERSBURGO – RÚSSIA

2003

A árvore provê sempre a si própria e nesse processo fornece frutos e sementes; o animal provê a regeneração da espécie como meio do próprio prazer. Tudo leva a crer que família e filhos são válidos na medida em que representem um momento de expansão racional e ordenada do egocentrismo pessoal e, desse modo, fica salvaguardado o absoluto não repetível do filho e a plenitude holística da pessoa. (Antonio Meneghetti)

RESUMO

PETRY, Ana Maris. *A Nova Abordagem do Complexo de Édipo*. São Petersburgo, 2003. Curso de Especialização em Psicologia com Endereço em Ontopsicologia. Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia.

Segundo a Psicanálise, o Complexo de Édipo é uma constelação emocional específica dentro da família que se estabelece naturalmente no curso do desenvolvimento da criança e, do modo da sua dissolução, temos a gênese da neurose e do comportamento sexual adulto. Considerando a aumento sempre progressivo dos desajustes sexuais e dos distúrbios afetivos (neuroses), questiona-se que, se na base do comportamento sexual dos adultos temos a experiência edípica, então a nossa compreensão sobre este fenômeno é ainda incompleta. Antes de tudo, o complexo de Édipo se desenvolve em um terreno que pré-existe: a família. Depois, o primeiro movimento edípico, em ambos os sexos, é em direção à mãe. Portanto, questiona-se: em que modo o pólo mãe – ou a dinâmica familiar como um todo – contribui, interfere ou desencadeia o evento edípico que depois é considerado como uma etapa normal do desenvolvimento humano, um evento tipicamente infantil da natureza humana? Pretendeu-se com esta pesquisa identificar variações subjetivas importantes que ocorrem na relação do casal, na percepção de cada um dos genitores de si mesmo e do companheiro diante do nascimento do filho homem. A revisão bibliográfica abordou a visão psicanalítica e a visão ontopsicológica sobre o tema. Através da aplicação e interpretação do Teste do Desenho da Família – com algumas variações – foram analisados dezoito casais com filhos homens de seis meses a seis anos. Um questionário histórico-biográfico complementa os dados. A importância de compreender tal aspecto reside primeiro no fato de que ele é determinante para o desenvolvimento de uma personalidade madura, e depois porque envolve três indivíduos em uma experiência universal, aquela da família. A contribuição prática é a identificação das bases para um outro modelo de relacionamento familiar que contribua para o melhor desenvolvimento de seus membros e, em âmbito clínico, aumentar a compreensão da dinâmica familiar possibilitando uma intervenção psicoterapêutica mais eficiente.

PALAVRAS-CHAVE: complexo de Édipo, sexualidade infantil, dinâmica familiar, gênese da neurose, Ontopsicologia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
 CAPÍTULO I – REVISÃO TEÓRICA	
1.1 O Complexo de Édipo segundo Sigmund Freud	11
1.2 O mito de Édipo e os contos de fadas	18
1.3 A visão ontopsicológica do Complexo de Édipo	28
1.4 Observações práticas	35
1.5 Considerações finais	38
 CAPÍTULO II – PROGRAMA DE PESQUISA	
2.1 Problema da pesquisa	41
2.2 Objeto da pesquisa	41
2.3 O grupo analisado	41
2.4 Problemas práticos	46
2.5 Hipóteses da pesquisa	47
2.6 Métodos de pesquisa	48
2.7 Lógica de elaboração da pesquisa	49
 CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS RESULTADOS	
3.1 Níveis de satisfação	51
3.2 Ranking de preferência	54
3.3 Teste dos desenhos	59
3.4 Questionário histórico-biográfico	71
3.5 Questionário projetivo	76
3.6 Casos ilustrativos	78
3.7 Conclusões provisórias	106

CONCLUSÃO	108
BIBLIOGRAFIA	114
ANEXOS	116

INTRODUÇÃO

Para os profissionais acostumados à disciplina psicológica é sabido que os processos do desenvolvimento humano configuram-se sob um conjunto de dois fatores. Primeiro, o temperamento: é o fator espontâneo que vem da natureza; nasce do projeto a partir do qual o ser decide um jogo e o homem se dá como existente. Segundo, o caráter. Este, ao invés, forma-se por hábito, por educação, por aprendizagem através da cultura, do meio ambiente externo físico e humano que envolve a criança. Por ambiente não se entende somente as pessoas e o ambiente físico, mas todas as interações psico-afetivas, sobretudo as interações inconscientes. A referência a ser considerada é que estas influências ambientais apresentam o poder de deformar e distorcer patologicamente os processos normais de desenvolvimento. “Uma das mais claras indicações de que uma criança mais tarde se tornará neurótica pode ser vista na exigência insaciável de afeição dos pais. (...) Este exemplo mostra que há modos mais diretos que a herança, através dos quais pais neuróticos podem transmitir seus distúrbios aos filhos”, é o que diz Freud em seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. (1972, p. 230)

A Psicanálise, com seu pioneirismo em afrontar temas até então evitados por toda a comunidade científica de sua época e que custou a seu fundador amizades com interlocutores de grande importância, seja afetiva que científica, como Fliess e Jung, desvendou aspectos fundamentais da interioridade humana quando pesquisou acerca da infância, da sexualidade e do significado dos sonhos. A partir de Freud todos estamos convencidos da atividade sexual desde a infância e aqueles que trabalham em âmbito clínico ou pedagógico atestam sua universalidade. A concepção do complexo de Édipo tido como a essência das neuroses foi amplamente difundida e analisada. Ele se instala na fase fálica da organização libidinal e tende a desaparecer durante o período de latência. Reatualizado na puberdade, orienta as escolhas de objetos amorosos e disto decorre sua grande importância. O mito grego é hoje uma metáfora pela qual nos referimos a uma constelação emocional específica dentro da família que é paralelamente capaz de causar impedimentos sérios para o crescimento e amadurecimento da pessoa, mas também é fonte potencial do mais rico desenvolvimento de personalidade. Para Freud, o modo como ocorre a dissolução do complexo de Édipo é a base psicológica das diferenças caracterológicas entre os sexos. (1972b, p. 309)

Toda a obra psicanalítica revela que a mais drástica de suas conquistas foi a constatação de que os genitores têm a parte mais importante da vida mental das crianças.

Porém, um século de Psicanálise e tudo o que dela decorreu, dois de psiquiatria e não se sabe quantos anos de psicologias alternativas, parecem não ter alterado a curva ascendente dos desajustes afetivos, dos problemas sexuais e dos transtornos familiares. Em nenhum outro momento da história, vivemos uma civilização tão sexualizada e estimulada quanto a que temos hoje. A mídia vende de desinfetante para banheiros a qualquer outro objeto usando o apelo erótico. Na mais nova forma de comunicação global, a *Internet*, calcula-se na casa de milhões o número de sítios no mundo cujo principal atrativo é a nudez, seja feminina que masculina, e “sexo” é a segunda expressão mais pesquisada na rede. Um ensaio fotográfico protagonizado por uma cantora brasileira, em quinze dias de exibição, teve sua página acessada onze milhões de vezes.

Estes são dados que desconcertam e abrem um precedente à consideração de que a natureza humana mantém seus mistérios e que, se na base do comportamento sexual dos adultos temos a experiência edípica, então a nossa compreensão sobre o complexo de Édipo navega ainda na superfície de águas muito mais profundas.

Do ponto de vista da criança, conhecemos bem como este importante evento acontece. Mas a peculiaridade dele é exatamente ser triangular, ou seja, existem dois outros pólos - mãe e pai - que não são expectadores passivos, mas pessoas ativas, seja em modo objetivo que subjetivo. Tanto na prática clínica quanto nas observações quotidianas são percebidas diversas pequenas mudanças, diversos nuances eróticos nas relações do casal que ocorrem com o nascimento do filho homem. Assim como Freud inicialmente percebeu que os filhos tinham sonhos eróticos com seus genitores, observa-se que também os genitores têm sonhos eróticos com seus filhos. Então, se analisarmos o evento edípico em etapas anteriores a sua instalação como o conhecemos através da pesquisa psicanalítica, percebemos que no início a criança é indiferente às diversas personalidades do ambiente. A ela interessa sobreviver e diminuir a tensão causada pelas carências ou necessidades fisiológicas. Depois, inicia uma diferenciação e uma preferencialidade pela figura materna que, gradativamente, eclode no momento edípico como o conhecemos hoje. Podemos observar dois aspectos importantes. Antes de tudo o complexo de Édipo se desenvolve em um terreno que pré-existe: a família. Antes que exista um Édipo, antes que exista um bebê, existe já um ambiente que o

aguarda de um certo modo, que tem precisas expectativas e crenças sobre o bebê, tem já um modo de viver, de ser e um lugar calculado para o bebê. Depois, o primeiro movimento edípico é em direção à mãe, seja no menino que na menina.

Portanto, a pergunta a ser feita é: em que modo o pólo mãe contribui, interfere ou desencadeia o evento edípico que depois foi considerado como uma etapa normal do desenvolvimento humano, um evento tipicamente infantil da natureza humana? Talvez pudéssemos pensar em um complexo de Jocasta como terreno para o desenvolvimento do complexo de Édipo.

Aquilo que pretendemos com esta pesquisa é apresentar a visão do complexo de Édipo segunda a ciência ontopsicológica identificando variações subjetivas importantes que ocorrem na relação do casal, na percepção de cada um dos genitores de si mesmo e do companheiro diante do nascimento do filho homem. Estas observações abrem caminho para compreender em que grau estas variações, estes nuances erótico-afetivos são determinantes para o desenrolar da situação edípica.

A novidade teórica consiste em compreender a situação edípica de um outro ponto de vista: aquele dos genitores e, em modo específico, da mãe. Da pesquisa bibliográfica verifica-se que o papel da mãe foi negligenciado. A importância de compreender tal aspecto reside no fato de que ele é determinante para o desenvolvimento de uma personalidade madura. E mais ainda, porque envolve três indivíduos em uma experiência universal, aquela da família. O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti em “*Psicoterapia e Società*” diz:

Antes de discutirmos as grandes políticas, as grandes magistraturas, as grandes religiões, as grandes impositões de massa, devemos verificar, discutir, avaliar, analisar, o berço da sociedade, a sentinela da sociedade que é a família. Por que é a família? – segue o Professor Meneghetti – Porque de fato na constatação biológica, psicossocial deste planeta, o homem é determinado pelo interior de sua família mais do que todas as outras formas de escola, de adestramento, de especificidade. (MENEGETTI, 1989, p. 130)

Como contribuição prática, podemos ter um outro modelo de relacionamento familiar que contribua para o melhor desenvolvimento de seus membros. Em âmbito clínico, tendo uma compreensão mais precisa da dinâmica familiar, tem-se a possibilidade de intervir de modo mais eficiente.

Através da metodologia ontopsicológica aplicada na interpretação do teste do desenho da Família – com algumas variações – serão analisados dezoito casais com

filhos homens de seis meses a seis anos. Um questionário projetivo e um questionário histórico-biográfico complementam os dados.

O interesse neste tema nasceu em âmbito clínico onde aspectos afetivo-eróticos observados na psicoterapia com adultos e crianças não coincidiam completamente com a clássica visão psicanalítica do Complexo de Édipo.

CAPÍTULO I

REVISÃO TEÓRICA

1.1 O COMPLEXO DE ÉDIPO SEGUNDO SIGMUND FREUD

Quando Freud pesquisava sobre os fenômenos oníricos em 1900 percebeu que freqüentemente as crianças sonhavam com a morte de um dos genitores, geralmente o genitor do sexo oposto. Entendendo o sonho como a realização de um desejo inconsciente, buscou compreender porque a criança teria este desejo, já que os pais a cobrem de amor e suprem suas necessidades. Chegou à constatação de que:

Uma preferência sexual se fizesse sentir numa tenra idade: como se os meninos olhassem o pai, e as meninas, a mãe como seus rivais no amor, rivais cuja eliminação não poderia deixar de lhe trazer vantagens. (FREUD, 1972c, p. 252).

Também a presença de sonhos incestuosos ainda que de modo disfarçado é observada neste período da pesquisa analítica. Em contraposição ao pensamento da época, Freud anunciava as manifestações da sexualidade desde a tenra infância. Posteriormente destaca que tais manifestações da sexualidade infantil são dirigidas aos próprios pais.

Como conceito, o complexo de Édipo já pode ser sentido no material exposto nas *Cinco Conferências sobre a Psicanálise* de 1910 e a adoção do termo *Complexo de Édipo* foi usada pela primeira vez pouco depois de Freud haver pronunciado estas conferências, mais precisamente em *Um tipo especial de escolha de objeto – Psicologia do Amor I*, também de 1910. Mas é somente em 1923 em *O Ego e o Id* que é feita a descrição completa do Complexo de Édipo. Com a nova concepção do aparelho psíquico, o Complexo de Édipo foi descrito em seus dois aspectos, positivo e negativo.

Após uma revisão e reestruturação de conceitos fundamentais como inconsciente descritivo e inconsciente dinâmico, Id, Ego e Superego que foi adotada dali por diante, Freud descreve que o menino, em tenra idade, desenvolve uma catexia objetual pela mãe originalmente relacionada ao seio materno e cria uma identificação com o pai. Neste

período, sentimentos de ternura são dirigidos à mãe, a qual é responsável pela satisfação de suas necessidades, e também de um interesse pela figura paterna a quem o menino admira. Após algum tempo em que estes dois relacionamentos avançam lado a lado, os desejos sexuais do menino em relação à mãe se tornam mais intensos e o pai passa a ser visto como um obstáculo à satisfação destes. Está instalado o Complexo de Édipo que, classicamente, é datado temporalmente; é considerado uma fase do desenvolvimento infantil que se desenvolve entre os três e os seis anos de idade. A então identificação com o pai agora se transforma num desejo de livrar-se dele a fim de ocupar seu lugar junto ao afeto da mãe. Ao tomar a mãe como objeto de suas pulsões libidinais, o pai - até então admirado - converte-se em rival, pois se torna um empecilho às demandas do menino em direção à mãe. A relação com o pai adquire nuances de hostilidade e culmina no desejo de tomar seu lugar junto à mãe. Assim,

[...] atitude ambivalente em relação ao pai e uma relação objetal de tipo unicamente afetuoso com a mãe constituem o conteúdo do complexo de Édipo positivo simples num menino. (FREUD, 1972b, p.46).

No lugar da catexia objetal da mãe que deve ser abandonada com a demolição do complexo de Édipo, podem surgir duas coisas: uma identificação com a mãe ou um reforço daquela primária identificação com o pai. Diz Freud (1972b, p. 46) que este segundo modo é o que estamos acostumados a encarar como normal, pois consolidaria a masculinidade no caráter de um menino. Este insistiria na ligação com a mãe, ocupando o lugar do pai, o que caracteriza a postura ativa e foi chamado de complexo positivo. Na menina o desfecho se dá por uma intensificação de sua identificação com a mãe ou o estabelecimento desta identificação pela primeira vez, o que fixará o caráter feminino da menina. Na sua forma negativa, ou invertida como também é chamada, é a identificação com a mãe que se acentua no caso masculino e a identificação com o pai acentuada no caso da menina. No que foi inicialmente chamado de aspecto negativo do complexo, o progenitor do mesmo sexo é que suscita a ligação amorosa, enquanto o do sexo oposto é objeto de rivalidade e de sentimentos hostis. Aqui Freud percebe o desenrolar do complexo de Édipo de modo análogo no menino e na menina, posição que abandonará mais tarde. A típica afeição da menina em relação ao pai foi nominada por Jung¹

¹ JUNG, C. G. *Freud e a Psicanálise*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

“complexo de Electra”². Jung tem uma visão muito próxima da ortodoxia freudiana ainda que considere excessiva a importância dada por Freud ao trauma sexual infantil.

Em 1924 Freud propôs o que seria, em primeira linha, a dissolução do Complexo de Édipo. Tido como fenômeno central do período sexual da primeira infância, ele sucumbe à regressão e instala-se o período de latência. Este processo foi considerado natural, como um programa hereditário; “chegou a hora de sua dissolução tal como os dentes de leite caem quando os permanentes começam a crescer.” (FREUD, 1972b, p. 218)

Dissolve-se devido a sua falta de sucesso. Ainda assim Freud achou interessante acompanhar como esse programa inato é executado. Observou que, quando o interesse da criança está voltado para os seus órgãos genitais, ela gosta de manipulá-los e percebe que isso não é aprovado pelos adultos que ameaçam retirar aquele órgão.

Geralmente, é de mulheres que emana a ameaça; com muita freqüência elas buscam reforçar sua autoridade por uma referência ao pai ou ao médico, os quais como dizem levarão a cabo a punição. (FREUD, 1972b, p. 219)

Neste mesmo artigo, Freud faz uma associação entre a incontinência noturna infantil e as poluções dos adultos: ambas seria uma expressão da mesma excitação dos órgãos sexuais. Seria a ameaça de castração que ocasionaria a destruição da organização genital fálica da criança. Antes de aceitar a possibilidade de castração ela se vê diante de suas possibilidades: colocar-se no lugar do pai e ter relações com a mãe ou assumir o lugar da mãe e ser amado pelo pai. Quando constata a ausência de pênis na mulher e com isso aceita a possibilidade de castração, suas duas maneiras possíveis de obter satisfação implicam na perda de seu pênis – uma como punição e outra como condição. Surge um conflito entre seu interesse narcísico desta parte do corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Deste conflito resulta que a criança abandona o complexo de Édipo. A autoridade dos pais é introjetada e forma-se o núcleo do Superego que perpetua a proibição do incesto. Este processo tanto perpetuou o órgão afastando o perigo de castração quando o paralisou, pois removeu sua função; esta é a premissa para o surgimento então do período de latência que se caracteriza como aquele em que as

² Electra, filha de Climnestra e Agamenon, um dos heróis de Tróia, é uma das figuras femininas mais discutidas da tradição literária grega. Conta a lenda que Agamenon foi morto por Climnestra e seu amante após seu regresso a casa. Durante anos Electra foi escrava do casal, mas com o auxílio do irmão Orestes, vingou o pai assassinando a mãe. O termo “Complexo de Electra” é usado nas abordagens psicanalíticas em contrapartida ao complexo de Édipo para designar o desejo incestuoso da filha pelo pai.

experiências sexuais edípicas caem sob o poder da repressão. Em condições favoráveis o complexo de Édipo tende a dissolução: o menino tende a se identificar com o pai e desta forma, no futuro, escolherá outra mulher como objeto, mantendo com a mãe uma relação objetual afetuosa uma vez que o pai interdita a relação entre filho e mãe. A grande importância deste fenômeno do desenvolvimento infantil é que ele influencia na determinação e na eleição do objeto sexual por homens adultos.

Mas esse processo descreve somente a criança do sexo masculino e embora na menina observa-se também um investimento erótico na figura paterna, um Superego e um período de latência, o processo não ocorre da mesma forma. Enquanto o menino teme a castração, a menina a vê como um fato consumado e é a ameaça da perda do amor, resultante da criação e da intimidação oriunda do exterior, que contribui para interrupção da organização genital. Porém a menina não pode aceitar a castração sem uma compensação: ela substitui o pênis pelo desejo de ter um bebê. Ao final deste artigo Freud admite que: “minha compreensão interna deste processo de desenvolvimento em meninas em geral é insatisfatório, incompleto e vago.” (FREUD, 1972b, p. 224)

Em 1925 em “*Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*” e em 1931 em “*Sexualidade Feminina*” fornece uma descrição do processo edípico em meninas muito diferente desta primeira.

Freud era queixoso da obscuridade que envolvia a vida sexual das mulheres e isto o conduziu a princípio a tomá-la como análoga à masculina, mas tropeça na clara compreensão da evolução psicosexual da menina: a mudança de objeto, vicissitude da sexualidade feminina, não tem equivalente no menino.

Naquele primeiro artigo encontramos uma concepção diferente onde se começa a supor que o complexo de Édipo na menina tenha uma longa pré-história e que constitua uma formação secundária. Aquilo que constituiria o primeiro passo da fase fálica seria uma percepção que as meninas estariam destinadas a fazer: percebem o pênis como um órgão grande e notável e o identificam ao seu órgão que por sua vez é pequeno e imperceptível; “desta ocasião em diante caem vítimas da inveja do pênis.” (FREUD, 1972b, p. 313)

A partir disso, dois caminhos seriam possíveis: ou começa a desejar ter o pênis ou recusa o fato de ser castrada e enrijece na concepção de que realmente o tem e passa a comportar-se como se fosse homem dando origem ao homossexualismo feminino. Esta inveja do pênis é a raiz do sentimento de inferioridade que então se desenvolveria. Depois que abandona a explicação da ausência do pênis como uma punição pessoal e

percebe que é uma condição universal, começa a sentir um desprezo por um sexo tido como inferior. A inveja do pênis persistiria no traço característico do ciúme e afrouxaria a relação afetiva da menina com seu objeto materno. A mãe é considerada responsável por sua falta de pênis, inicia um ciúme de outras crianças e a crença de que a mãe goste mais de outros do que dela, o que constitui motivo para que abandone sua ligação com a mãe. Até aqui não há indícios do complexo de Édipo.

Agora, porém, a libido da menina desliza para uma nova posição ao longo da linha – não há outra maneira de exprimi-lo – da equação pênis-criança. Ela abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; com esse fim em vista toma o pai como seu objeto de amor. A mãe se torna objeto de seu ciúme. (FREUD, 1972b, p. 318)

Mas se no menino é o medo da castração que o leva a abandonar seu amor incestuoso, e na menina a castração é o que a introduz no complexo de Édipo, o que a faz abandoná-lo? De modo sintético, o menino renuncia aos seus desejos sensuais e hostis edípicos por causa do temor da castração (interesse narcisista nos órgãos genitais) enquanto a menina a resolução se dá por causa do medo da perda de amor e medo de lesões físicas e por causa da decepção e vergonha. A superação do complexo de Édipo contribuirá para a gênese do Superego. Destas diferenças decorrem Superegos igualmente diferentes: traços de caráter, senso de justiça e aptidão a submeter-se às exigências da vida são conseqüências psíquicas da distinção anatômica dos sexos.

Certamente que as características peculiares de cada família foram consideradas. O modo como os pais lidam com as fantasias incestuosas da criança ou com sua hostilidade, a presença de irmãos mais velhos que podem paralelamente duplicar a experiência edípica, a ausência de um dos pais ou ainda a presença de outros membros que apresentem posições de poder no interior da dinâmica familiar são todos aspectos que interferem diretamente no desenrolar do complexo de Édipo. Pode-se dizer que a moral da família influencia a forma que assume o complexo de Édipo dos filhos.

Então o complexo de Édipo é fato biológico, inerente a espécie humana ou é produto da instituição social da família? O problema da origem do complexo de Édipo reduz-se ao problema da origem da família. Freud postulou uma hipótese cuja origem se situaria num período pré-histórico em que a humanidade se organizava em hordas conduzidas por um chefe/pai. Em uma atitude de independência este pai fora morto e comido pelos filhos. A eliminação deste pai primitivo pelo grupo de filhos teria deixado

traços radicais na história da humanidade inaugurando o primeiro “remorso”, a primeira “inibição”.

Também chamado de *complexo nuclear das neuroses*, o complexo de Édipo recebe ainda outra curiosa denominação: *complexo paterno*³. Aqui é possível começar uma discussão: enquanto todos falem de Édipo, onde fica Jocasta neste contexto? Sendo um dos pólos-chave da trama edípica, não se pode minimamente imaginar que tenha uma atitude tão secundária a ponto de não interferir. A ela foi dado o papel de coadjuvante, mas que influência e participação tem a mãe como centro de referência afetiva para toda a criança naquilo que depois foi considerado um fenômeno natural e tipicamente infantil?

André Green (1991), psicanalista francês que se propôs a delinear todo o roteiro conceitual do complexo de castração na obra de Freud, fornece passagens importantes que, improvisadamente, mostram como o papel da figura materna foi negligenciado. Assim descreve o complexo de castração:

[...] trata-se de uma formação psíquica, nascida do desenvolvimento da sexualidade infantil, do desejo que ela provoca e de suas conseqüências na imaginação da criança. Ele é precedido, às vezes – com muito mais freqüência antigamente –, de ameaça proferida pela mãe ou por um de seus substitutos (empregada, governanta) para intimidar a criança e incitá-la a renunciar ao prazer auto-erótico. Todavia, se a ameaça vem das mulheres, a execução da sansão é atribuída aos homens: o pai o médico, etc. (GREEN, 1981, p. 8)

Como podemos explicar que o sujeito da ameaça seja absolvido do ato? Na mesma obra, “*O complexo de Castração*” de 1991, quando o autor se refere ao chamado complexo de Édipo negativo que no homem leva a busca do amor do pai e a submissão sexual a este, refere que tal inversão não impede que este pai continue sendo o castrador (p. 41). Ao pai é dada continuamente a posição de carrasco, seja quando é o adversário, seja quando é o objeto de desejo.

O que definitivamente ceta esta visão santificada da mãe é o próprio conceito psicanalítico de cena primária. A cena primária, regularmente associada a projeções do sadismo na figura do pai, apresenta a etiologia da castração: a mãe sofre a castração através da penetração fálica do pai que corta o pênis materno e a penetra analmente.

³ É interessante sublinhar essa denominação. Por que não se chama “complexo materno” ou “complexo infantil” ou ainda “complexo masculino”?

André Green afirma que *Moisés e o Monoteísmo*⁴ é um convite de Freud aos psicanalistas para que não se desviem do mito que funda a teoria freudiana: o do pai da horda primitiva e seu assassinato por seus filhos. (1991, p. 62)

Para compreender melhor a posição da mãe na triangulação edípica, fizemos o mesmo: voltamos ao mito de referência. A palavra Édipo hoje é de uso corrente não só em ambiente psicológico como também aquele popular. Antes de serem retomadas por Freud, as tragédias gregas tiveram um surto de popularidade na renascença italiana. Porém a familiaridade que se possa ter com tal conteúdo não inclui necessariamente conhecimento de mito e raramente a trilogia de Sófocles é lida na íntegra.

É em *A Interpretação dos Sonhos* (1900) que Freud traz à luz a lenda de Édipo considerada por ele como contendo um poder profundo e universal de comover que só pode ser compreendido se a hipótese que propôs com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. Contada por Freud nessa mesma obra, a lenda de Édipo Rei é assim tomada:

Édipo, filho de Laio, Rei de Tebas, e de Jocasta, foi enjeitado quando criança porque um oráculo advertira Laio de que a criança ainda por nascer seria o assassino de seu pai. A criança foi salva e cresceu como príncipe numa corte estrangeira, até que, em dúvida quanto as suas origens, também ele interrogou um oráculo e foi alertado para evitar sua cidade, já que estava predestinado a assassinar seu pai e receber sua mãe em casamento. Na estrada que o levava para longe do local em que ele acreditava ser seu lar, encontrou-se com o rei Laio e o matou numa súbita rixa. Em seguida dirigiu-se a Tebas e decifrou o enigma apresentado pela Esfinge que lhe barrava o caminho. Por gratidão os tebanos fizeram-no rei e lhe deram a mão de Jocasta em casamento. Ele reinou por muito tempo com paz e honra, e aquela que, sem que ele o soubesse, era sua mãe, deu-lhe dois filhos e duas filhas. Por fim, então, irrompeu uma peste e os tebanos mais uma vez consultaram o oráculo. É nesse ponto que inicia a tragédia se Sófocles. Os mensageiros trazem de volta a resposta de que a peste cessará quando o assassino de Laio tiver sido expulso do país. ‘Mas ele, onde está ele? Onde se há de ler agora o desbotado registro dessa culpa de outrora?’ A ação da peça não consiste em nada além do processo de revelação, com engenhosos adiamentos e sensação sempre crescente – um processo que pode ser comparado ao processo de uma psicanálise – de que o próprio Édipo é o assassino de Laio, mas também de que é o filho do homem assassinado e de Jocasta. Estarrecido ante o ato abominável que inadvertidamente perpetrara, Édipo cega a si próprio e abandona o lar. A predição do oráculo fora cumprida. (FREUD, 1972c, p. 256-257)

⁴ Volume XXIII das Obras completas de Sigmund Freud.

O que Freud destaca a partir desta narração é que o que comove tanto não é porque é uma tragédia do destino que reside no contraste entre a suprema vontade dos deuses e as vãs tentativas da humanidade de escapar ao mal que a ameaça, como afirmavam os dramaturgos; mas porque o destino de Édipo poderia ter sido o nosso, no sentido de que é nosso destino dirigir o primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio para nosso pai. Mais afortunados que Édipo, nós conseguimos, diz Freud, desprender nossos impulsos sexuais de nossas mães e esquecer nossos ciúmes de nossos pais, se não nos tenhamos tornado psiconeuróticos. Ressalta que a lenda brotou de algum material onírico primitivo que tinha como conteúdo a aflitiva perturbação da relação de uma criança com seus pais, diante dos primeiros sobressaltos da sexualidade. Freud associa na lenda de Édipo, como em outras ocasiões, a cegueira com a castração.

1.2 O MITO DE ÉDIPO E OS CONTOS DE FADAS

O nascimento e a função dos mitos são aspectos muito controversos e desde sempre problematizaram filósofos, antropólogos e psicanalistas. Presente em todas as culturas, independente dos aspectos divergentes todos concordam que os mitos são narrativas de origem remota e de significação simbólica; encarnam fenômenos fundamentais da vida: descrevem a vida de cada povo, sua forma de viver, sua vida social, sua maneira de ser, seus modelos de comportamento.

Este já conhecido – embora nem tanto - mito de Édipo, quando revisado, nas tantas traduções da tragédia de Sófocles⁵, revela detalhes importantes que descrevem os mesmos fatos, mas acrescentam variáveis significativas.

Laio, filho de Lábdaco, rei de Tebas e marido de Jocasta, filha de Meneceu, estava muito preocupado, pois não havia um herdeiro de sua linhagem para o trono. Levando ricos presentes foi pedir ajuda a Apolo através de sua sacerdotisa. Pítia era a Sacerdotisa no templo de Apolo em Delfos e através da inalação de folhas de loureiro queimadas entrava em transe e proferia os famosos oráculos do deus. Porém os oráculos vinham em versos obscuros que o consulente deveria interpretar. Diante do pedido de Laio, a Pítia proferiu o oráculo:

⁵ Filho de um rico proprietário de terras durante o apogeu de Atenas, Sófocles exerceu importante influência na vida pública cidade colaborando na revisão de tributos, nas estratégias de saúde pública, na vida religiosa, mas é como trágico que define sua atividade principal. Compôs mais de cem tragédias cuja mola-mestre era a irreduzível vontade do herói em cena, a luta contra a tirana vontade dos deuses.

“Filho de Lábdaco!”, dizia a resposta de Apolo, “Você pediu a dádiva de ter descendentes e seu desejo realizar-se-á. Terá um filho, mas o seu destino é morrer pelas mãos dele e toda sua raça se afogar em sangue. Assim decidiu Zeus, o filho de Cronos.” (STEPHANIDES, 2001, p. 9)

Aterrorizado com a profecia, pensava em uma maneira de escapar à sua sina. Chegando ao castelo em Tebas, assim que viu Jocasta, decidiu que a partir dali dormiriam em quartos separados. Evitando a gestação mudaria seu triste destino. Jocasta, que sempre ansiara por um filho, não deu atenção ao oráculo e durante um banquete encheu-lhe copos e copos de vinho. Nessa noite, dormiram no mesmo leito. Agora, o único modo de evitar a profecia seria afastar o filho do pai. Assim, o recém-nascido foi entregue ao pastor de maior confiança do rei Laio com a missão de abandoná-lo nas montanhas. Com receio que o bebê conseguisse escapar deveria furar-lhe os pés com um ferro e pendurá-lo em uma árvore.

Comovido pelos lamentos da rainha Jocasta, o pastor pensava em um modo de salvar a criança. Estando no monte Citéron encontrou outro pastor que cuidava dos rebanhos de Pólibo, rei de Corinto, considerado um homem de bom coração. Levada ao rei de Corinto que não tinha filhos, a criança foi recolhida por este com alegria. Pólibo e sua mulher Mérope a adotaram para que ela mais tarde reinasse no trono de Corinto. Quando pensaram em que nome dar a criança decidiram-se pelo nome de Édipo, “aquele que tem pés inchados”. (STEPHANIDES, 2001, p. 11)

Édipo cresceu e tornou-se um jovem inteligente, forte e audacioso, reconhecido como superior por todos de seu reino. Mas era também impulsivo e zangava-se com facilidade. Em uma festa com amigos, um jovem sentiu-se ofendido com as atitudes do herdeiro do trono de Corinto chamando-lhe de bastardo. Mesmo assegurado de sua paternidade por Pólibo e Mérope, a partir deste dia Édipo não descansou. Torturado pela sua dúvida, dirigiu-se ao mesmo oráculo de Delfos, o mais famoso de toda a antiguidade, e ouviu a resposta que Apolo lhe deu através da Pítia:

Vá embora daqui, amaldiçoado! Você subirá ao trono de seu pai, tendo-o assassinado primeiro. Depois irá se casar com sua própria mãe e terá filhos que serão odiados por deuses e homens! (STEPHANIDES, 2001, p. 13)

Horrorizado com tal possibilidade e acreditando que seu pai fosse o rei de Corinto, Édipo não regressa a sua cidade e decide correr o mundo. Na estrada para Tebas, no ponto em que o caminho para Delfos se encontra com o caminho para Dáulis,

em um lugar estreito que apenas um carro poderia passar, encontra um grupo de viajantes. Em uma disputa sobre quem passaria primeiro, o mais velho de todos bateu-lhe no rosto com seu chicote, o suficiente para que o impetuoso Édipo se enchesse de fúria e lhe golpeasse o peito com seu cajado. A força foi tanta que o homem foi arremessado do carro e encontrou a morte nas pedras da estrada. Os acompanhantes tentaram paralisá-lo com lanças e espadas, mas nenhum tinha a destreza do jovem Édipo e apenas um homem deste grupo sobreviveu e fugiu. Era o arauto de Laio que viajava em busca da solução para o problema da Esfinge que assolava Tebas.

A Esfinge era um monstro fabuloso com corpo de leão, dorso e cabeça de mulher e asas de águia que havia sido enviada por uma divindade para vingar, entre os tebanos, um crime impune do rei Laio. A Esfinge fixou-se nos arredores de Tebas e devorava todos os transeuntes que não decifrassem seu enigma. Quando Édipo chegou à cidade, a Esfinge lhe propôs um enigma: “Qual é a criatura que, pela manhã, anda com quatro pernas, ao meio-dia, com duas e, à tarde, com três?” (STEPHANIDES, 2001, p. 15) Édipo era inteligente e astuto e com segurança imediatamente respondeu: “É o homem! No começo de sua vida ele engatinha, usando os dois braços e as duas pernas para se locomover. Ao crescer, anda apenas com as duas pernas. Enfim, quando envelhece, apóia-se sobre uma bengala, que lhe serve assim de terceira perna!” (STEPHANIDES, 2001, p. 15)

Após a resposta, a Esfinge, tomada pela raiva, agitou-se de tal modo que caiu de seu posto no lato das pedras e morreu. Do outro lado da cidade os tebanos foram avisados que seu rei havia sido morto. O criado que se salvara na encruzilhada, temendo a vergonha de ter sido vencido por um só homem, contara que a comitiva teria sido atacada por ladrões. Quando o lamento pela morte do rei já serenava, Creonte, o irmão de Jocasta, convoca o povo em assembléia e declara que, para resolver o problema da sucessão, pois não havia herdeiros ao trono, e também o da Esfinge, aquele que conseguisse libertar Tebas de seu terrível flagelo, teria como recompensa o trono de Laio e a mão da rainha viúva, Jocasta. Mal terminou de proferir suas palavras e um cidadão de Tebas anuncia que a Esfinge está morta; o herói de tal feito é um estrangeiro.

O oráculo se cumpria: tendo assassinado o pai, desposaria agora sua mãe. Insciente de sua condição, Édipo estava feliz, pois acreditava ter escapado do vaticínio do oráculo; bastava que nunca retornasse a Corinto. Édipo reinou com prudência e contava com grande apreço de seu povo. Teve quatro filhos com Jocasta e assim se realizava também a última parte do oráculo: seus filhos eram também seus irmãos.

Sobre seu reino não pairava nenhuma desconfiança, apenas o sábio Tirésias, o adivinho cego, sempre que sentia a presença de Édipo, virava o rosto para outro lado.

Para punir os crimes involuntários de Édipo, os deuses devastaram Tebas com a peste. Para saber por que os deuses estavam zangados com os tebanos, Édipo envia Creonte, quem lhe entregou o poder, a fim de que consulte outra vez mesmo oráculo de Delfos. A resposta foi que o castigo duraria até que os assassinos de Laio não fossem punidos. Édipo empreende múltiplos esforços a fim de desvendar o antigo crime:

“[...] se sou estrangeiro e não tenho qualquer relação com o assassinato ocorrido antes de minha chegada a Tebas, tenho a obrigação, na condição de rei, de encontrar o culpado que conspurca nossa terra [...] eu tenho o dever de lutar pelo morto como se ele fosse o meu pai [...]” (STEPHANIDES, 2001, p. 28-29)

Para auxiliar a desvendar o mistério é chamado ao palácio o sábio Tirésias, “o único entre os homens que, apesar de cego, enxerga de longe e conhece tudo aquilo que nós desconhecemos” (STEPHANIDES, 2001, p. 30). Tirésias, que de fato sabia de toda a verdade, insiste em manter-se calado, mas diante dos insultos de Édipo, desfecha seu saber: “[...] eu digo que o assassino que procura, é você mesmo. [...] Digo que você se uniu à sua parenta mais próxima e que não percebe que esta vivendo a chafurdar na lama.” (STEPHANIDES, 2001, p. 33)

Nem Édipo, nem o coro dos anciãos parecem ouvir as revelações e Édipo acusa Creonte de tentar culpá-lo. Mas o sábio Tirésias insiste:

[...] digo que o assassino de Laio está aqui, na minha frente. E que não é estrangeiro, é tebano, coisa que nada lhe agradará quando souber. E embora outrora pudesse ver, fosse rico e poderoso, irá, por fim, vagar por terras estrangeiras, cego, pobre e fraco, de bengala na mão, a tatear o caminho. Porque irá descobrir que é ao mesmo tempo pai e irmão de seus filhos, marido e filho da esposa, havendo matado o pai e maculado seu leito. (STEPHANIDES, 2001, p. 36)

Ainda sem ouvir o que diz o sábio, Édipo insiste em acusar Creonte de tramar contra o rei e discutem acirradamente. Pela primeira vez no relato, Jocasta entra em cena e intervém na discussão ordenando que Creonte se retire e que Édipo lhe informe sobre o motivo do desentendimento: Tirésias diz que Édipo é o assassino de Laio e Édipo diz que Creonte é o mandatário de tal acusação. Ao que diz Jocasta:

Eu lhe diria que não há mortal que conheça a arte divinatória. E, para convencê-lo disto, vou lhe conta uma coisa: certa vez Laio recebeu uma mensagem do oráculo – não posso dizer que era de Apolo, mas

sim de seus sacerdotes – que dizia que ele seria morto pelo próprio filho. E, no entanto, segundo disseram, foi assassinado por ladrões em uma encruzilhada. Quanto ao filho, menos de três dias após seu nascimento, Laio o amarrou pelos tornozelos e o entregou para que o abandonassem em uma montanha inacessível. E foi o que aconteceu. Assim o deus não permitiu nem que o filho se tornasse o assassino do pai, nem que os medos de Laio se concretizassem. Por isso não deu ouvido a profecias e adivinhações e saiba que, mais dia menos dia, aquilo que os deuses não querem que permaneça oculto sempre vem à luz. (STEPHANIDES, 2001, p. 42)

Édipo começa a enxergar a tragédia e pergunta a Jocasta como era Laio quando morreu, sua idade, sua estatura. A Rainha responde: “Era alto, os cabelos mal começavam a encanecer e não tinha uma aparência muito diferente da sua”. (STEPHANIDES, 2001, p. 43)

Como é possível que Édipo não tenha ouvido o que disse Tirésias de modo muito claro por duas vezes, e também não tenha ouvido o que detalhadamente disse Jocasta, mas como é possível, sobretudo, que Jocasta sabendo da profecia não perceba as coincidências!

Agora Édipo começa a pensar que é, de fato, o assassino de Laio, mas não dá atenção à maternidade de Jocasta. Conta a Jocasta porque saíra de Corinto e como encontrara um arauto como aquele que ela descreveu sendo de Laio.

Tendo ouvido a profecia que tivera Édipo, ainda assim Jocasta não encontra semelhança?

Mandam, então, chamar o sobrevivente do arauto em que Laio foi morto enquanto chega um mensageiro de Corinto com a notícia da morte do Pólibo. Édipo acolhe com tristeza, mas também alívio, pois este fato confirma o engano da sua profecia e reafirma a possibilidade de Tirésias estar enganado sobre Édipo ser o assassino de Laio. Jocasta diz aliviada desejando que Édipo, diante destes fatos, desconsidere a possibilidade de ser o assassino de Laio:

Mas será que não está ainda convencido de que tudo acontece ao acaso? E embora não haja ninguém que possa ver o futuro sem erro, você fica a temer um casamento com sua própria mãe? Ou será que são poucos aqueles que em sonho, dormiram com a mãe? Alguma vez tais sonhos se tornaram realidade? (STEPHANIDES, 2001, p. 50)

O estrangeiro, tendo ouvido de Édipo a profecia de que mataria o pai e esposaria a mãe, revela que Édipo não tem do que se preocupar, pois não é filho de Pólibo e Mérope, mas que fora entregue por ele mesmo ao rei de Corinto depois de ter sido

encontrado amarrado pelos pés no monte Citéron. Nesse momento, dito com todas as palavras, Jocasta vê a verdade e começa a pedir insistentemente que Édipo desista de encontrar a verdade sobre sua paternidade. Pede quatro vezes que esqueça e deixe tudo como está:

[...] Ai, Édipo! Édipo! Não dê importância a estas palavras e esqueça-as para seu próprio bem. [...]
 [...] Não Édipo, pelos deuses! Não procure mais, se tem amor a usa vida! A minha dor já é o suficiente! [...]
 [...] Ouça-me, pare com isso que esta fazendo! [...]
 [...] Pelo seu próprio bem infeliz! Ouça a voz da razão. [...]
 (STEPHANIDES, 2001, p. 52-53)

Jocasta se retirara diante da insistência de Édipo em continuar a esclarecer tudo. Quando os dois pastores se encontraram a verdade veio à tona. Édipo se lamenta:

Ai de mim! Eis que toda a verdade veio à luz! Quem me dera visse agora a luz pela última vez, já que foi revelado que eu nasci de quem não devia, deitei-me com quem não devia, matei quem não devia!
 (STEPHANIDES, 2001, p. 57-58)

Dizem os anciãos:

[...] Pobre Édipo, mas que desgraça te apanhou! Destruíste teu pai, maculaste-lhe o leito, deitaste-te com tua mãe! Ai, quantos anos esta cama ficou muda enquanto os filhos que te davam eram também teus irmãos!
 (STEPHANIDES, 2001, p. 59)

Jocasta se enforca em uma das vigas de seu quarto. Édipo retira o alfinete de ouro que prendia suas roupas e perfura os próprios olhos inúmeras vezes. Depois, voltando-se para o povo de Tebas diz:

Fiz o que devia. Afinal, se não suprimisse a luz dos meus olhos, como poderia, ao descer ao Hades, encarar meu pai e minha mãe? E a ambos causei um mal tão grande que qualquer castigo que sugerisse ainda assim seria insuficiente. [...] Oh, encruzilhada e ravina remota, que sorveram o sangue paterno derramado pelas minhas mãos, será que ainda se lembram dos atos pavorosos que cometi então? Oh, núpcias! As primeiras me geraram e as segundas deram ao mundo um pai, irmão, filhos, todos nascidos do mesmo ventre!
 (STEPHANIDES, 2001, p. 62)

Sobre Jocasta pede: “Por mais duro que seja comigo, eu mereço. Mas aquela que está morta lá dentro, cuide para que seja sepultada com todas as honrarias necessárias”. (STEPHANIDES, 2001, p. 63) E parte para um exílio voluntário guiado por sua filha Antígona. Os anciãos cantavam suas últimas considerações:

Oh, habitantes de Tebas, pátria nossa! Agora estais vendo! Esse homem que sabia resolver enigmas insolúveis e alçou-se aos píncaros da glória e do poder, - e, em verdade, quem não o invejava? – eis que temporal desabou sobre ele e em que pavorosa desgraça caiu! E eis porque não devemos julgar feliz um mortal antes de haver assistido ao último dia de sua vida! (STEPHANIDES, 2001, p. 65)

Édipo permaneceu até o fim de seus dias no bosque sagrado das Eumênides, em Colono, cidade próxima à Atenas.

Saldanha (1996) em seu artigo “*Paixão e destino em Édipo*” publicado na Revista Brasileira de Psicanálise toma Édipo como o mito do positivismo, pois o deus a que ele promete fidelidade é o conhecimento – logos. Associa a tragédia a passagem do princípio do prazer ao princípio da realidade, passagem esta necessária sempre que se deseje o conhecimento. Dos aspectos psíquicos abordados neste artigo vemos a utilização de vários mecanismos de defesa usados como forma de aliviar a tensão que o conhecimento causa: Édipo nega a declaração de Tirésias e o acusa de traição iniciando um mecanismo paranóide de defesa; Jocasta busca reprimir pedindo insistentemente que esqueçam. Observa-se também, neste artigo, que o sofrimento é tomado como inevitável: “O sofrimento é nosso inescapável destino [...]”. (SALDANHA, 1996, p. 311) Esta concepção é muito comum e encontrada também na visão do tradutor do mito de Édipo usado neste trabalho que abre seu livro com: “Tragédia: uma palavra forte, porém amena diante do maior de todos os dramas: o drama de Édipo”. (STEPHANIDES, 2001, p. 3) Na obra ela também vem reforçada, pois em sua última colocação, diz o coro: “E eis porque não devemos julgar feliz um mortal antes de haver assistido ao último dia de sua vida!” (STEPHANIDES, 2001, p. 65)

Esta leitura que realiza Saldanha incide nos mesmos padrões que camuflam a responsabilidade de Jocasta. O pai é tomado como verdadeiro vilão, incapaz de amar o filho e cruel a ponto de tentar assassiná-lo: “(...) pela segunda vez pai ataca filho, tenta tirá-lo de seu caminho”. (SALDANHA, 1996, p.318) Enquanto à mãe é dado o papel passivo: “(...) talvez o tom não acusatório, mas acolhedor das palavras da rainha, mesmo que instalando contra a verdade, tenha criado a condição para que Édipo pensasse”. (SALDANHA, 1996, p.317)

É sempre uma manobra inconsciente que todo homem, ainda que psicanalista capaz, acuse o pai e salve a mãe. É a recorrência do Édipo em todo entendimento também científico: não sendo exposta esta participação ativa da mãe também o homem de ciência pode continuar ocultando dentro de si seu amor incestuoso.

O mito de Édipo, mais estudado por nós do que pelos gregos, permitiu a muitos, de poetas a filósofos, abordar diversas questões: o problema da responsabilidade e da fatalidade, da tragédia e das implicações do saber ou do não saber. Revisando seus escritos percebe-se que, como de costume, a própria história ao longo do tempo foi sendo simplificada e aspectos importantes foram sendo suprimidos. Retomando o mito em todo seu contexto verificamos que podemos pensar em outros aspectos além da fatalidade e do inevitável.

Bruno Bettelheim (1980) em *“A Psicanálise dos Contos de Fadas”* inicia uma importante observação retomando a tragédia grega, mas analisando-a no ciclo mítico em que está inserida. Este ciclo de que nos fala Bettelheim inicia com Tântalo, rei lendário da Lídia. Desejando testar a capacidade dos deuses de tudo saber, assassina seu filho e o serve como banquete em um festim. Pela sua ofensa é condenado a não poder saciar nem sua sede nem sua fome, num ambiente repleto de frutas e de água. A maldade de Tântalo motivada por sua vaidade não causa a destruição do filho Pélope, que é então ressuscitado pelos deuses.

Pélope, por sua vez, enamorou-se de Hipodâmia, filha do Rei Enomaus de Elis que, desejando guardar a linda filha para si, exigia que seus pretendentes disputassem uma corrida de carruagens onde a vitória lhe garantiria o direito de matar o pretendente. Para subjugar-lo, Pélope substitui as barras de ouro da carruagem do Rei por outras de cera, vencendo então a corrida: recebeu a mão da Princesa e provocou a morte do Rei.

Do amor de Pélope e Hipodâmia nasceram os gêmeos Tiestes e Atreus. Tiestes seduziu a esposa do irmão que, para sua vingança, mandou assassinar os filhos deste servi-los ao pai em um banquete. Noutra versão, por ciúme, Tiestes, que era o mais novo dos dois, roubou o carneiro de Atreus que tinha os pêlos de ouro.

Pélope tinha também um filho ilegítimo, Crisipo. Conta o mito que o jovem Laio teria recebido abrigo e proteção na corte de Pélope, mas que, por ciúme da preferência de Pélope por Crisipo, teria seduzido-o.

Foi como castigo por este ato de rivalidade que o oráculo de Delfos teria dito a Laio que ele seria morto pelo próprio filho.

Édipo, por sua vez, teve quatro filhos: os gêmeos Etéocles e Polinice, que não apoiaram o pai em sua miséria; Antígona, que o acompanhou em seu exílio como já foi referido anteriormente; e Ismênia. Etéocles e Polinice entram em conflito pela posse do trono e originam a guerra dos Sete Chefes Contra Tebas. Mataram-se um ao outro em combate. Antígona, por devoção ao irmão morto, enterra Polinice contra as ordens do então rei, Creonte. Condenada por este a ser enterrada viva, enforcou-se.

Hêmon, filho de Creonte era apaixonado por Antígona. Creonte, não dando ouvidos as súplicas desesperadas do filho, condenando Antígona destrói também este que após tentar matar o pai, suicida-se com uma punhalada no peito. Também a esposa de Creonte suicida-se em razão da morte do filho.

Neste ciclo completo de mitos encontram-se todos os tipos de ligações incestuosas que terminam numa destruição total. Tântalo arriscara o filho por sua vaidade e destruíra a ambos; o Rei Enomaus desejara a filha para si assim como Jocasta – ainda que sem saber - tivera Édipo; a esposa de Creonte não suportara a ausência do filho e foi levada ao suicídio. O ciclo mítico refere-se às conseqüências trágicas que decorrem quando um pai utiliza o filho para suas próprias finalidades, sejam elas de poder ou vaidade como no caso de Tântalo, ou afetivas como no caso do Rei Enomaus. Também a rivalidade edípica fraterna parece ter no mito igual conseqüência desastrosa: o ciúme de Atreus por Tiestes e de Laio por Crisipo; ou a devoção de Antígona ao irmão Polinice⁶.

A interessante observação que faz Bettelheim quando reproduz este ciclo mítico pode ser focalizada na seguinte associação: Tântalo tentara destruir a vida do filho, que por sua vez forjara a morte do sogro Enomaus, assim como Laio tentará destruir Édipo, que por sua vez destrói Laio. Para Bettelheim: “este mito relata que os atos edípicos por parte dos pais precedem às atuações edípicas por parte dos filhos”. (BETTELHEIM, 1980, p. 9)

Essa frase abre um importante vértice para se compreender, ou por ora para se pesquisar, em que modo os pais contribuem para o estabelecimento do Édipo e, caso houvesse outros modos, este se daria como fase evolutiva do desenvolvimento ou teríamos outro percurso de desenvolvimento sexual?

⁶ Estranhamente, a única a sobreviver na família de Édipo é Ismênia - nas palavras de Bettelheim: “a irmã de Antígona, que não estava tão profundamente ligada a nenhum dos pais, nem aos irmãos, e não estava envolvida profundamente com nenhum membro próximo da família”. (1980, p. 237) Este aspecto, embora não seja o argumento desta pesquisa, sem dúvida merece consideração sempre que se pretende entender a dinâmica familiar e suas implicações ao crescimento.

Por que Tântalo dispõe da vida do filho com tal imprudência? O que poderia tê-lo estimulado a ser assim agressivo com o filho macho. Qual o papel e a influência da esposa de Tântalo? Provavelmente esquecida como foi Jocasta ou brindada com a isenção da passividade. Sabemos que é comum na clínica psicológica os casos em que o pai rivaliza com o filho. Muitos homens demonstram um discreto sentimento de rechaço ou de abandono por parte da esposa após o nascimento do primeiro filho. É como se ele advertisse uma pequena mudança, um pequeno nuance afetivo diverso no afeto da esposa na relação de casal. Sem dúvida é um sentimento carregado de culpa, pois é seu filho! Certo ou errado, justo ou injusto, fato é que este tipo de sentimento por parte do pai é freqüente.

Bettelheim também traça um paralelo entre o mito e os contos de fadas associando a tragédia de Édipo ao não menos conhecido conto intitulado “Branca de Neve”.

Expressão de mitos humanos universais, o conto distingue-se por ser uma história breve, mas densa, cuja imaginação, fabulação e a lenda são seus elementos integrantes. A observação psicológica profunda revela semelhanças entre mito, conto de fadas e sonhos ou devaneios adultos: os acontecimentos ali descritos sejam de modo mais ou menos fantástico exprimem o que impedimos de chegar à consciência. Através de uma linguagem simbólica representam conteúdos inconscientes que foram moldados por um consenso de diversas consciências a respeito do que consideram problemas humanos universais e, por isso, são contados por gerações e gerações.

Há, porém, diferenças cruciais. Uma delas reside no modo como são comunicados; enquanto no mito o sentimento dominante é que o fato ocorrido é de tal modo único que não poderia acontecer com nenhuma outra pessoa, embora inusitadas as situações descritas no conto de fada são apresentadas como comuns e possíveis de acontecer a qualquer pessoa. Outra diferença é que o final nos mitos é quase sempre trágico em contrapartida ao final dos contos que quase sempre é feliz, com raras exceções. O mito ainda comporta um caráter pessimista projetando uma personalidade ideal agindo na base das exigências do Superego enquanto a estória de fadas tende a ser otimista descrevendo uma integração do Ego capaz de permitir uma apropriada satisfação dos desejos do Id.

Considerado de conteúdo edípico, enquanto no mito edípico vemos uma situação em que a dificuldade é considerada insuperável, o conto “Branca de Neve” traz a

mensagem de que as dificuldades edípicas, por quanto possam parecer sem solução, são possíveis de serem resolvidas com êxito quando afrontadas corajosamente.

Para Bettelheim, os contos de fadas não dizem a razão de um pai ser incapaz de apreciar que um filho cresça e o supere, ou por que surge o ciúme. Analisando esta sua colocação, a ação ou o de desejo de superar implica um espaço único entre os dois adversários. Mas não teriam pai e filho um tempo e um lugar existencial diferentes? Qual é o ponto de união que possibilita o confronto de interesses entre duas pessoas com realidades afetivas e subjetivas tão diferentes? Ou pelo menos diferentes deveriam ser!

Enquanto nos contos cuja versão aborda o Édipo masculino o pai é declaradamente uma figura má na história e a mãe é uma aliada que auxilia, nas versões femininas a mãe é substituída por uma madrasta e o pai é um personagem passivo, quase um espectador!

No conto de origem britânica “João e o pé de Feijão”, o pai edípico é representado por um ogro ciumento que deseja devorá-lo, enquanto a mãe edípica é quem o auxilia, dando-lhe de comer e o protegendo-o do próprio marido. Curiosamente a mãe/mulher do ogro o esconde primeiro dentro de um forno e depois dentro de uma terrina de cozinhar. Estes aspectos foram associados a elementos orais do nosso herói infantil, mas poderíamos pensar também em aspectos possessivos da mãe que o mantém dentro de si, afinal os dois elementos – forno e terrina – têm em comum serem objetos de onde provêm alimentos exatamente como o corpo da mãe provia todo o leite necessário da fase oral.

Em duas versões de “Branca de Neve” a figura materna é substituída: ou a menina não é filha do casal ou a mãe verdadeira falece logo após o nascimento da menina e entra em cena a famosa madrasta. Estes dois personagens femininos podem ser cruéis como o pai/ogro, mas não a mãe.

1.3 A VISÃO ONTOPSICOLÓGICA⁷ DO COMPLEXO DE ÉDIPO

⁷ A Ontopsicologia é a ciência que nasce da experiência clínica de Antonio Meneghetti. Tem como objeto de estudo a atividade psíquica, possui um método específico e um fim. Para aprofundamento consultar MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. Porto Alegre, Psicológica Editrice do Brasil, 1993.

Para continuarmos fazendo ciência devemos avançar no conhecimento humano, ainda que isso implique ir além da Psicanálise ou abandonar um de seus importantes pressupostos quando a pesquisa e a observação, agora com novos instrumentos na medida em que toda a ciência avançou, colocam-nos diante de um novo conhecimento.

Na Europa vitoriana de Freud não existia Dolly⁸, o clone de ovelha, nem a *Internet*, nem o homem havia estado na lua. Também não havia o conhecimento dos campos semânticos. Considerada a primeira das três grandes descobertas da ciência Ontopsicológica⁹, e com uma dimensão capaz de alterar para sempre os cânones científicos, o campo semântico é a comunicação base que a própria vida estabeleceu entre as suas diversas individuações e foi o meio termo que tornou possível individuar aspectos fundamentais da natureza humana até então tomados como mistério.

Nascida da prática clínica exitosa, a Ontopsicologia apresenta uma importante visão sobre o conceito de complexo de Édipo psicanalítico que revoluciona a visão dinâmica familiar tanto quanto o conceito de sexualidade infantil revolucionou nos tempos de Freud.

Antonio Meneghetti (2000) identifica na cultura de hoje grande influência das formas teatrais pertencentes ao período grego e considera que “as tragédias descrevem uma tremenda realidade na qual o homem permanece confundido e é constrangido ao asservimento da sua parte mais vital”. (MENEGHETTI, 2000, p. 55)

Sófocles, junto a Ésquilo e Eurípides, são considerados por Meneghetti (2000) artistas que souberam mediar os conteúdos inconscientes daquele tipo de sociedade que tinha fortes características míticas e sacras; despiam os atores das características físicas atribuindo a eles aspectos divinos enquanto os autores eram considerados sábios. Dotados de grande sensibilidade, estes grandes trágicos traduziram em suas obras um conhecimento esquizofrênico do real humano e:

[...] revelam um estado humano em situação de estreito controle por parte de realidades estranhas a vida em si. Os vários personagens vivem e agem resignados, obedecendo à vontade de algo chamado destino ou deus. (MENEGHETTI, 2000a, p. 56)

⁸ Em 1997 a ciência realiza a primeira verdadeira clonagem, a famosa ovelha Dolly, obtida no Roslin Institute de Edimburgo. A possibilidade de clonagem, antes considerada ficção, torna-se fato científico.

⁹ As três descobertas exclusivas que estão na base do paradigma científico da Ontopsicologia são: Em Si ôntico, monitor de deflexão e campo semântico. Para esclarecimentos consultar MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. São Paulo, Ontopsicológica Editrice, 2001.

Deste ponto de vista, a tragédia de Édipo Rei expõe a extrema religiosidade de Sófocles que jamais questionou sobre as razões da existência da dor, mas estava convencido da necessidade da obediência aos deuses, da sua justiça e toma como princípio uma condição que para o homem é diminutiva. Considerado um sábio entre os seus, Sófocles foi impotente e impassível diante dos efeitos da dor e seus personagens foram homens constrangidos a suportar enormes fardos sem que houvesse saída. Todos de sua época compensavam seu próprio estado de dor e falência porque “afinal, Sófocles que é um grande mestre, disse, assim deveria ser”. Desta forma, o autor contribuía no esconder um desvio; sua obra era instrumentalizada como ponta exposta de dinâmicas coletivas que, por sua vez, alimentavam-nas. O coro é simbólico do Superego social; é a massa que funciona como um magma catalisando os complexos. Pela lógica do inconsciente, da seleção temática do complexo e dos estereótipos operantes toda a temática do teatro é forçada a construir-se segundo a cópia do Superego, ou seja, as condutas externas que deprivaram o homem do contato com sua intencionalidade ôntica. Para Meneghetti, “a maioria dos autores teatrais clássicos expõe o *imprimatur* do monitor de deflexão¹⁰ e dá vantagem ao superego.” (2000a, p.55)

Coincidentemente, Sófocles nasceu naquela mesma cidade onde Édipo teria sido exilado: a cidade de Colono. Quando velho foi acusado pelo filho de senil e incapaz e defendeu-se lendo trechos de suas tragédias. Mito e realidade se confundem. Talvez enquanto fantasia sobre um desgraçado herói mitológico, narra de modo indireto sua própria tragédia.

Segundo Antonio Meneghetti, fundador da ciência ontopsicológica, a verdade “está sempre atrás de um ângulo onde não se quis jamais olhar por medo de infringir regras e leis pré-constituídas.” (2000a, p. 55)

Nesse sentido, a verdade de Édipo está em Jocasta. Na ótica ontopsicológica não se trata de estudar a tragédia em termos de “referimentos históricos, ideológicos ou sociológicos, mas de observar onde *o homem protagonista age e é agido, determina e é determinado, estrutura e executa*” [grifo do autor]. (MENEGHETTI, 2000a, p. 55)

Se na visão psicanalítica o complexo de Édipo é parte natural do desenvolvimento infantil, do ponto de vista ontopsicológico é uma manobra da psicologia negativa gerida unicamente pela mãe. O macho, quando se move, é sempre

¹⁰ Monitor de deflexão é uma das três descobertas da Ontopsicologia. É um mecanismo que distorce as projeções do real impedindo ao sujeito ter uma consciência exata sobre o quanto acontece interna e externamente. Para aprofundamentos consultar MENEGHETTI, A. Manuel de Ontopsicologia. op. cit.

um reflexo da emocionalidade semântica da fêmea que coloca em oposição pai e filho determinando no primeiro ciúme e no segundo a angústia da castração. Como forma de compensar sua situação de fêmea em perda¹¹, a mãe educa o filho de modo dependente como *partner* oculto; assinala de modo sutil a sua preferencialidade afetiva, seu aliado secreto. Com frequência têm sonhos incestuosos com o filho e uma fria indiferença sexual com o marido. Sendo psiquicamente mais forte e estando o pequeno em estado de total dependência também biológica, o filho não tem outro o que fazer que dispor-se àquilo que a mãe lhe orienta e aprende a amar e a odiar exatamente como ama e odeia a mãe. Assim, constrói-se em exclusiva dedicação a mãe e em antítese ao pai até assumir um *status* de macho mais importante no interior do contexto familiar. Quando adolescente ou adulto, busca externamente a mesma gratuidade que havia em família e então iniciam os problemas de adaptação. Incapaz de conquistar a fêmea externa retorna sempre à mãe que se mantém pronta a acolhê-lo com toda a disponibilidade possível e tenderá somente a fêmeas que possibilitem a mesma postura gratificante da mãe.

Para clarificar esta posição é necessário explicar três importantes aspectos: 1) a realidade dos campos semânticos— a possibilidade de cada um de nós de interferir na realidade psíquica de um sujeito em antecipação a sua razão, ou seja, ação imediata entre inconsciente e inconsciente; 2) o conceito de díade e 3) a capacidade de amor e de sexo na criança.

1.3.1 Campo semântico¹²: se observarmos uma criança, percebemos que ela tem os instrumentos necessários ao conhecimento, mas ainda não sabe usá-los. Porém ainda assim conhece, ou seja, percebe e compreende todos os estados emocionais das pessoas que a tocam e conhece estes estados através de todo o seu corpo. Este conhecimento é possível porque no momento que dois entes se encontram forma-se uma unidade de campo onde toda a variação energética de um é interceptada pelo radar-corpo do outro. De fato, não somos seres isolados uns dos outros, mas entre nós existe um imenso agente universal que consente o contato, seja sonoro, olfativo ou apenas emocional,

¹¹ Meneghetti pesquisou muito sobre a psicologia feminina e considera que a mulher é portadora natural de grande vitalidade. Porém, a presença de estruturas inconscientes impedem a sua realização e a determinam em frustração. Estando existencialmente em perda, a mulher busca compensação no ambiente afetivo, manobrando e estruturando dinamicamente a família como respostas as suas necessidades. Consultar MENEGHETTI, A. *La femminilità come sesso, potere, grazia*. Roma: Psicologica Ed, 1999.

¹² Para aprofundamento consultar MENEGHETTI, Antonio. *Campo Semântico*. Porto Alegre: Ontopsicológica Editrice, 1993.

imagógico. O campo semântico é informação que se transmite de um para outro indivíduo antes de todos os sentidos ou até mesmo da consciência.

O campo semântico é um transdutor de informações. Transmite uma informação, um código, uma imagem que, quando chega, estrutura em emoção qualquer coisa vivente, comportando uma variante emotiva orgânica. Não transfere a energia, mas está com a energia. É a informação base que acontece antes de todos os sentidos, antes de todas as emoções, antes da consciência e em antecipação a qualquer símbolo. “Transdução informática” significa que o módulo dá a forma de passagem da energia, mas não dá a passagem de energia. (MENEGHETTI, 2001, p.67-68)

O campo semântico é uma informação *di per si* neutra. O critério de discriminação que faz da informação negativa ou positiva é o efeito que induz no receptor, sendo negativa quando impõe um executivo sem funcionalidade para este.

Com a descoberta do Campo Semântico é possível compreender racionalmente como se dá a passagem de informação entre os membros da família determinado um tipo particular de dinâmica, de relacionamento, de papel para cada um dos seus membros. O forte vínculo afetivo do bebê com a mãe determinado por uma prolongada dependência fisiológica predispõe o mesmo a uma abertura constante em relação às necessidades emotivas daquela, ou seja, coloca o bebê em uma disponibilidade total às emoções maternas; dois corpos mas uma só dinâmica, uma só motivação.

A Psicanálise havia já evidenciado a possibilidade de uma comunicação inconsciente entre mães e filhos, mas não havia identificado como ocorria essa comunicação. A descoberta do campo semântico torna possível compreender racionalmente como ocorre esse natural fenômeno humano.

1.3.2 O conceito de *díade*¹³: a vida em si e per si é sadia, a menos que sofra um erro, um desvio que não depende da dinâmica da vida em si. Na análise ontopsicológica, o confronto entre o valor que o sujeito fazia de si mesmo e suas categorias de referimento de valor, a raiz do complexo e a análise hipercrítica dos sonhos assinalavam a família como a causa que predispõe qualquer referimento patológico. Como primeiro lugar do fato vida, a família e de modo particular o adulto-mãe¹⁴ informa e estrutura um modo de ser; desta primeira relação fundamental o sujeito aprende as raízes do próprio

¹³ Para aprofundamento consultar MENEGHETTI, A. *Pedagogia Ontopsicológica*, Porto Alegre: Psicológica Editrice, 1994.

¹⁴ Por adulto-mãe entende o membro do ambiente familiar ao qual a criança tem a máxima referência afetiva não sendo necessariamente a mãe biológica ou um dos genitores.

Eu e assimila o modo de mover-se, de falar, o modo base da consciência. Aquilo que depois, quando adulto, o sujeito defende como sendo sua idéia, seu modo de ser, sua síntese, é, na realidade, um pré-impostado que ele assimilou há muito tempo de modo visceral e que dia após dia foi solidificado a ponto de hoje não conseguir perceber algo que se coloque fora daquele parâmetro tomado como referência; não vê a novidade de modos e não os suporta.

Todos os homens quando nascem sofrem o ambiente familiar e a semântica prioritária do adulto-mãe. O homem maduro entre os seis e os dezoito anos inicia uma ruptura desta primeira relação diádica e abre-se à policultura, a um pluralismo de situações que fazem autogênese de inteligência, faz auto-liberação dos estereótipos. Deste modo a ação que antes era dupla agora se faz “pessoal”. Na perspectiva da intencionalidade de natureza, quando o indivíduo se destaca e atinge uma real autonomia se torna, então, uno em si mesmo.

No homem doente, esta ligação - a princípio natural e necessária - não se rompe. A criança, por uma necessidade biológica de dependência é constrangida a desenvolver-se em modo duplo e adquire uma estrutura lingüística e comportamental específica. Percebe e aprende o mundo segundo o modo de resposta da mãe. Este padrão de resposta será aquele repetido depois por toda a vida; o modelo micro social vem reproduzido no macro social.

Ninguém pode chamar a si mesmo, pensar a si mesmo, colocar-se a procura de si mesmo, excluindo as coordenadas sofridas, amorosamente ou violentamente propostas, impostas, emolduradas por aquele núcleo familístico. Aquele nome, aquele papai, aqueles irmãos, aqueles amigos, aquele lugar, aquela casa, aquela igreja, são as inderrogáveis passagens sem os quais nenhum de nós tem alguma memória para apela a si mesmo. Tudo isto determinou as únicas memórias de acesso para que cada um de nós possa pensar, de qualquer maneira, em referência seja a si que aos outros. Quando se faz crise, se faz pesquisa, se faz análise, o núcleo familiar permanece inderrogável para apelar a si mesmo. Aquele núcleo familiar é prioritário a qualquer essencialidade da minha pesquisa individualística-existencial. Por isso, quando digo quem sou, de onde venho, me reflito em um espelho externo. O núcleo familístico representa aqui um “chip”, não uma “célula”. Se fosse uma “célula” seria uma parte síncrona à vida, transmitiria de qualquer forma o holístico dinâmico da intencionalidade de natureza em si. (MENEGETTI, 1996, p. 45)

Este ponto de vista é encontrado também em Maslow (1971). Em *Verso una Psicologia dell'Essere* encontramos textualmente:

A armadilha, desconhecida e impensável, começa com a nossa secreta morte psíquica durante a infância. [...] Este é o paradoxo perfeito. Tudo parece normal; não se pretendia cumprir nenhum delito; não há cadáver, não há culpa. Tudo isto que vemos é o sol que sobe e desce como sempre. Mas o que ouve? A criança foi rechaçada, não só por eles mas por si mesmo. (Se encontra em realidade privado de si mesmo.) O que perdeu? Simplesmente a única parte verdadeira e vital de si mesmo: os seus sentimentos ativos, a sua própria capacidade de crescer, o seu sistema de raízes. (MASLOW, 1971, p. 60)

O contexto familiar, portanto, é determinante na formação seja de um personalidade sadia que naquela patológica e se quisermos compreender tantos aspectos da vida adulta, teremos que nos remeter ao lento percurso de formação que inicia muito antes que um indivíduo possa pensar em si mesmo como uma pessoas autônoma.

1.3.3 Capacidade de amor e de sexo na criança¹⁵: a criança tem uma capacidade de correspondência erótica como um adulto. Possui um sentido erógeno difuso em todo o corpo e emocionalidade capaz de responder ao adulto com a mesma lógica de um amante igualmente adulto; o mesmo subentendido nos olhos, a mesma preferencialidade no contexto familiar. É certo que o adulto deve prepará-la para a transacionalidade da família pois a criança deve procurar encontrar a seu tempo o adulto que lhe corresponda e lhe dê unicidade afetiva.

O menino está em condições de ter uma totalidade substitutiva de qualquer homem adulto para com a feminilidade da mãe; igualmente a menina tem uma capacidade de relacionar-se, com carga erótica a ponto de substituir as referencias de qualquer mulher com o pai. (MENEGETTI, 1994, p.39)

O conceito de erotismo vai muito além daquele de sexo genital e é nessa amplitude que deve ser compreendido. Nesse sentido, é possível que um filho ou uma filha proporcionem mais satisfação que um amante adulto. Por outro lado, a criança que recebe essa carga erótica desproporcionada em relação a sua posição e capacidade de assimilação estrutura-se em máxima referência a esse adulto enquanto essa posição inicialmente traz vantagens no ambiente familiar.

¹⁵ Para aprofundamentos consultar MENEGETTI, A. *Pedagogia Ontopsicologica*. op.cit.

Nas memórias de Stendhal¹⁶ citadas por Mullahy (1948) encontramos a confissão de um Édipo:

Ao amá-la [a mãe], na idade aproximada de seis anos, eu tinha exatamente a mesma índole que quando em 1828, amei Alberthe de Rubempré [sua amante] com louca paixão... Eu queria cobrir minha mãe de beijos e, para ela, não estar vestido. Ela me queria apaixonadamente e me beijava com frequência. Eu lhe devolvia os beijos com tal ardor que ela era obrigada algumas vezes a fugir de mim. Detestava meu pai quando ele interrompia nossos beijos. Eu queria beijar o seio dela. *(apud MULLAHY 1948, p.17)*

Nesse trecho vemos com clareza a correspondência ente mãe e filho e como o filho pode ter total consciência dessa correspondência, ainda que seja em função da chamada “licença poética”.

1.4 OBSERVAÇÕES PRÁTICAS

Minha primeira experiência como psicoterapeuta se deu no atendimento de crianças com os mais diversos problemas que variavam de baixo rendimento escolar e problemas de aprendizagem até indisciplina, inadequação escolar, introversão ou agressividade excessiva, enurese e problemas de relacionamento familiar.

Assim como a criança não sabe responder muitas perguntas importantes para o momento diagnóstico e seguindo o modelo de Arminda Aberastury (1989) para o atendimento clínico de criança, inicialmente eram realizadas algumas entrevistas com a mãe ou responsável. Nestas entrevistas era feita uma detalhada anamnese e um levantamento da situação familiar, para só então iniciar o atendimento clínico. Na esmagadora maioria dos casos era a mãe que fazia o primeiro contato ou que vinha até o consultório para as entrevistas e, não raro, referia a oposição do pai da criança tanto a uma possível entrevista quanto ao atendimento psicoterápico em si mesmo. Diante desta resistência, o pai permanecia ausente do atendimento e não raro a inexperiência como psicoterapeuta levava também a um grande receio deste “terrível pai que se opunha a meu trabalho e aos bons propósitos de uma mãe preocupada e empenhada em fazer o melhor pelo filho amado”. A frequência maior era de meninos, na proporção de quase três meninos para cada menina em atendimento. Assim, através da mãe, toda a vida do

¹⁶ Pseudônimo do escritor francês Marie-Henry Beyle (23/1/1783-23/3/1842), conhecido pela descrição finamente detalhada dos sentimentos de seus personagens.

pequeno era revista e analisada. Depois de um tempo, ocorreram situações em que era necessário chamar o pai ao consultório ou até que, para meu espanto, inexplicavelmente o pai requeria uma entrevista para participar da situação do filho. Eis que partíamos então para a “temida entrevista com o ameaçador senhor”; insegura e receosa, mais filha que psicóloga. Com muita frequência me surpreendi com um interlocutor interessado, emotivo e não raro extremamente disponível a falar de si, do filho, da família. Aquele que estava diante de mim não era, de forma alguma, o que me fora apresentado pela mãe. Muitas vezes, através do pai pude compreender com mais realidade a dinâmica familiar do que com as frequentes entrevistas com a mãe que era sempre tão presente e disponível. Depois de algum tempo e de experiências informais, constatei que a história familiar contada pela mãe tinha um padrão frequente que também observava em situações fora do consultório, como na minha própria família ou em relações sociais: enquanto a mãe se colocava como aquela que não mede esforços para o bem da família, ao pai vinha atribuído um papel de ausência, de maus exemplos, mas principalmente de indiferença e relativa frieza na relação com os filhos. Frases recorrentes desta época: “ele vive um mundo à parte”; “ele não tem intimidade conosco”; “ele não costuma beijar, abraçar”. A causa de tal comportamento frio era atribuída também ao relacionamento com o próprio pai: “ele não teve amor do próprio pai e agora também não sabe dar para nós”; “ele é como o pai dele, distante”. Agora eram dois frios: o pai e o pai do pai! Certamente que dinâmicas exatamente assim eram encontradas, mas chamava a atenção que aquele pai frio, distante e opositor não era compatível com a personalidade que vinha ao consultório. Não porque falava determinadas coisas, mas como delicadeza, sensibilidade e frequentemente carência e dependência afetiva. Em outros casos, e particularmente quando se tratava de um cliente menino, verificava-se no pai um discreto sentimento de ser rechaçado pela esposa e uma estranha implicância com a relação mãe e filho. Ele próprio não sabia como explicar um incômodo constante. Depois, quando passei a trabalhar com adultos e tive a possibilidade de investigar como o pai vive esta situação particular no interior de seu psiquismo, ficou claro o ciúme por vezes disfarçado de rigor, de irritabilidade gratuita. Como na mãe passou a ser claro a provocação de tal ciúme disfarçada de cuidados e zelo. É um círculo vicioso onde a mãe faz o pai acreditar que só ela sabe cuidar do filho e o ama de modo particular, e faz o filho acreditar que o pai não pode compreendê-lo, que não o aceita totalmente e que é uma pessoa difícil, alguém que somente ela consegue compreender e se relacionar. A mãe, portanto, faz uma mediação entre o pai e o filho, e impede que a relação entre

ambos se dê de forma direta, mas propicia que seja do modo como foi estabelecido por ela, conforme os seus interesses no interior da dinâmica e da disputa de poder na família.

Outro fato curioso era que toda a característica indesejada que a criança manifestasse era atribuída ao marido e a sua família. Erich Fromm, em uma última entrevista biográfica a Guido Ferrari em 1980, faz uma observação semelhante. Quando perguntado sobre os elementos importantes da sua juventude, responde textualmente:

“[...] Minha mãe era, sobretudo, interessada pelo seu papel, pela sua família, a família Krause, mais do que pela família Fromm. Isto é muito comum. Se fizesse algo de bom, eu era um verdadeiro Krause; se ao contrário, tivesse feito algo de mau, eu era um Fromm. Isto provocou alguns de meus distúrbios de identidade, que depois busquei superar durante a minha vida com e sem análise [...]”. (FROMM, 2000, p. 15)

De fato é uma postura freqüente. Recordo de uma senhora cujo marido era estrangeiro e que somente ela conheceu a sua família nos dois primeiros anos em que viveu no país do marido. Quando engravidou, retornou ao Brasil e também se divorciou tendo, a partir disso, perdido contato com aqueles. O ex-marido visitava-os anualmente, mas ainda assim, sempre que a filha mostrava-se irritada, desobediente ou oposicionista, a família do marido era evocada para justificar aquele traço “genético” de mau comportamento.

Tive também oportunidade de trabalhar em uma escola privada que atendia crianças do pré-primário ao ensino médio e que apresentava um problema específico: alto índice de problemas de inadaptação das crianças do pré-primário ao ambiente escolar. As crianças de quatro e cinco anos não queriam ficar na escola e o corredor do primeiro andar, na hora da entrada dos alunos, era uma orquestra de choro e chamados de “mamãe” que terminavam quando a “salinha do pré-zinho”, como era chamada, acabava por esvaziar. Aquele era já um problema institucional, além de psicológico, e parti para uma espécie de diagnóstico da situação. Conversei individualmente com todas as mães e a constatação foi que a dificuldade de separação era, no mínimo, recíproca. A “salinha do pré-zinho” tinha uma janela de vidro no alto da porta. Esta janela se transformava numa espécie de luz no fim do túnel por onde as crianças olhavam as mães; o filho chorava do lado de dentro da sala e a mãe do lado de fora. Para resolver a situação foi organizado um programa de adaptação que consistiu em duas ações básicas. Primeira: foi proibido olhar pela janela de vidro, ou melhor: “mamãe não pode ficar

nem na sala, nem no corredor”. Segundo: antes que a criança venha para o primeiro dia de aula, é mãe quem deve vir conhecer a escola. Elas entraram na “salinha do prézinho”, andaram pelo pátio, conheceram a cantina e os professores; foram informadas de todas as atividades que seus pequenos fariam e tiraram todas as dúvidas de como a escola procederia diante de cada situação inusitada que vinha à sua imaginação: “e se ele tiver fome?”; “e se ele chamar por mim?”; “e se ele cair?”. Os outros passos do programa eram apenas um disfarce. Com a desculpa de adaptar a criança, as mães foram trabalhadas para que pudessem deixar seus filhos com tranquilidade na escola, para que pudessem se desenvolver, aprender tantas coisas do mundo, fazer novos vínculos dos quais a mãe não participaria; em resumo para que iniciassem uma estrada de autonomia e de grandeza de si mesmas.

1.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descoberta do inconsciente revela que somos objetos de uma atividade, uma decisionalidade fora do âmbito racional; ou seja, somos o referimento objetual de uma dinâmica que se antecipa até mesmo à nossa racionalidade. Mesmo a mente que se considera mais livre, até que não tenha um impacto com a psicoterapia mais séria, substancialmente é dirigida por um complexo, por um automatismo. Esta constatação, ainda que desagradável, é reconfirmada pelos sonhos, pelas imagogias, pelos erros. Estas são considerações de psicologia geral. A Ontopsicologia procurou indagar além e percebeu que o macho move-se sempre segundo o reflexo da emotividade semântica da fêmea. O complexo de Édipo, então:

[...] se estrutura, não pela interferência paterna, mas da manipulação materna. É a preponderância semântica da mãe: o pai, o avô, o irmão, o marido, o amante não são senão pontos-força instrumentalizados pela psicologia materna. É a figura materna que coloca em ciúme o pai e o filho determinando neste último a angústia de castração. O filho homem entra em relação ambivalente com o pai porque a mãe lhe insinua preferencialidade. (MENEGETTI, 2000, p. 70)

É o fato de a mulher estar existencialmente em perda que a movimenta em direção a esta manobra. Impedida por toda sua estrutura complexual de realizar o próprio potencial ôntico, toda a força e graça feminina que recebeu da natureza vêm transformada em frustração e necessidade de compensação. Assim, instrumentaliza o

macho - que tende a ser sempre passivo em relação à figura feminina - de modo a atingir aquele primado que - por ação exitosa - não consegue conquistar. Esta passividade masculina acontece porque dentro de si, o macho se vê sempre em uma prospectiva de dependência gratificante da fêmea, isto é, ele se sente vencedor se é exaltado pela fêmea: “tu fostes bravo e mamãe te quer bem, te abraça, tu és o primeiro no meu amor, papai vem depois”.

No mito revisitado, o que foi banido é o que o inconsciente luta para manter em sigilo: a responsabilidade de Jocasta. A rainha insiste em ter um filho ainda que tenha conhecimento do oráculo e da tragédia que os aguardava se assim o fizesse. E o fez: embriagou e seduziu o marido. A pergunta que permanece é: por que insiste em um ato que prevê no final a morte do marido? Por acaso a desejava?

No momento em que Édipo está próximo de perceber a verdade, Jocasta intervém de modo a afastá-lo da descoberta. Não há evidência de culpa ou remorso; apenas desejo de seguir naquela relação.

Ele foi sempre instrumentos em suas mãos e ela se mata não porque experimenta remorso pelo que houve, mas agora veio à luz a verdade: não lhe resta mais o que fazer. A sua vida foi construída naquele terrível jogo e o jogo previa no final a sua morte. (MENEGHETTI, 2000, p. 58)

Também a teimosia de Édipo em não querer considerar o que já havia sido dito inúmeras vezes é considerada na análise ontopsicológica como uma atitude infantil de “um menino caprichoso que finge não saber o que já sabe, e se esconde atrás de uma postura de ingênua, atormentada ânsia de saber”. (MENEGHETTI, 2000, p. 58)

O Ilustre – como fora chamado – que soube decifrar o enigma da terrível esfinge, torna-se agora lento no compreender. Assim, não admite estar contra o pai e desejar ganhar em casa o objeto complementar; deseja ganhar de modo gratuito aquilo que deviria aprender a conquistar por ser um grande, um bravo, e não um pequeno dependente. A mãe, enquanto o privilegia, coloca-o em primeiro lugar em relação ao marido, o libera da luta para construir-se e, assim, ganhar em um jogo onde não tenha privilégios.

Quando o menino nega o coito entre os pais, perpetua uma imagem santificada da mãe para torná-la exclusivamente sua. Se admitisse que a mãe é uma fêmea feliz com seu marido, seria forçado a mudar, a destacar-se de qualquer situação infantil em relação à mãe e ao ambiente familiar.

Para Meneghetti (2000), a tragédia ática é um momento de visão universal que assinala dinâmicas complexuais agentes no interior da psiquicidade do ser humano e a universalidade de Édipo é reconfirmada pelo fato que todo homem é filho.

O enigma da esfinge implica em crescimento e na compreensão daquilo que o homem é. Édipo, apenas com a força de seu intelecto, desvendou o enigma da esfinge e tornou-se o salvador de Tebas, mas não foi inteligente no desvendar o maior dos enigmas: o de sua vida.

CAPÍTULO II

PROGRAMA DE PESQUISA

2.1. PROBLEMA DA PESQUISA:

O interesse pelo fenômeno edípico é antigo e ao longo do desenvolvimento da Psicologia foram pesquisados diversos aspectos. Mas de que modo e em que medida a postura dos pais interfere no desenvolvimento da situação edípica? Que aspectos estimulam o padrão básico de relacionamento da criança: íntima ligação à figura materna e postura de rivalidade com a figura paterna? Propomos uma abordagem nova, baseada na ciência ontopsicológica, que possibilita compreender este fenômeno de modo mais abrangente na relação familiar e proporciona um novo modo de intervenção prática tanto na clínica psicológica como na pedagogia em geral.

2.2. OBJETO DA PESQUISA:

Nesta pesquisa foram analisadas as dinâmicas familiares relacionadas ao complexo de Édipo do ponto de vista dos pais e não da criança, como foram realizadas até então; o foco de análise é a postura dos pais e principalmente da mãe no desenrolar da situação edípica.

2.3. O GRUPO ANALISADO:

A amostra para a pesquisa compreende dezoito casais com filhos homens de seis meses a seis anos cujas características foram reunidas na seguinte tabela:

Dados	Idade		Profissão		Escolaridade		Renda Média Familiar	Religião	Tempo de Convivência	Número de Filhos	Idade do Filho Homem	Geminura
	F	M	F	M	F	M						
Casal 1	27	33	Funcionária Pública	Engenheiro	Superior	Superior	R\$ 5.500	Católica	Cinco anos	2	Quatro anos	Primogênito
2	24	25	Estudante	Empresário	Superior	Superior	R\$ 2.600	Católica	Dois anos	1	Seis meses	Unicogênito
3	45	42	Professora	Piloto	Superior	Superior	Não informada	Católica	Quatorze anos	2	Cinco anos	Segundogênito
4	31	30	Comerciante	Comerciante	1º Grau	1º Grau	R\$ 3.000	Católica	Oito anos	2	Quatro anos	Primogênito
5	30	37	Bancária	Engenheiro	Superior	Superior	R\$ 3.000	Católica	Dois anos	1	Um ano	Unicogênito
6	24	24	Recrutadora	Auxiliar de Escritório	2º Grau	2º Grau	R\$ 1.200	Católica	Oito anos	1	Nove meses	Unicogênito
7	31	31	Professora	Comerciante	Superior	Superior	R\$ 4.000	Católica	Seis anos	3	Seis meses	Terceirogênito
8	35	40	Auxiliar de Enfermagem	Administrador	2º Grau	Superior	R\$ 2.000	Católica	Oito anos	2	Quatro anos	Primogênito
9	26	29	Protética	Advogado	2º Grau	Superior	R\$ 1.000	Católica	Dois anos	1	Um ano	Unicogênito
10	45	47	Auxiliar de Limpeza	Motorista	2º Grau	1º Grau	R\$ 850	Católica	Dez anos	2	Quatro anos	Segundogênito
11	33	33	Funcionária Pública	Fotógrafo	2º Grau	2º Grau	R\$ 1.400	Católica	Onze anos	1	Dois anos	Unicogênito
12	33	33	Administradora	Analista de Sistemas	Superior	Superior	R\$ 3.000	Católica	Seis anos	1	Dois anos	Unicogênito
13	28	31	Auxiliar de Classe	Vigilante	2º Grau	2º Grau	R\$ 600	Católica	Seis anos	2	Seis anos	Primogênito
14	27	30	Comerciante	Empresário	Superior	Superior	R\$ 2.000	Católica	Seis anos	1	Três anos	Unicogênito
15	25	27	Costureira	Montador	1º Grau	2º Grau	R\$ 540	Católica	Dez anos	1	Seis anos	Unicogênito
16	32	33	Professora	Representante	2º Grau	1º Grau	R\$ 1.100	Adventista	Doze anos	1	Seis anos	Unicogênito
17	31	34	Contadora	Contador	Superior	Superior	R\$ 3.500	Católica	Oito anos	1	Quatro anos	Unicogênito
18	36	57	Comerciante	Comerciante	1º Grau	2º Grau	Não informada	Católica	Dezenove anos	4	Quatro anos	Quartogênito

Tabela nº 1: Dados Gerais

2.3.1 Quanto ao sexo:

Assim como a amostra compreende casais, o número de homens e mulheres tem igual distribuição: dezoito homens e dezoito mulheres.

2.3.2 Quanto à idade:

A amostra compreende sujeitos de vinte e quatro a cinquenta e sete anos. A idade média entre as mulheres é de 31,2 anos e entre os homens é 34,2. Os homens são na maioria mais velhos; alguns são da mesma idade que suas companheiras e somente uma das mulheres é mais velhas que o marido. Uma grande diferença de idade é encontrada somente no casal dezoito: o marido é vinte e um anos mais velho que a esposa.

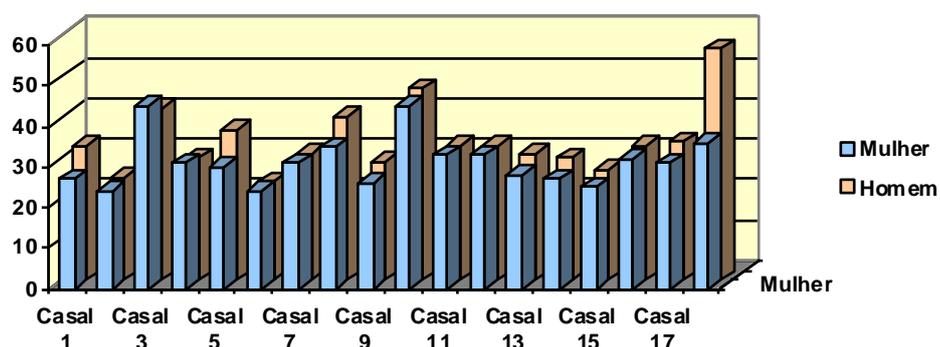


Diagrama nº 1: Idade

2.3.3 Quanto à profissão:

As profissões são bastante variadas. Totalizam vinte e quatro categorias profissionais conforme mostra a tabela n.1. Frequência levemente acentuada de Comerciantes totalizando sete sujeitos; seguido das profissões de Professor com três sujeitos e Administrador, Contador, Empresário e Engenheiro com dois sujeitos de cada uma destas categorias.

2.3.4 Quanto ao grau de instrução:

O grau de instrução é bastante elevado: 47,2% têm curso superior, 36,1% têm 2º grau e 16,6% tem 1º grau. Nenhum dos indivíduos pesquisados é analfabeto ou possui somente instrução primária. O nível de instrução dos homens é levemente superior em relação àquele das mulheres: enquanto 50% dos homens tem curso superior, o índice é de 44 % nas mulheres, embora estas tenham índices mais elevados na segunda posição, 38% nas mulheres contra 33% nos homens.

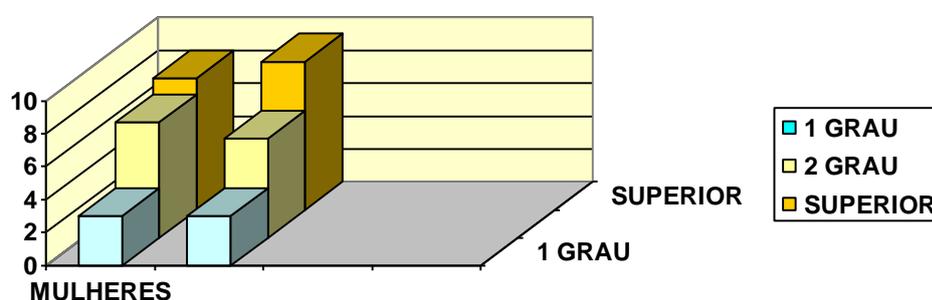


Diagrama nº 2: Grau de instrução

2.3.5 Quanto à renda média familiar:

A renda familiar varia de R\$ 540,00 (portanto três salários mínimos vigentes no período) à R\$ 5.500,00 (trinta salários mínimos). Este dado demonstra que a amostra não está definida em uma classe social distinta, mas é composta por sujeito de diversas classes e poder aquisitivo. A maior frequência localiza-se na faixa de R\$ 1.000 à R\$ 3.000 (de 5.55 a 16.66 salários mínimos) como mostra o Diagrama nº 3. Dois casais não informaram a renda familiar.

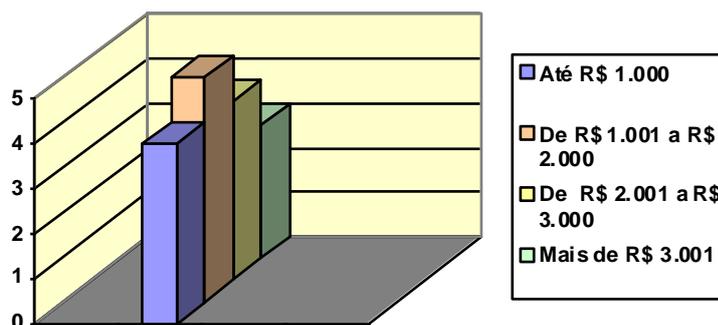


Diagrama nº 3: Renda média familiar

2.3.6 Quanto à religião:

A amostra é basicamente de religião católica, sendo apenas um casal de religião adventista.

2.3.7 Quanto ao tempo de convivência do casal:

O tempo de convivência dos cônjuges varia de dois a vinte e um anos, sendo a maior frequência dois e oito anos: quatro casais têm dois anos de convivência e outros quatro têm oito anos; dois casais têm dez anos, outros dois têm sete anos, e o restante têm vinte e um, dezenove, quatorze, onze, seis e cinco anos de convivência cada um. Dezesesseis dos dezoito casais são legalmente casados e dois referem união estável.

2.3.8 Quanto ao número de filhos:

Dos dezoito casais da pesquisa, dez possuem somente um filho; seis possuem dois filhos, apenas um possui três filhos e um possui quatro filhos. A amostra, portanto, é de famílias pequenas sendo que 55% delas têm apenas um filho.

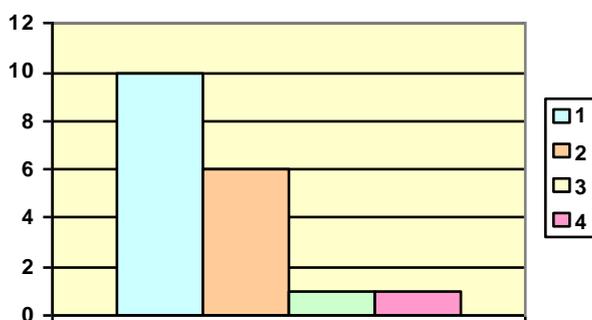


Diagrama nº 4: Número de filhos

2.3.9 Quanto a idade do filho homem a que se refere a pesquisa:

Varia de seis meses a seis anos, como fora inicialmente estipulado. Das dezoito crianças, três têm até onze meses de idade; duas têm um ano; duas têm dois anos; uma tem três anos; seis têm quatro anos; uma tem cinco anos e três têm seis anos.

Preponderam, portanto, as crianças com quatro anos (33%), seguidas das crianças com seis anos e daquelas com até onze meses de idade.

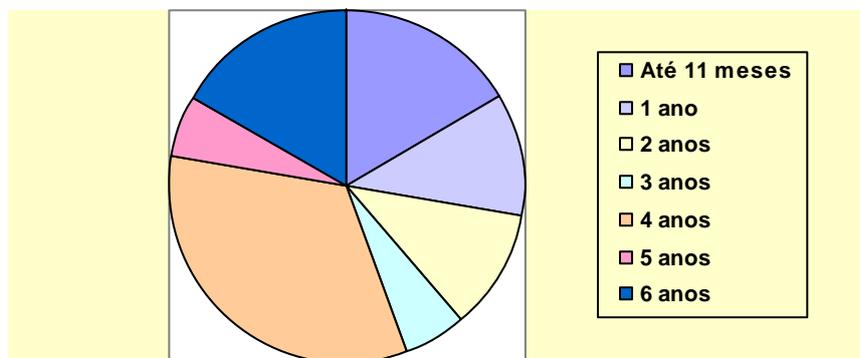


Diagrama nº 5: Idade do filho homem

2.3.10 Quanto à genitura do filho a que se refere a pesquisa:

A amostra é basicamente de filhos únicos que se apresentam em número de dez. Primogênitos são quatro, segundogênitos dois, e o grupo se completa com um terceirogênito e um quartogênito.

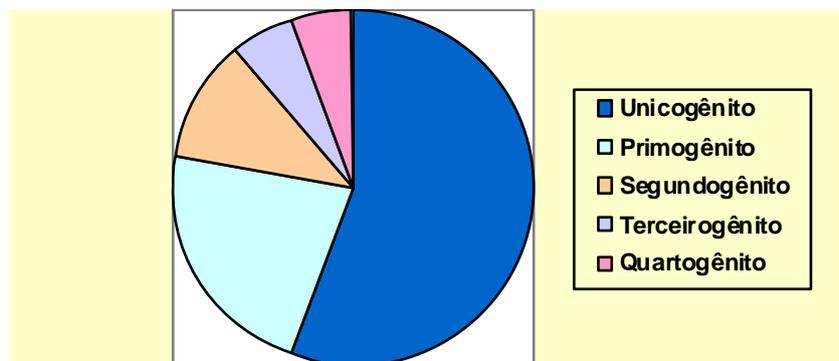


Diagrama nº6: Genitura do filho homem

2.4. PROBLEMAS PRÁTICOS

A análise da bibliografia existente sobre o argumento revela que a dinâmica edípica foi entendida como um fenômeno tipicamente infantil, parte do desenvolvimento normal. Desta posição decorre todo um tipo de pedagogia, de educação familiar, determinando o que é o comportamento infantil saudável, qual a postura adequada de ambos os pais e, em larga escala, o que é saudável e o que é a disfunção na família.

A dinâmica do complexo de Édipo esta na base da compreensão do funcionamento familiar. Por “dinâmica” entende-se uma força com capacidade de efetuar; um quântico energético que já contém uma direção, portanto o dado fundamental que depois configura uma ação no espaço e tempo. Compreender a dinâmica significa saber exatamente onde e como intervir para variar o resultado em benefício daquele sujeito.

Portanto, a premissa teórica sobre o evento, direciona a análise e a intervenção em âmbito clínico e pedagógico. Uma falha nesta premissa compromete a extensão e a perfeição diagnóstica e a eficiência da intervenção. Se o objetivo da psicologia clínica é retomar o desenvolvimento saudável e favorecer o crescimento personológico, é imprescindível que se compreendam os fenômenos fundamentais que determinam a personalidade individual do cliente. Do contrário, toda a atuação será um reforço da distorção.

A nova concepção do complexo de Édipo possibilita ao profissional avançar na compreensão dinâmica do indivíduo e de seu contexto e possibilita atuação mais efetiva. Em campo pedagógico amplia a responsabilidade do casal e redireciona a orientação familiar.

2.5. HIPÓTESE DE PESQUISA

A dinâmica edípica é o resultado de uma postura da mãe que privilegia o filho em detrimento ao marido.

Isto pode ser verificado a partir das seguintes hipóteses operativas:

2.5.1 Primado do filho na hierarquia afetiva da mãe e primado da mãe na hierarquia afetiva do pai;

2.5.2 Aumento do grau de agressividade do pai após o nascimento do filho;

2.5.3 Aumento do grau de satisfação da mãe após o nascimento do filho e diminuição do grau de satisfação do pai após o nascimento do filho;

2.5.4 Aumento do grau de segurança da mãe após o nascimento do filho e diminuição do grau de segurança do pai após o nascimento do filho;

2.5.5 Aumento do grau de dominância da mãe na família após o nascimento do filho e diminuição do grau de dominância do pai na família após o nascimento do filho;

2.5.6 Aumento do grau de distância entre o casal após o nascimento do filho.

2.6. MÉTODOS DE PESQUISA

Para a coleta de dados foram utilizados um Questionário Histórico Biográfico, um Questionário Projetivo e o teste do Desenho da Família com uma variação.

QUESTIONÁRIO HISTÓRICO BIBLIOGRÁFICO: (Anexo 1) consta de todos os dados biográficos do casal, a anamnese da criança e uma sessão especial voltada ao relacionamento do casal, as mudanças subjetivas observadas após o nascimento do filho homem (nuances afetivos do casal em relação ao filho e deste com o companheiro ou companheira). São perguntas subjetivas e escalas de avaliação do relacionamento.

Questionário Projetivo e Desenho da Família estão pautados no fenômeno da “Projeção”. O sujeito, enquanto realiza aquelas atividades, expressa seu mundo interno de modo simbólico, imagógico. O instrumento possibilita uma aproximação àquele mundo subterrâneo, ao conteúdo inconsciente da emocionalidade humana que depois dirige os comportamentos, as ações e os fatos existenciais. Uma das características técnicas importantes deste tipo de instrumento é aquela de conseguir aliviar a resistência e a ação do Superego que julga e seleciona a expressão verbal direta do sujeito. Enquanto o verbalizado do cliente documenta o modo externo de condicionar-se – que de qualquer forma é uma parte de verdade, aquela aparente produção espontânea, livre da repressão do Superego e do julgamento sócio-cultural, documenta aquele real interno que faz ponto fundamental na impostação base da pessoa; é um dado sincero através do qual o indivíduo pode verificar-se, pode saber-se em relação a uma situação. Isto é possível pelo seu caráter de “tarefa não estruturada”, ou seja, uma tarefa que permite uma variedade quase ilimitada de respostas possíveis. São apresentadas apenas instruções gerais que permitem o livre jogo da imaginação. Outra característica importante do instrumento projetivo é que apresenta um processo disfarçado de teste, de modo que raramente a pessoa está ciente do tipo de interpretação psicológica que será feito de suas respostas. O indivíduo, pelo tamanho, localização, pressão do traço, conteúdo do desenho etc., “comunica o que sente, em adição ao que vê. Seus aspectos subjetivos definem e dão cor às suas intenções objetivas.” (CAMPOS, 2000, p.22)

QUESTIONÁRIO PROJETIVO: (Anexo 2) consta de trinta e seis frases a serem concluídas pelo pesquisado. O tema das frases é o afeto, o relacionamento e valorização do casal e do filho.

DESENHO DA FAMÍLIA: como instrumento projetivo foi utilizado o desenho da família desmembrado em dois desenhos: desenho do casal e desenho do casal com o filho.

Esta variação permite verificar as alterações subjetivas entre o casal e de cada um dos pais em relação ao novo membro da família. No primeiro desenho vem expressa a dinâmica do casal, seus modos de relacionamento, o papel e a identidade de cada um dos membros no interior da dupla; é o ambiente que pré-existe ao nascimento do bebê. No segundo desenho é expresso o movimento deste ambiente que pré-existe em relação ao novo membro e as mudanças no modelo de relação, nos papéis e na identidade de cada um dos membros. A realidade psíquica é aquela desenhada sobre a folha. Atrás do símbolo está a ação em si. Aquele particular expresso graficamente presencia uma situação específica das pessoas agentes.

Para a análise das figuras foram utilizados prioritariamente os critérios de interpretação imagógica da ciência ontopsicológica definidos por Antonio Meneghetti (1982) na obra *Prontuário Imagógico*. Como uma segunda referência foi utilizado o livro de Dinah Campo (2000), *O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade*.

2.7. LÓGICA DE ELABORAÇÃO DA PESQUISA

O interesse pelo tema nasce da prática clínica onde se observavam fenômenos e curiosidades conforme foram descritas no item 1.4 do Capítulo I.

Após a revisão bibliográfica foram construídos os instrumentos.

A variação do desenho da família surgiu durante o estudo literário bem como a delimitação da amostra em casais com situação conjugal regular e com filhos na faixa de seis meses a seis anos.

Depois foram levantados todos os dados históricos que se julgavam interessantes e reunidos em perguntas.

Foram, então, elaboradas as frases para o questionário projetivo que inicialmente somavam sessenta e sete frases; posteriormente foram escolhidas as trinta e seis mais significativas.

Na fase seguinte foram identificados pontos de coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada de setembro a novembro de 2001. Inicialmente os questionários deveriam ser respondidos verbalmente. Porém esta modalidade

mostrou desencadear resistências na amostra e a metodologia foi alterada para respostas por escrito. A amostra deriva de pré-escolas e de profissionais psicólogos que colaboraram nesta coleta.

Reunidos os dados, a amostra foi analisada em termos de perfil de grupo e, posteriormente, foram verificados os indicativos subjetivos que interessavam a pesquisa.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Partindo das tarefas e das hipóteses do trabalho, a pesquisa foi realizada com um grupo de trinta e seis pessoas (dezoito casais), aplicando os instrumentos descritos no segundo capítulo. Depois de ter recolhido os dados, foi realizada a análise qualitativa e quantitativa.

3.1 NÍVEIS DE SATISFAÇÃO

Para avaliar o nível de satisfação foram utilizadas escalas de satisfação distribuídas em seis categorias:

1. Satisfação com a própria vida;
2. Satisfação com o cônjuge;
3. Satisfação com o filho;
4. Satisfação com a relação do cônjuge com o filho;
5. Satisfação com o matrimônio;
6. Satisfação com as mudanças que ocorreram na vida.

Todas as categorias continham valores de um a dez com exceção da categoria Mudanças que continha valores de um a cinco sendo que um representava o menos grau de satisfação e cinco o maior grau de satisfação.

Os resultados da análise quantitativa foram tabulados e demonstram a seguinte situação.

ASPECTO	VIDA		MARIDO		FILHO		RELAÇÃO FILHO/ CÔNJUGE		MATRIMÔNIO		MUDANÇAS	
	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H
CASAL	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H
1	9	8.5	10	9.5	10	8.5	7	9.5	10	9.5	4	4
2	8.5	8	9.5	9.5	9.5	9.5	9.5	9.5	9.5	9.5	4	4
3	7	8	9	9.5	8	8.5	8	6.5	10	9.5	4	4
4	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	5	5
5	9	8	9	8	10	9	9	10	10	8	5	4
6	10	10	9	9	10	10	8	10	9	8	5	4
7	9.5	10	10	10	10	10	10	10	10	10	5	5
8	10	8	10	8	10	10	9	9	9	8	4	3
9	9	7.5	8	8.5	9	9.5	7	9.5	9	8.5	3	4
10	7	6	8	8	9	9	8	9	8	9	3	3
11	8	9	9	9	10	10	10	10	9	9	4	4
12	7	9	8	9	9	9	8	9	7	9	3	3
13	9	8	9	8	9	9	9	8	9	7	4	3
14	9	9	8	8	10	9	10	9	8	8	4	4
15	9	10	9	10	10	10	9	10	9	10	4	4
16	8.5	9	8.5	10	9.5	10	9.5	10	9.5	10	4	4
17	8	10	9	9	10	10	10	9	9	9	4	4
18	8	9.5	9	7.5	9	9.5	9	9.5	9	8.5	4	4
TOTAL	155.5	157.5	162	160.5	172	170.5	160	167.5	164	160.5	73	71
MÉDIA	8.63	8.75	9	8.91	9.5	9.4	8.88	9.3	9.1	8.91	4.05	3.94

Tabela nº 2: Níveis de Satisfação

Os índices de satisfação são bastante elevados em todas as categorias, com leves diferenças entre homens e mulheres.

No geral as mulheres estão satisfeitas sendo que em quatro das seis categorias apresentam índices mais elevados de satisfação do que os homens.

São elas:

1. Satisfação com o cônjuge onde o índice nas mulheres é 9 contra 8.91 nos homens (0.09 pontos de diferença);
2. Satisfação com o filho onde o índice nas mulheres é 9.5 contra 9.4 nos homens (0.1 pontos de diferença);
3. Satisfação com o matrimônio onde o índice nas mulheres é de 9.1 contra 8.91 nos homens (0.19 pontos de diferença);
4. E satisfação com as mudanças onde o grau é 4.05 nas mulheres contra 3.94 nos homens (0.11 pontos de diferença).

Os homens apresentaram níveis mais elevados de satisfação nas outras duas categorias:

1. Satisfação com a vida onde o índice é de 8.75 nos homens contra 8.63 nas mulheres (0.12 pontos de diferença);
2. Satisfação com a relação do cônjuge com o filho onde o índice é de 9.3 nos homens contra 8.88 nas mulheres (0.42 pontos de diferença).

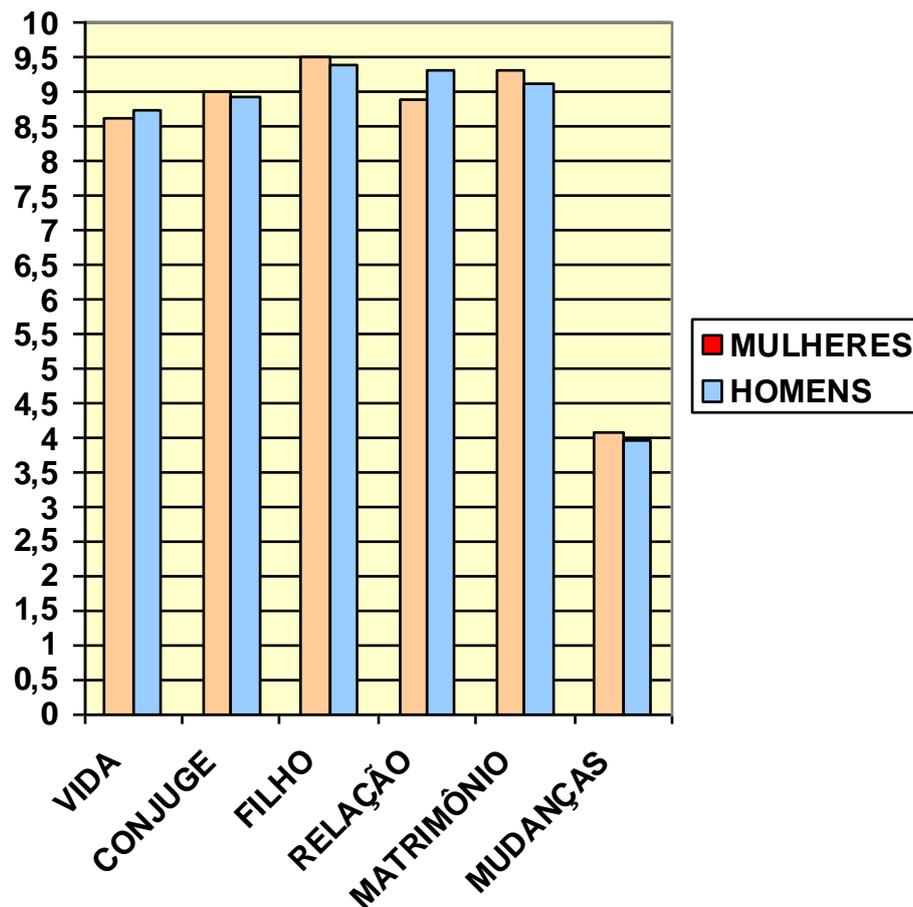


Diagrama nº 7: Escala de satisfação

Conclui-se, portanto, que as mulheres estão mais satisfeitas que os homens com o matrimônio, com o cônjuge, com o filho e com as mudanças que houve na vida enquanto os homens são mais satisfeitos que as mulheres com a própria vida e com a relação da esposa com o filho. Quanto a esta última categoria, vale ressaltar que a maior diferença numérica ocorreu exatamente nela com 0,42 pontos de diferença e que esta diferença acena para as dificuldades de relacionamento entre filho e pai, típicas da dinâmica edípica.

3.2. RANKING DE PREFERÊNCIA

Outro dado quantitativo foi colhido através de um ranking de dez posições cujos sujeitos englobam todas as categorias de relacionamentos e o critério de posicionamento foi o prazer sentido em estar na companhia daquele sujeito.

Os dados estão agrupados na tabela seguinte.

RANKING	H/M	IRMÃ	PAI	CÔNJUGE	FILHA	IRMÃO	FILHO	AMIGO	COLEGAS	MÃE	AMIGA
CASAL1	M	5	6	1	2	7	2	9	8	4	3
	H	4	6	1	3	5	2	8	9	7	10
CASAL 2	M	-	4	1	-	-	2	6	7	3	5
	H	3	4	2	-	-	1	6	8	5	7
CASAL 3	M	5	3	1	-	8	2	6	7	4	6
	H	9	4	1	-	7	2	5	6	3	8
CASAL 4	M	6	5	1	4	7	3	9	10	2	8
	H	6	10	1	3	5	2	7	9	4	8
CASAL 5	M	6	4	2	-	5	1	9	8	3	7
	H	5	-	1	-	6	2	4	7	3	8
CASAL 6	M	6	7	2	-	5	1	9	4	3	8
	H	-	5	1	-	4	2	7	6	3	8
CASAL 7	M	4	3	1	1	6	1	8	-	2	5
	H	5	4	1	2	-	2	5	8	3	7
CASAL 8	M	5	6	1	3	7	2	9	10	4	8
	H	7	5	1	3	8	2	9	6	4	10
CASAL 9	M	6	5	2	-	-	1	-	7	3	4
	H	6	9	2	-	8	1	4	5	3	7
CASAL 10	M	3	-	2	-	7	1	8	6	4	5
	H	4	9	1	-	8	2	5	6	3	7
CASAL 11	M	5	4	2	-	-	1	8	7	3	6
	H	5	4	2	-	6	1	8	7	3	9
CASAL 12	M	4	6	1	-	7	2	8	9	3	5
	H	6	5	2	-	7	1	8	4	3	9
CASAL 13	M	5	7	3	1	6	2	10	8	4	9
	H	7	5	1	2	6	3	8	9	4	10
CASAL 14	M	5	4	2	-	6	1	7	9	3	8
	H	5	4	2	-	6	1	8	7	3	9
	M	-	1	1	-	1	1	4	5	1	4

CASAL 15	H	4	5	2	-	6	1	7	9	3	8
CASAL 16	M	5	4	1	-	6	2	9	8	3	7
	H	8	4	1	-	-	2	5	6	3	7
CASAL 17	M	7	6	2	-	9	1	3	8	5	4
	H	8	5	1	-	7	2	6	9	3	4
CASAL 18	M	6	7	2	3	5	1	9	10	4	8
	H	6	5	2	3	7	4	10	9	1	8
MÉDIA	M	5.18	4.82	1.55	2.33	6.13	1.5	7.7	7.7	3.22	6.11
	H	5.76	5.47	1.38	2.66	6.5	1.83	6.72	7.22	3.38	8

Tabela nº 3: Ranking Geral de Preferência

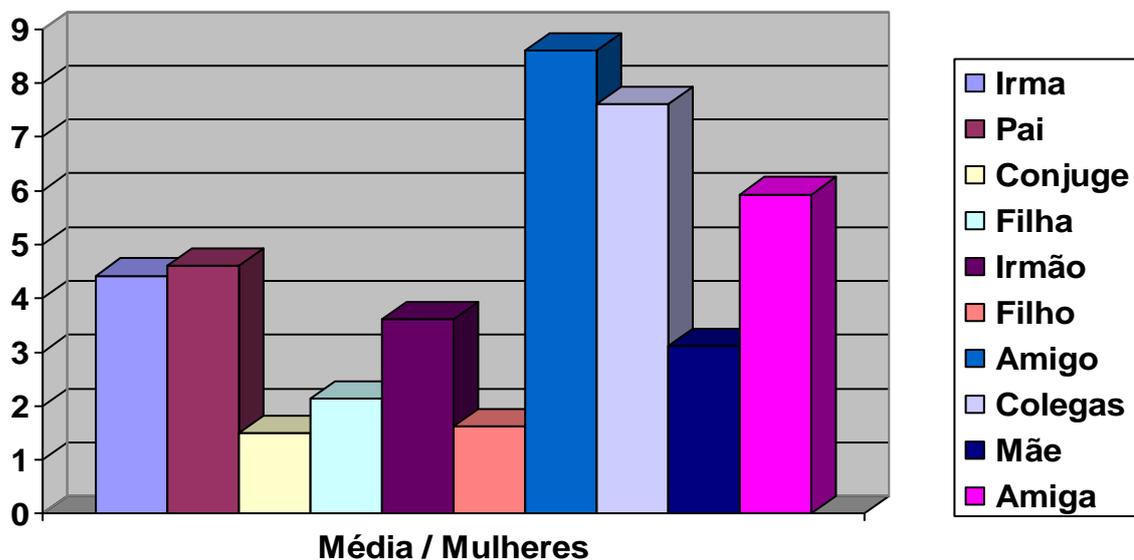


Diagrama nº 8: Ranking geral de preferência

Para melhor visualização destes dados foram construídos gráficos separados para Homens e Mulheres com a ordem decrescente de suas preferências que resultaram nos seguintes dados:

RANKING	MÉDIA
S	M
Filho	1.5
Cônjuge	1.55
Filha	2.33
Mãe	3.22
Pai	4.82
Irmã	5.18
Amiga	6.11
Irmão	6.13
Amigo	7.70
Colega	7.70

Tabela nº 4: Média do ranking – Mulheres: ordem decrescente de preferência

Segundo estes dados o ranking estabelecido pelas mulheres é o seguinte: Filho (1.5); Cônjuge (1.55); Filha (2.33); Mãe (3.22); Pai (4.82); Irmã (5.18); Amiga (6.11); Irmão (6.13); Amigo (7.70); Colegas de trabalho (7.70). Portanto, as mulheres colocam em primeiro lugar o filho seguido do cônjuge com uma diferença muito pequena.

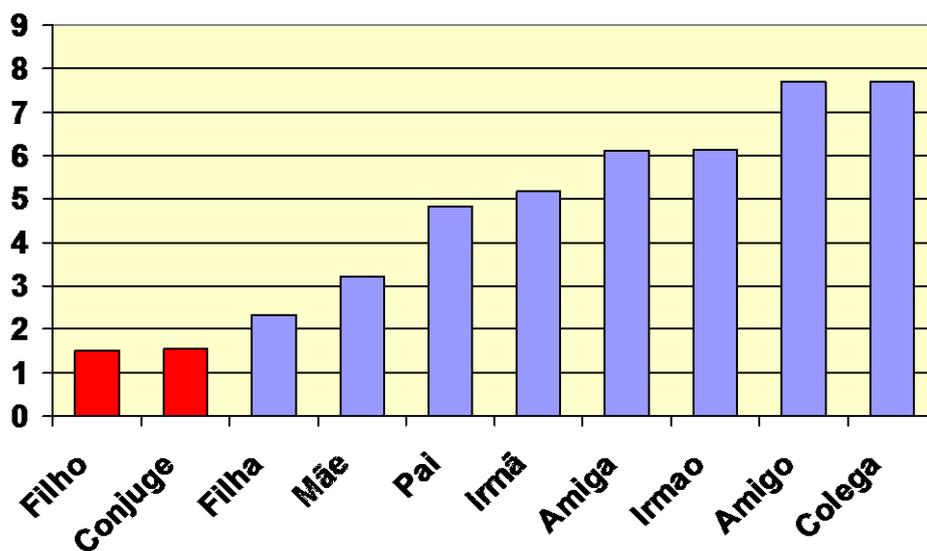


Diagrama nº 9: Média de ranking – Mulheres: ordem decrescente de preferência

RANKING	MÉDIA
S	H
Cônjuge	1.38
Filho	1.83
Filha	2.66
Mãe	3.38
Pai	5.47
Irmã	5.76
Irmão	6.4
Amigo	6.72
Colega	7.22
Amiga	8

Tabela nº 5: Média do ranking – Homens: ordem decrescente de preferência

Os dados colhidos mostram o ranking construído pelos homens que é o seguinte: Cônjuge (1.38); Filho (1.83); Filha (2.66); Mãe (3.38); Pai (5.47); Irmã (5.76); Irmão (6.4); Amigo (6.72); Colegas de trabalho (7.22); Amiga (8). Em primeiro lugar no ranking os homens colocam a esposa e em segundo lugar o filho.

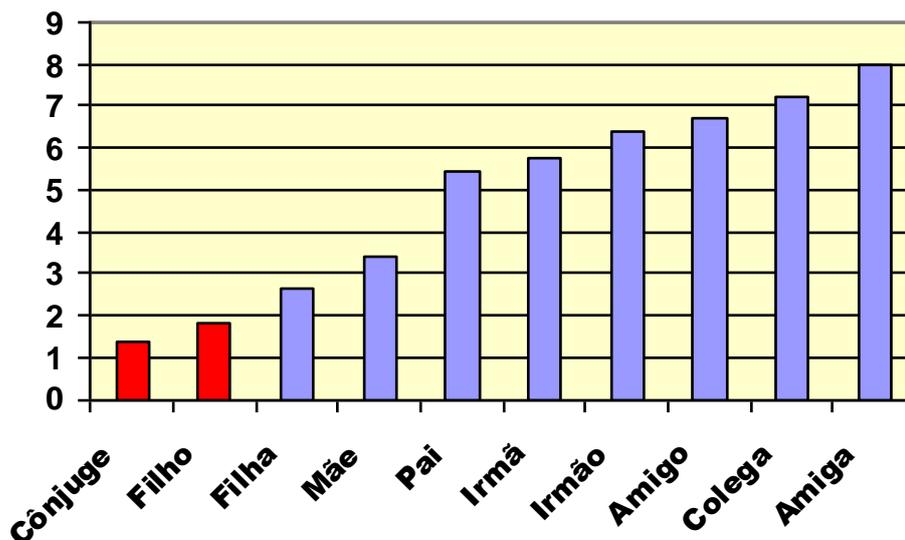


Diagrama nº 10: Média do ranking – Homens: ordem decrescente de preferência

Com o Ranking conclui-se, portanto, que enquanto as mulheres encontram mais prazer com a companhia de seus filhos seguido de perto pelos maridos (0.05 pontos de diferença), os homens encontram mais prazer com a companhia de suas esposas seguido de uma relativa distância (0.45 pontos de diferença) dos filhos. Estes dados confirmam a existência de uma preferencialidade por parte da mãe ao filho em detrimento do marido, enquanto este a prefere em primeiríssimo lugar.

Terceiro, quarto e quinto lugar no ranking são iguais para homens e mulheres: filha, mãe e pai.

3.3. TESTE DOS DESENHOS

No teste dos desenhos, Desenho do Casal e Desenho da Família, verificam-se os resultados apresentados nas tabelas e diagramas seguintes. Foram avaliadas por três profissionais Psicólogos seis categorias: Ansiedade, Agressividade, Segurança, Satisfação, Dominância e Distância. Os votos variam de um a cinco sendo um o mais baixo índice daquela categoria. Na categoria Distância, o voto um corresponde a menor distância.

CATEGORIA ANSIEDADE																			
DESENHO DO CASAL										DESENHO DA FAMILIA									
PROF		1		2		3		M		PROF		1		2		3		M	
CAS	SEX	M	H	M	H	M	H	M	H	CAS	SEX	M	H	M	H	M	H	M	H
1		1	1	1	2	2	2	1.33	1.66	1		2	1	1	2	2	2	1.66	1.66
2		2	3	1	4	2	4	1.66	3.66	2		2	5	2	5	3	5	2.33	5
3		2	3	1	5	2	5	1.66	4.33	3		3	3	3	3	4	3	3.33	3
4		2	2	1	1	2	1	1.66	1.33	4		2	2	2	2	3	3	2.33	2.33
5		3	3	3	4	4	4	3.33	3.66	5		2	4	1	5	2	4	1.66	4.33
6		3	3	3	3	4	3	3.33	3	6		4	4	3	3	5	5	4	4
7		3	3	2	5	3	5	2.66	4.33	7		3	3	2	5	4	4	3	4
8		3	4	2	5	3	5	2.66	4.66	8		4	4	3	5	3	3	3.33	4
9		1	2	1	3	2	3	1.33	2.66	9		1	2	1	2	1	2	1	2
10		2	2	3	3	3	3	2.66	2.66	10		2	2	1	1	3	3	2	2
11		2	1	1	1	2	1	1.66	1	11		3	2	3	1	2	2	2.66	1.66
12		3	3	4	5	3	5	3.33	4.33	12		5	5	4	5	4	5	4.33	5
13		2	5	1	4	2	4	1.66	4.33	13		2	3	1	2	2	4	1.66	3
14		3	-	4	-	4	-	3.66	-	14		3	-	4	-	4	-	3.66	-
15		2	2	1	1	2	1	1.66	1.33	15		3	3	3	3	4	4	3.33	3.33
16		3	3	3	3	4	3	3.33	3	16		3	4	3	4	4	5	3.33	4.33
17		-	-	-	-	-	-	-	-	17		-	-	-	-	-	-	-	-
18		5	-	5	-	5	-	5	-	18		4	-	4	-	5	-	4.33	4.33
S								42.58	45.94	S								47.94	53.97
M								2.50	3.06	M								2.82	3.59

Tabela nº 6: Teste dos Desenhos – Categoria Ansiedade

Para a Categoria Ansiedade, as mulheres, nos resultados médios, passaram de 2.50 pontos para 2.82 pontos. Aumento, portanto, de 0.32 pontos. Os homens passaram de 3.06 pontos para 3.59 pontos. Aumento de 0.53 pontos. Verifica-se um aumento leve da ansiedade tanto em homens quanto em mulheres, sendo que o maior aumento

apresenta-se nos homens que também mantiveram índices mais elevados de ansiedade do que as mulheres nos dois desenhos.

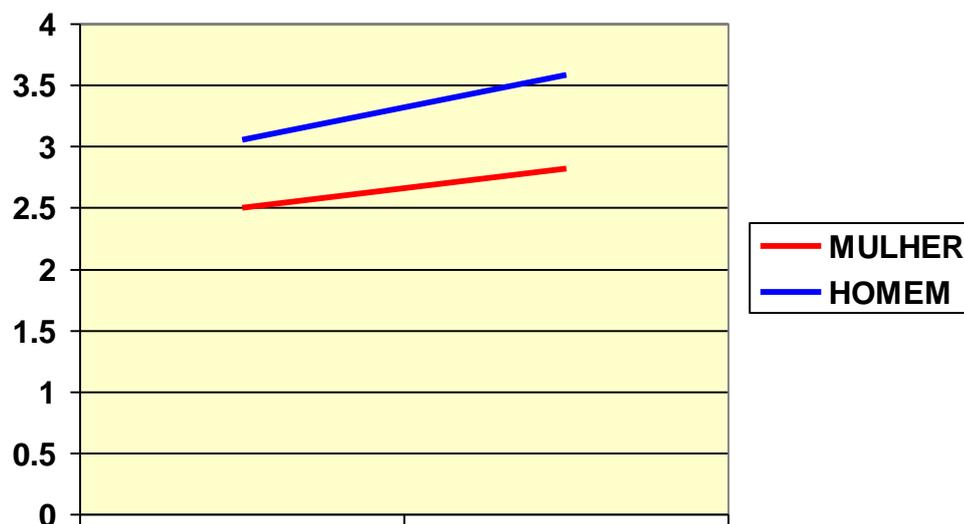


Diagrama nº11: Teste dos Desenhos – Categoria Ansiedade

CATEGORIA										AGRESSIVIDADE									
DESENHO DO CASAL					DESENHO DA FAMILIA														
PROF		1		2		3		M		PROF		1		2		3		M	
CAS	SEX	M	H	M	H	M	H	M	H	CAS	SEX	M	H	M	H	M	H	M	H
1		1	2	1	2	1	3	1	2.33	1		2	2	1	1	2	2	1.66	1.66
2		2	3	1	4	1	3	1.33	3.33	2		2	5	2	5	2	4	2	4.66
3		1	1	1	1	1	1	1	1	3		1	2	1	1	2	2	1.33	1.66
4		2	2	1	1	1	1	1.33	1.33	4		2	2	1	1	2	2	1.66	1.66
5		2	3	3	4	3	4	2.66	3.66	5		2	4	1	4	2	3	1.66	3.66
6		3	3	4	4	3	4	3.33	3.66	6		2	4	2	5	2	5	2	4.66
7		2	3	2	2	1	2	1.66	2.33	7		2	2	3	1	2	2	2.33	1.66
8		4	4	4	5	4	4	4	4.33	8		3	5	3	5	5	5	3.66	5

9	1	2	1	1	1	2	1	1.66	9	1	2	1	1	1	2	1	1.66
10	2	3	1	4	2	4	1.66	3.66	10	3	4	4	3	3	3	3.33	3.33
11	2	2	1	1	2	2	1.66	1.66	11	2	2	1	1	2	2	1.66	1.66
12	3	3	4	4	3	3	3.33	3.33	12	5	4	4	5	4	4	4.33	4.33
13	2	5	1	4	2	4	1.66	4.33	13	2	4	1	5	2	4	1.66	4.33
14	3	-	4	-	3	-	3.33	-	14	4	-	4	-	3	-	3.66	-
15	2	2	3	1	3	3	2.66	2	15	2	2	1	2	3	3	2	2.33
16	2	3	1	4	2	4	1.66	3.66	16	3	4	3	5	2	4	2.66	4.33
17	-	-	-	-	-	-	-	-	17	-	-	-	-	-	-	-	-
18	5	-	4	-	4	-	4.33	-	18	5	-	5	-	5	-	5	-
S							37.6	42.27	S							41.60	46.59
M							2.21	2.81	M							2.44	3.10

Tabela nº 7: Teste dos desenhos – Categoria Agressividade

Na Categoria Agressividade apresentada nesta tabela, temos uma distribuição semelhante à anterior: índices mais elevados nos homens nos dois desenhos e aumento destes índices tanto para homens quanto para mulheres no segundo desenho. As mulheres aumentaram de 2.21 pontos para 2.44 pontos enquanto os homens aumentaram de 2.81 pontos para 3.10 pontos. Aumento nas mulheres foi de 0.23 pontos e nos homens de 0.29 pontos.

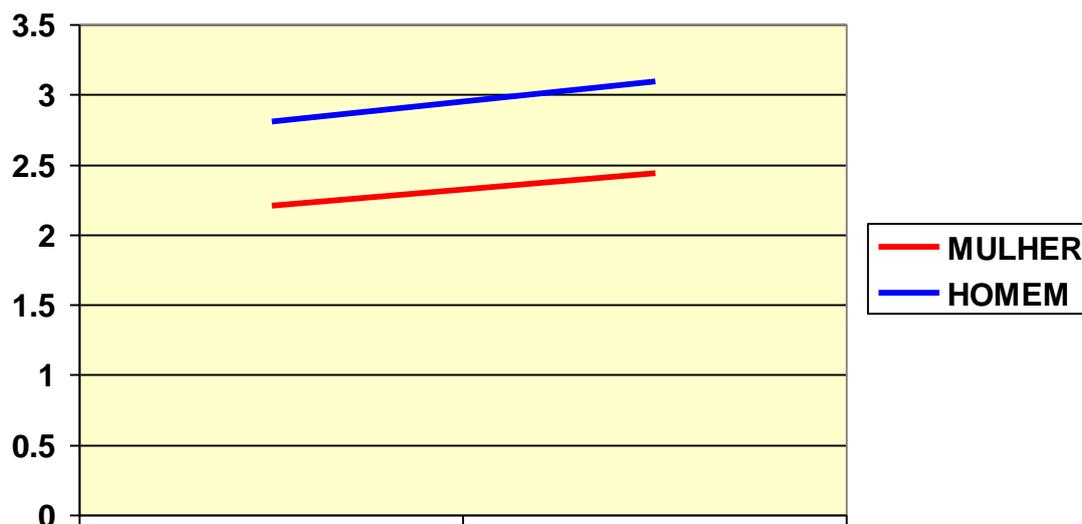


Diagrama nº12: Teste dos Desenhos – Categoria Agressividade

CATEGORIA										SEGURANÇA									
DESENHO DO CASAL										DESENHO DA FAMÍLIA									
PROF		1		2		3		M		PROF		1		2		3		M	
CAS	SEX	M	H	M	H	M	H	M	H	CAS	SEX	M	H	M	H	M	H	M	H
1		3	3	4	3	3	2	3.33	2.66	1		4	2	4	3	4	2	4	2.33
2		3	2	2	1	3	2	2.66	1.66	2		3	1	3	1	3	1	3	1
3		3	3	3	4	3	2	3	3	3		2	2	2	1	2	2	2	1.66
4		2	3	3	3	2	2	2.33	2.66	4		3	2	3	2	2	2	2.66	2
5		2	3	3	4	2	2	2.33	3	5		3	2	3	2	3	1	3	1.66
6		3	3	4	2	3	2	3.33	2.33	6		4	2	5	1	4	1	4.33	1.33
7		3	2	4	1	3	1	3.33	1.33	7		2	1	4	1	3	1	3	1
8		4	2	4	1	3	1	3.66	1.33	8		3	2	3	3	3	2	3	2.33
9		3	2	5	1	3	2	3.66	1.66	9		4	3	4	3	3	2	3.66	2.66
10		2	3	1	5	2	4	1.66	4	10		4	3	4	4	3	3	3.66	3.33
11		4	3	4	3	3	2	3.66	2.66	11		3	3	3	2	3	2	3	2.33
12		4	3	4	4	3	2	3.66	3	12		3	2	2	1	3	1	2.66	1.33
13		3	1	4	1	3	1	3.33	1	13		4	2	4	3	3	1	3.66	2

14	3	-	4	-	2	-	3	-	14	4	-	4	-	2	-	3.33	-
15	3	3	3	2	3	2	3	2.33	15	3	2	3	1	2	1	2.66	1.33
16	2	2	2	4	1	2	1.66	2.66	16	1	1	2	2	2	1	1.66	1.33
17	-	-	-	-	-	-	-	-	17	-	-	-	-	-	-	-	-
18	3	-	2	-	2	-	2.33	-	18	3	-	4	-	3	-	3.33	-
S							49.93	35.28	S							52.61	27.62
M							2.93	2.35	M							3.09	1.84

Tabela nº 8: Teste dos desenhos – Categoria Segurança

Nesta tabela estão apresentados os votos referentes à Categoria Segurança que apresentam resultados diferentes para homens e mulheres. Enquanto as mulheres tiveram um aumento do índice nesta categoria, passando de 2.93 pontos para 3.09 pontos (aumento de 0.16 pontos, portanto), os homens tiveram uma sensível diminuição do índice: passaram de 2.35 pontos para 1.84 pontos, diminuição de 0.51 pontos. O Diagrama n.13 permite a visualização deste importante dado

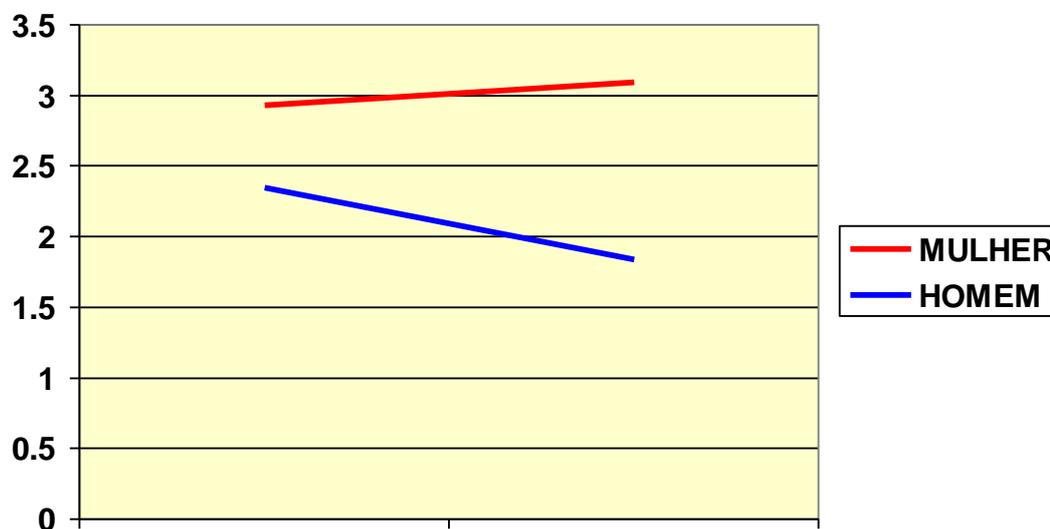


Diagrama nº 13: Teste dos Desenhos – Categoria Segurança

CATEGORIA										SATISFAÇÃO									
DESENHO DO CASAL					DESENHO DA FAMÍLIA														
PROF		1		2		3		M		PROF		1		2		3		M	
CAS	SEX	M	H	M	H	M	H	M	H	CAS	SEX	M	H	M	H	M	H	M	H
1		4	3	5	3	3	2	4	2.66	1		4	3	5	3	4	1	4.33	2.33
2		3	3	5	4	4	3	4	3.33	2		3	2	5	3	4	1	4	2
3		4	4	5	5	4	4	4.33	4.33	3		3	5	5	5	4	4	4	4.66
4		3	3	5	5	3	4	3.66	4	4		3	2	4	4	3	3	3.33	3
5		3	2	2	2	3	2	2.66	2	5		3	1	5	2	3	2	3.66	1.66
6		3	4	4	3	2	2	3	3	6		4	2	5	2	3	1	4	1.66
7		3	3	4	4	3	3	3.33	3.33	7		4	2	4	3	3	3	3.66	2.66
8		3	2	3	1	2	1	2.66	1.33	8		2	2	3	3	2	1	2.33	2
9		4	2	5	4	4	3	4.33	3	9		3	3	5	4	4	2	4	3
10		3	3	4	3	2	2	3	2.66	10		3	2	4	3	3	1	3.33	2
11		4	3	4	4	3	2	3.66	3	11		3	2	5	4	4	2	4	2.66
12		4	3	3	3	3	2	3.33	2.66	12		3	1	5	3	3	2	3.66	2
13		4	3	5	3	4	2	4.33	2.66	13		3	2	5	1	4	1	4	1.33
14		4	-	3	-	3	-	3.33	-	14		3	-	3	-	3	-	3	-
15		3	3	4	4	2	2	3	3	15		4	4	5	5	3	3	4	4
16		2	3	3	3	2	2	2.33	2.66	16		3	2	4	3	2	1	3	2
17		-	-	-	-	-	-	-	-	17		-	-	-	-	-	-	-	-
18		3	-	3	-	2	-	2.66	-	18		4	-	3	-	2	-	3	-
S								57.61	43.62	S								61.30	36.96
M								3.38	2.90	M								3.60	2.46

Tabela nº 9: Teste dos Desenhos – Categoria Satisfação

Também na Categoria Satisfação observa-se a situação da Categoria Segurança apresentada anteriormente. Enquanto as mulheres tiveram um aumento, passaram de

3.38 pontos para 3.60 pontos, os homens tiveram uma diminuição do índice de 2.90 pontos para 2.46 pontos. A diferença dos índices é de 0.22 pontos nas Mulheres e de 0.44 pontos nos homens.



Diagrama nº14: Teste dos Desenhos – Categoria Satisfação

CATEGORIA										DOMINÂNCIA									
DESENHO DO CASAL										DESENHO DA FAMÍLIA									
PROF		1		2		3		M		PROF		1		2		3		M	
CAS	SEX	M	H	M	H	M	H	M	H	CAS	SEX	M	H	M	H	M	H	M	H
1		3	3	3	3	4	2	3.33	2.66	1		3	2	2	3	4	2	3	2.33
2		3	3	4	4	3	3	3.33	3.33	2		3	5	3	4	3	4	3	4.33
3		2	4	3	4	2	4	2.33	4	3		3	4	3	4	4	5	3.33	4.33
4		3	2	3	2	3	3	3	2.33	4		3	2	2	2	3	3	2.66	2.33
5		3	3	3	3	3	3	3	3	5		4	2	4	3	3	3	3.66	2.66
6		3	4	3	4	3	3	3	3.66	6		4	3	5	3	3	3	4	3
7		3	2	3	2	2	3	2.66	2.33	7		2	4	3	5	2	3	2.33	4
8		4	2	3	3	3	2	3.33	2.33	8		4	3	5	3	3	2	4	2.66
9		3	3	4	2	4	1	3.66	2	9		4	2	3	2	4	1	3.66	1.66

10	2	3	3	3	2	2	2.33	2.66	10	3	2	3	3	2	2	2.66	2.33
11	3	2	3	3	3	3	3	2.66	11	2	3	3	3	3	3	2.66	3
12	4	3	3	4	3	3	3.33	3.33	12	3	2	4	3	3	2	3.33	2.33
13	3	4	3	3	3	3	3	3.33	13	2	2	3	2	3	3	2.66	2.33
14	3	-	4	-	3	-	3.33	-	14	3	-	3	-	2	-	2.66	-
15	2	3	3	3	2	2	2.33	2.66	15	3	4	3	5	2	3	2.66	4
16	2	3	3	3	2	2	2.33	2.66	16	2	2	3	3	2	2	2.33	2.33
17	-	-	-	-	-	-	-	-	17	-	-	-	-	-	-	-	-
18	3	-	4	-	3	-	3.33	-	18	2	-	3	-	3	-	2.66	-
S							50.62	42.94	S							51.26	43.62
M							2.97	2.86	M							3.01	2.90

Tabela nº 10: Teste dos desenhos – Categoria Dominância

Nesta categoria, Dominância, os índices não apresentaram alterações significativas para nenhum dos grupos. Houve um pequeno aumento de 0.04 pontos para homens e mulheres. Mulheres passaram de 2.97 pontos para 3.01 pontos e homens de 2.86 para 2.90. No geral, pode-se observar que as mulheres têm uma leve dominância em relação aos homens que, porém, não se altera do primeiro para o segundo desenho – 2.97 pontos para mulheres contra 2.86 pontos para homens. Diferença de 0.11 pontos.

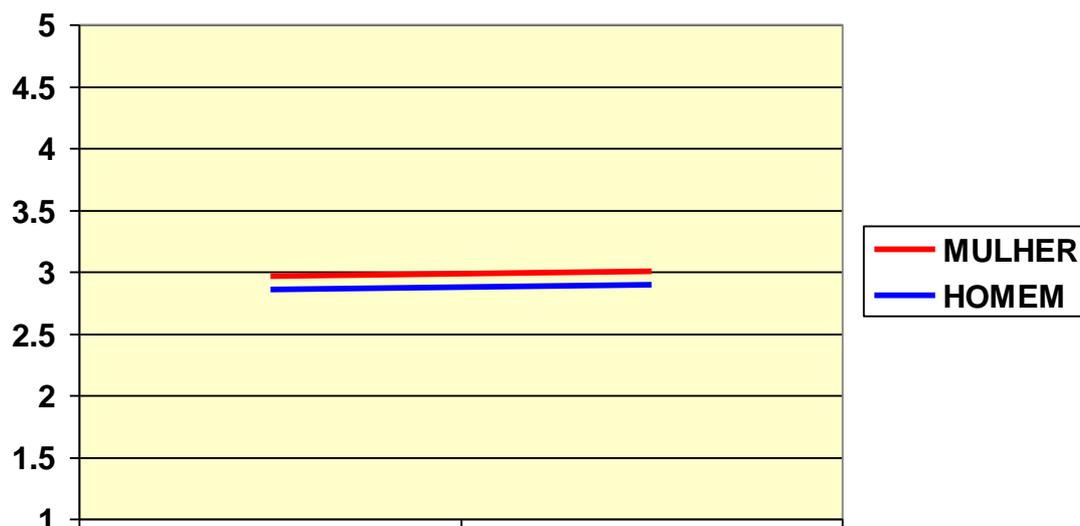


Diagrama n° 15: Teste dos Desenhos – Categoria Dominância

CATEGORIA										DISTÂNCIA									
DESENHO DO CASAL										DESENHO DA FAMÍLIA									
PROF		1		2		3		M		PROF		1		2		3		M	
CAS	SEX	M	H	M	H	M	H	M	H	CAS	SEX	M	H	M	H	M	H	M	H
1		1	1	1	1	2	2	1.33	1.33	1		5	5	4	5	4	4	4.33	4.66
2		2	1	2	1	3	2	2.33	1.33	2		4	2	4	1	3	2	3.66	1.66
3		1	1	1	1	2	1	1.33	1	3		1	5	2	5	1	4	1.33	4.66
4		1	1	1	1	2	2	1.33	1.33	4		5	5	5	5	4	4	4.66	4.66
5		1	1	1	1	2	1	1.33	1	5		5	5	5	5	4	4	4.66	4.66
6		2	3	2	4	3	4	2.33	3.66	6		2	4	2	4	3	4	2.33	4
7		1	2	1	2	2	3	1.33	2.33	7		1	3	1	4	2	3	1.33	3.33
8		3	2	4	3	4	3	3.66	2.66	8		1	3	1	2	1	3	1	2.66
9		1	1	1	1	2	2	1.33	1.33	9		2	5	2	5	2	3	2	4.33
10		1	3	1	3	2	3	1.33	3	10		5	3	5	4	3	3	4.33	3.33
11		1	1	1	1	2	2	1.33	1.33	11		5	5	5	5	4	3	4.66	4.33
12		1	1	1	1	2	2	1.33	1.33	12		5	5	5	5	3	3	4.33	4.33
13		1	2	1	2	2	3	1.33	2.33	13		5	5	5	4	3	3	4.33	4

14	1	-	1	-	2	-	1.33	-	14	5	-	5	-	4	-	4.66	-
15	1	1	1	1	2	2	1.33	1.33	15	5	4	5	4	4	3	4.66	3.66
16	2	2	2	2	3	3	2.33	2.33	16	2	2	1	2	3	3	3	2.33
17	-	-	-	-	-	-	-	-	17	-	-	-	-	-	-	-	-
18	1	-	1	-	2	-	1.33	-	18	4	-	5	-	4	-	4.33	-
S							27.94	27.62	S							59.60	56.60
M							1.64	1.84	M							3.50	3.77

Tabela nº 11: Teste dos desenhos – Categoria Distância

Na Categoria Distância é observada a maior diferença entre o primeiro e o segundo desenho tanto para Homens quanto para Mulheres. As Mulheres aumentaram seu índice médio de 1.64 pontos para 3.50 pontos e os Homens de 1.84 pontos para 3.77 pontos. Aumento, portanto, de 1.86 pontos para as Mulheres e de 1.93 pontos para os Homens.

Esta diferença é aceita estatisticamente pelo Critério de Student, Critério T.

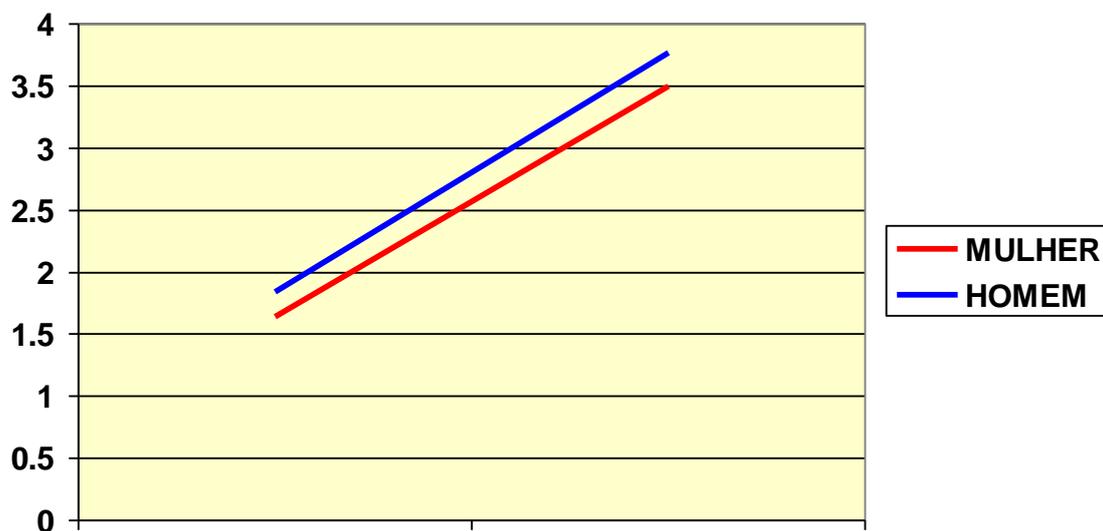


Diagrama nº 16: Teste dos Desenhos – Categoria Distância

Conclui-se, portanto:

- Quanto à Ansiedade: os homens demonstraram maior ansiedade que as mulheres e há aumento da ansiedade para ambos após o nascimento do filho. Comparativamente, o aumento é maior para os homens: 0.53 pontos em escala de 5 graus.
- Quanto à Agressividade: os homens manifestaram maior agressividade que as mulheres e há aumento da agressividade para ambos após o nascimento do Filho. Comparativamente o aumento é maior para os homens: 0.29 pontos em escala de 5 graus.
- Quanto à Segurança: as mulheres demonstraram maior segurança que s homens tanto antes quanto depois do nascimento do filho. Porém, enquanto nas mulheres há um aumento da segurança após o nascimento do filho em 0.16 pontos em escala de 5 graus, nos homens há uma diminuição da segurança em 0.51 pontos. Antes do nascimento do filho as mulheres são mais seguras em 0.58 pontos em relação aos homens e depois do nascimento do filho são mais seguras em 1.25 pontos em relação aos homens.
- Quanto à Satisfação: as mulheres demonstraram mais satisfação que os homens tanto antes quanto depois do nascimento do filho. Porém, enquanto nas mulheres há um aumento da satisfação após o nascimento do filho em 0.22 pontos em uma escala de cinco graus, nos homens há uma diminuição da satisfação em 0.44 pontos. Antes do nascimento do filho as mulheres demonstraram aumento da satisfação em 0.48 pontos em relação aos homens e depois do nascimento do filho demonstraram aumento da satisfação em 1.14 pontos em relação aos homens.
- Quanto à Dominância: ha uma distribuição igualitária de domínio entre homens e mulheres que não se altera significativamente após o nascimento do filho. Índice maior para as mulheres em 0.08 pontos antes do nascimento do Filho e de 0.11 pontos após o nascimento do Filho.
- Quanto à Distância: a proximidade do casal diminui significativamente após o nascimento do filho tanto para homens quanto para mulheres. Para homens a distância aumenta em 1.93 pontos em escala de cinco graus e para mulheres em 1.86 pontos na mesma escala.

3.4. QUESTIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO

As informações dos questionários histórico-biográficos foram divididas em quatro seções: Auto-definição; Relação com o Cônjuge; Relação com o Filho e Relacionamento pai, mãe e filho.

3.4.1 MULHERES

- Auto-definição:

Foram utilizadas trinta e nove categorias de adjetivos positivos num total de sessenta e sete citações sendo os mais freqüentes “calma” (f:6)¹⁷ e “sincera”, “tranqüila” e “responsável” (f:4).

O total de adjetivos negativos utilizados foi vinte e nove, distribuídos em vinte e quatro categorias sendo os mais freqüentes “chorona”, “negativista”, “brava”, “nervosa” e “tímida” (f: 2).

Os sonhos de juventude citados com maior freqüência foram “casar” (f: 8), “ter filhos” (f: 6), “ser feliz” (f: 5) e “ser professora” foi a resposta mais encontrada para a pergunta “o que pretendia ser quando adulta” (f: 6).

Os projetos futuros mais freqüentes foram “voltar a estudar” (f: 4), “ter outro filho” (f: 3) e “comprar uma casa” (f: 3).

As preocupações que as mulheres revelam ter no momento são “vida profissional” (f: 2), “futuro das crianças” (f: 2) e “acertar na educação das crianças” (f: 2).

- Relação com o Cônjuge:

As Mulheres usaram quarenta e seis categorias de adjetivos positivos para referirem-se aos maridos totalizando sessenta e duas citações. Os adjetivos mais freqüentemente utilizados foram “bom pai” (f: 4) e “ótimo companheiro, determinado e amoroso” (f: 3).

Quanto aos adjetivos negativos foram usadas trinta e sete categorias num total de trinta e nove citações onde os mais freqüentes são “desorganizado e preguiçoso” (f: 2).

Em relação ao casamento 44.4 % refere que o casamento “está bom” e 55.5% diz que “está muito bom”. As mudanças mais observadas são “aumento de

¹⁷ (f:x): Freqüência de resposta.

responsabilidade” e “aumento da correria do dia a dia” (f: 2) e “ciúme” foi o primeiro problema enfrentado (f: 2).

A frequência das relações sexuais aumentou para 5.5%, diminuiu para 38.8 % e permaneceu a mesma para outros 44.4%. 11% não responderam a pergunta. Os motivos da diminuição foram elencados como: “por causa do bebê”; “falta de tempo”; “vida agitada”; “filhos”; “quotidiano”; “cansaço”; “trabalhamos mais”; “corre-corre”; “stress”. Duas pessoas não souberam responder. As relações sexuais antes do nascimento do filho foram consideradas satisfatórias para dezessete das esposas e “boas para mim e ótimas para ele” para uma delas. Atualmente foram consideradas satisfatórias para dezesseis das esposas, “de vez em quando” para uma delas e “98% satisfatórias” para uma outra.

Quando perguntadas “o que gostaria que mudasse no casamento”, 38.88% das mulheres dizem que “nada” e 11.11% indicam mais tempo para o casal. Depois seguem aspectos afetivos de posicionamento do marido: “mais carinho”; “mais diálogo”; “mais romantismo”; “mais compreensão”.

- Relação com o Filho.

Para os adjetivos positivos identificados com o filho foram utilizadas trinta e cinco categorias num total de setenta citações sendo os mais frequentes “inteligente” (f: 10), “carinhoso” (f: 9) e “alegre” (f: 6).

Os adjetivos negativos somam trinta e nove, distribuídos em vinte e três categorias. Os mais frequentes são “teimoso” (f: 9) e “arteiro” (f: 4).

A “obediência” é a maior dificuldade na relação (f: 3) e a maior mudança diz respeito ao “aumento de responsabilidades” (f: 3).

- Inter relacionamento entre Pai, Mãe e Filho.

Segundo as mulheres, 66.66% dos filhos vêm para o quarto dos pais e 27% têm sua cama no quarto dos pais. Um dos casais refere que o filho dorme em sua cama. O motivo mais frequente é “quer dormir com a mãe” (f: 2). Outros motivos são: “quer ficar”, “quer ver TV”, “acostumou”, “quer brincar”, “para dormir”, “por causa do frio” e “tem medo”.

A reação de 22.22% dos maridos é “não se importa” quando o filho quer vir para a cama dos pais. Outras duas reações são igualmente de aprovação: “ajuda-o a subir na cama”; “coloca-o no meio”. Outras cinco são de resignação: “deixa um pouco depois

leva para seu quarto”; “gosto, mas não durmo”; “me sinto esmagado”; “digo que é só um pouquinho”; “vou para o quarto dele”. E duas são de não aprovação: “não aceito”; “não deixo”.

Quando a mãe chama a atenção do filho, 27.77% “chora”, 50% tem reação de aceitação (“ouve”, “baixa a cabeça”, “obedece”), 22.22% reage (“teima”, “fica bravo”). Os pais reagem à ação da mãe da seguinte forma: 50% não interferem (“não faço nada”, “fico calado”); 44.44% aprovam (“concordo”, “apóio”) e 5.5% reprovam (“não gosto”, “digo que basta conversar”). As mães referem que fazem intervenções do tipo: “mais tarde conversamos”; “digo que papai tem razão”; “digo que papai é seu amigo”; “repreendo se ele foi duro”; “meto o pau e tiro ele de perto”; “às vezes me meto”; “às vezes não deixo”. As outras onze esposas não se manifestam (“fico quieta”, “não interfiro”).

3.4.2 HOMENS

- Auto-definição:

Foram utilizadas quarenta e cinco categorias de adjetivos positivos num total de cinquenta e quatro citações sendo os mais freqüentes “honesto” (f:4), “trabalhador”, “dedicado a família e calmo” (f: 3).

O total de adjetivos negativos foi vinte e sete distribuídos em vinte categorias sendo os mais freqüentes “impaciente” (f: 3) e “ambicioso”, “desorganizado”, “perfeccionista”, “teimoso e temperamento forte” (f: 2).

Os sonhos de juventude citados com maior freqüência foram “construir uma casa” e “ganhar dinheiro” (f: 3), e “advogado”, “engenheiro”, “militar” e “jogador de futebol” foram as respostas mais encontradas para a pergunta “o que pretendia ser quando adulto” (f: 2).

Os projetos futuros mais freqüentes foram “ter uma casa” (f: 4) e “progredir nos negócios e manter a família unida e feliz” (f: 3).

As preocupações que os homens revelam ter no momento são “educação dos filhos” (f: 4), “preocupações financeiras e futuro profissional” (f: 2).

- Relação com o Cônjuge:

Os homens usaram trinta e uma categorias de adjetivos positivos para referirem-se as esposas totalizando quarenta e nove citações. Os adjetivos mais frequentemente utilizados foram “amorosa”, “carinhosa”, “companheira”, “dedicada” (f: 4).

Quanto aos adjetivos negativos foram usadas vinte e uma categorias num total de vinte três citações onde os mais freqüentes são “teimosia e ciúme” (f: 2).

Em relação ao casamento 72.22 % refere que o casamento “está bom” e 27.77% diz que “está muito bom”. Um adendo de um dos questionários diz: “Muito bom, mas o dia a dia e a atenção aos filhos dificultam o relacionamento”. As mudanças mais observadas são “tempo disponível para o casal e a chegada dos filhos” (f: 2) e “diferenças na criação dos filhos” foi o primeiro problema enfrentado (f: 2).

A freqüência das relações sexuais permaneceu igual para 22.22% dos maridos e diminuiu para 77.77%. Um pai respondeu “poucas, raras” e outro “quando o nenê deixa”. Os motivos da diminuição foram elencados em primeiro lugar “falta de tempo e trabalhamos mais” e depois “ele (o bebê) fica acordado”; “rotina, cansaço, disponibilidade, tem o filho, doença”. As relações sexuais antes do nascimento do filho foram consideradas “satisfatórias” para quatorze dos maridos e “muito satisfatórias” para outros quatro. Atualmente foram consideradas “satisfatórias” para quatorze dos maridos, “iguais” para um deles, “regular” para outro e “insatisfatória” para um outro ainda.

Quando perguntados “o que gostaria que mudasse no casamento” 44.44% dos homens dizem que “nada” e 11.11% indicam mais tempo para o casal. Depois seguem aspectos práticos da vida: “finais de semana”; “volta de um ritmo de vida mais tranquilo”, “organização pós-mudança”; “mais dinheiro, mais conforto”.

- Relação com o Filho.

Para os adjetivos positivos identificados com o filho foram utilizadas vinte e quatro categorias num total de trinta e cinco citações sendo os mais freqüentes “amoroso” (f: 4), “ativo” (f: 3) e “carinhoso” (f: 3).

Os adjetivos negativos somam vinte e sete distribuídos em vinte três categorias. Os mais freqüentes são “teimoso” (f: 3) e “manhoso e insistente” (f: 2).

A “educação e manter a paciência nos confrontos” são as maiores dificuldades na relação (f: 2) e a maior mudança diz respeito ao “aumento de responsabilidades” (f: 4).

- Inter relacionamento entre Pai, Mãe e Filho.

Iguais aos dados colhidos com as mulheres, 66.66% dos filhos dormem em seu próprio quarto, mas vêm com frequência para o quarto dos pais e 27% têm sua cama no quarto dos pais. Um dos pais refere que o filho “dorme onde quer” e outro que “dorme um pouco em cada cama”. Os motivos alegados são: “medo de dormir só” (é o mais freqüente (f: 2)); “quando fica doente”; “quando pai viaja”; “para juntar-se a nós”; “por causa do frio”; “quando chamado”; “quando acorda”; “quer a mãe”; “para mamar”.

A reação de 33.33% das mães é “normal” quando o filho quer vir para a cama dos pais. Outras quatro reações são igualmente de aprovação: “acostumou”; “concorda”; “ela quer”; “felicidade”. Um é de resignação: “diz que não cabem todos na cama”. E um é de desaprovação: “reação explosiva”.

Quando o pai chama a atenção do filho 16.66% “chora”, 66.66% tem reação de aceitação (“ouve”, “baixa a cabeça”, “obedece”), 16.66% reage (“teima”, “fica bravo”). As mães reagem à ação do pai da seguinte forma: 38.88% não interferem (“normal”, “não interfere”); 11.11% aprovam (“respeita”, “me apóia”) e 38.88% reprovam (“fica indignada”, “protege”, “reclama”, “pega no colo”, “o consola”). Quando a ação é da mãe os pais referem que: “quando é impaciência peço para se acalmar”; “peço que não seja tolerante”; “chamo sua atenção”. Os outros quinze pais não se manifestam (“olho”; “concordo com ela”; “respeito”).

3.4.3 OBSERVAÇÕES

- As mulheres usam mais adjetivos positivos para descreverem-se, mas os homens variam mais os adjetivos usados.
- Para os adjetivos negativos, as mulheres usam mais variações, mas o uso é equilibrado entre homens e mulheres.
- Os sonhos de juventude femininos referem-se à família enquanto os masculinos indicam propriedades e rendimentos financeiros.
- Ambos têm como projeto futuro a aquisição de uma casa, depois um aspecto familiar e um profissional.
- Aspecto profissional e futuro dos filhos são preocupações de ambos, porém os homens preocupam-se ainda com o aspecto financeiro.

- Em relação ao cônjuge, as mulheres usam mais adjetivos tanto positivos quanto negativos.
- A satisfação com o casamento é maior para as mulheres.
- Enquanto as mulheres sentiram as primeiras dificuldades no “ciúme” os homens sentiram na “criação dos filhos”.
- A percepção da diminuição das relações sexuais é mais expressiva nos homens bem como a diminuição do índice de satisfação.
- “Mais tempo para o casal” é o desejo de mudança de homens e mulheres.
- As mulheres usam exatamente o dobro de adjetivos positivos para descrever o filho que os homens (de 70 para 35) e também usam mais adjetivos negativos (de trinta e nove para vinte e sete).
- As mulheres aprovam em maior número a vinda dos filhos para a cama do casal enquanto cinco dos homens reagem resignados e dois não aprovam.
- Quando executados os filhos obedecem mais aos pais (65.55%) e reagem (22%) ou choram (16.66%) com mais frequência quando é a mãe a executá-los.
- Os pais tendem a não interferir (50%) quando a ação é da mãe e na maioria aprovam sua conduta (44%).
- As mães têm tendência maior a reprovar a ação do pai (38%) e a interferir em defesa do filho.

3.5. QUESTIONÁRIO PROJETIVO

O questionário projetivo apresentou dados qualitativos interessantes, embora algumas perguntas não tenham tido respostas expressivas.

Obviamente todos os casais enfatizaram que as mudanças são grandes depois do nascimento do filho e referem terem ficado surpresos com algumas coisas.

As mães se surpreenderam (Pergunta 16) com “a felicidade e alegria” em primeiro lugar (f: 9), seguido da “responsabilidade, trabalho e rotina” (f:4). Os pais surpreenderam-se (em igual frequência: 6) com “a felicidade”, “a responsabilidade” e o trabalho”, seguido da “diminuição de tempo para si” (f: 4).

Em relação às mudanças que um cônjuge observou no outro (Pergunta 8), mães e pais têm padrões de respostas diferentes. As mulheres observam mudanças na relação:

“está mais próximo”; “mais amoroso”; “mais prestativo” (f: 6); enquanto os maridos centralizam em basicamente duas respostas “tem menos tempo para mim” e “se dedica mais ao filho” (f: 4); e “está mais feliz” (f: 3).

As mulheres são mais nostálgicas (Pergunta 27) principalmente em relação à família de origem e aos estudos enquanto os homens têm respostas muito distribuídas nas mais diversas coisas (“esportes”; “viajar”; “ser adolescente”).

A solidão (Pergunta 15) para a mulher é identificada pela ausência do marido (f:6), depois do filho (f:4) ou de qualquer pessoa (f:4). Os homens identificam com a ausência da esposa (f: 8) e do filho (f:8).

Curiosas foram as perguntas de número 6 e 20: “Quando meu filho está na creche/berçário/caso dos avôs eu gosto de...” e “Se meu filho me abraça meu marido/esposa...”.

No primeiro caso as mulheres responderam que quando o filho não está m casa elas gostam de “descansar” (f: 4) ou “retornar a ele” (f: 3) enquanto os homens responderam “estar com a esposa” (f: 5), o que demonstra que os homens sentem mais a ausência da esposa.

No segundo caso os maridos responderam maciçamente que as esposas “gostam, apreciam e aprovam” (f: 12) quando o filho o abraça enquanto que as mulheres referem que os maridos manifestam desejos de serem abraçados também quando elas são abraçadas por seus filhos (f: 7). É já um traço de ciúme e disputa com figura da mãe como centro dinâmico.

Duas perguntas sobre sexo que apresentam resultado interessante:

1. “Sempre que eu e meu marido/esposa queremos namorar...” (Pergunta 9). Nas mulheres, nove o fazem, seis esperam e duas se sentem impossibilitadas porque as crianças choram. Nos homens, cinco o fazem, seis esperam e cinco referem sentirem-se impossibilitados porque as crianças choram ou querem estar presentes.
2. “Tenho mais vontade de fazer sexo quando...” (Pergunta 22). As mulheres se estimulam estando sós (f: 5) e tranqüilas (f: 5) e os homens quando estão tranqüilos (f: 4) ou quando há um comportamento diferente na esposa (f: 4).

Duas curiosidades ainda. Duas mulheres referem ter mais vontade de fazer sexo quando chove e um marido sente vontade de fazer sexo quando “ele [o filho] não está em casa”.

3.6. CASOS ILUSTRATIVOS

3.6.1. PRIMEIRO CASO

Considerando todos os dados, pode-se inferir que o Casal 4 apresenta comparativamente aos outros casais da amostra uma situação familiar positiva. A esposa demonstra estar realizada na vida e em seu relato deixa transparecer que a família prosperou: “Desde criança nossa vida foi muito pobre; eu sempre sonhava em ter o que tenho hoje: uma casa, marido e filhos. Estou realizada”. Manifesta grande afeição pelo marido descrevendo-o como sendo “100%”; “o melhor homem”, e diz que “o casamento está perfeito”. Refere-se ao marido como “ótimo amante”, o que demonstra a manutenção do interesse erótico pelo cônjuge.

O marido refere-se à esposa como “especial”, “companheira e compreensiva nas horas difíceis” e diz que o casamento vai “muito bem”. Os aspectos negativos que a esposa identifica no marido é que o mesmo “é muito preocupado com o amanhã, principalmente no aspecto financeiro” e o marido não identifica nenhum aspecto negativo na esposa.

A frequência das relações sexuais passou de diárias a quatro vezes por semana devido ao aumento de atividades, mas são consideradas igualmente “muito satisfatórias” por ambos.

Na relação com o filho vemos a comum participação do pai e da mãe sendo ambos igualmente rigorosos, igualmente sensibilizados pelas necessidades do filho e igualmente atenciosos nos casos de necessidade. Ambos desejam que o filho tenha uma identidade própria e não necessariamente se pareça com alguém de sua preferência.

Quando a mãe deve chamar atenção do filho, o pai não interfere e o filho obedece e entende. Porém, quando o pai deve chamar a atenção do filho, a mãe “concorda com o filho”. É a postura tradicional que desautoriza o pai e consente ao filho o poder de vencer o pai na luta pelo primado familiar.

Em suas escalas de satisfação encontramos o grau dez em todos os itens e os mesmos categorizaram como estando “Muito Satisfeitos” em relação às mudanças que ocorreram na vida.

No ranking da esposa, o marido está em primeiro lugar, seguido da mãe em segundo, filho em terceiro e filha em quarto lugar, e no ranking do marido está a esposa em primeiro lugar, seguida do filho, depois filha e em quarto lugar a mãe. Este item demonstra preferencialidade do casal entre si e aceitação dos diferentes graus de afeto dentro da família. Algo real que em muitas famílias vem camuflado gerando conflito e ansiedade.

Os votos de seus Testes dos Desenhos (Figuras 1, 2, 3 e 4) estão dentro do padrão identificado na pesquisa, mas demonstram ansiedade e agressividade em graus baixos e apenas com leve aumento após o nascimento do filho. Segurança e satisfação têm graus elevados para ambos sendo que após o nascimento do filho aumentaram para a esposa e diminuíram para o marido, porém em leves proporções. Embora todos estes aspectos positivos, ainda assim a distância do casal aumentou muito após o nascimento do filho.

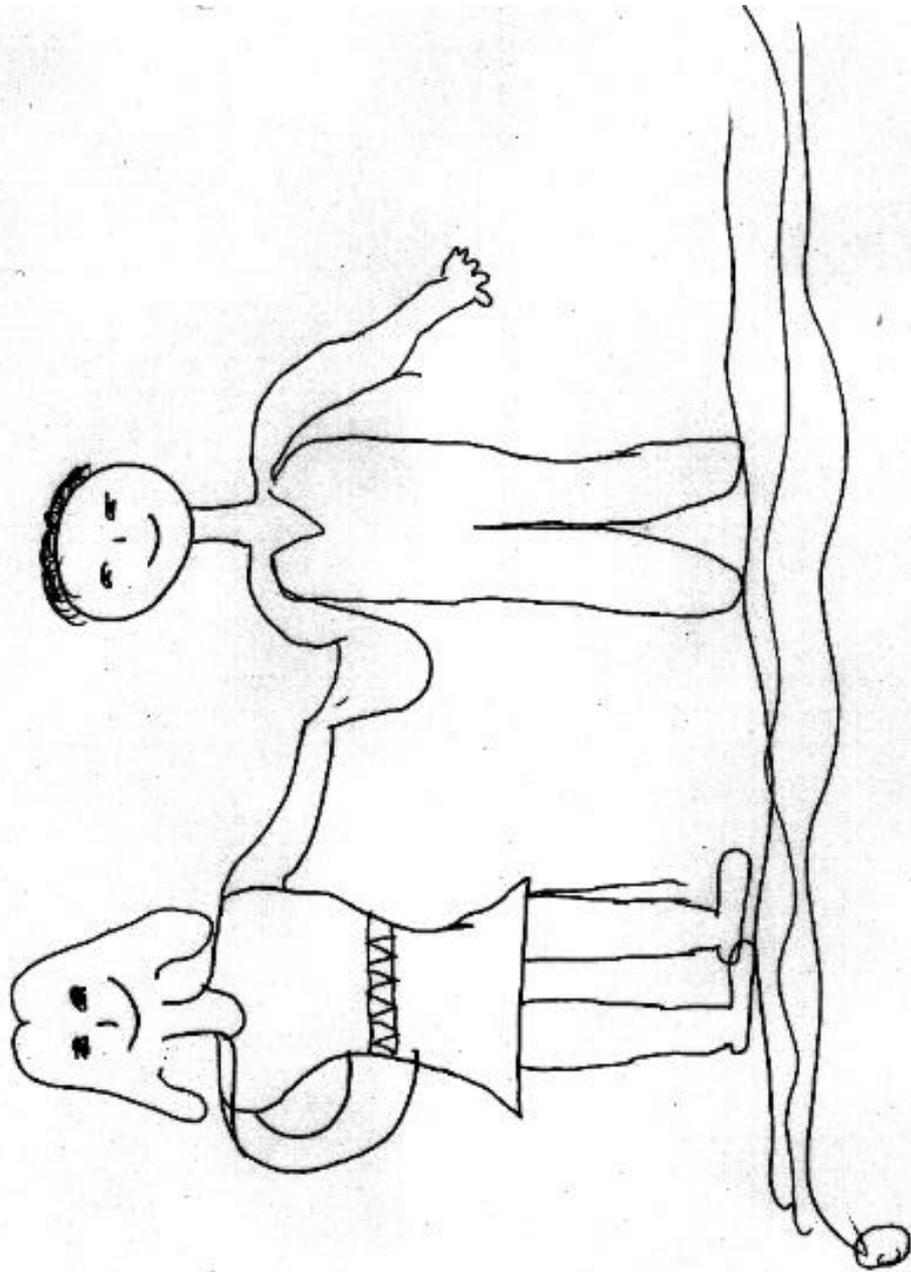


Figura 1: Desenho do casal – Casal 4 – Esposa

Observa-se que as figuras estão bem distribuídas na página, centradas e proporcionais denotando uma personalidade ajustada. As particularidades são as seguintes:

- O sujeito desenha a si em primeiro lugar. A ordem em que as figura vêm apresentadas exprime a preeminência semântica, ou seja, a centralidade dinâmica do sujeito na relação. (MENEGETTI, 1998, p. 286)
- São figuras “limpas”, com pouquíssimos detalhes indicando um grande senso prático.
- As figuras são sorridentes e “simpáticas”.
- A figura feminina tem olhos luminosos, alegres. Pode estar relacionado com o desejo de “ver e ser vista”, chamar atenção.
- A presença de cílios confirma a personalidade forte e decidida.
- Revela também dificuldade de contato com o estímulo exterior: mãos para trás, ausência do contorno do rosto. (MENEGETTI, 1998, p. 288)
- Presença de traço, ou cinto, marcando a cintura, dividindo tórax e região genital pode indicar uma preocupação ou policiamento ao impulso do corpo.
- A figura masculina apresenta-se com ausência de detalhes significativos e sem os pés, porém também é uma figura ajustada, simétrica, alegre. A figura que representa o sujeito indica como ele ou ela vê a si próprio enquanto o personagem do sexo oposto evidencia o modo em que o sujeito vê o indivíduo do outro sexo e como se relaciona com ele. A preeminência gráfica corresponde à preeminência psicológica na sua vida. (MENEGETTI, 1998, p. 286)
- As mãos são interligadas revelando forte vínculo.

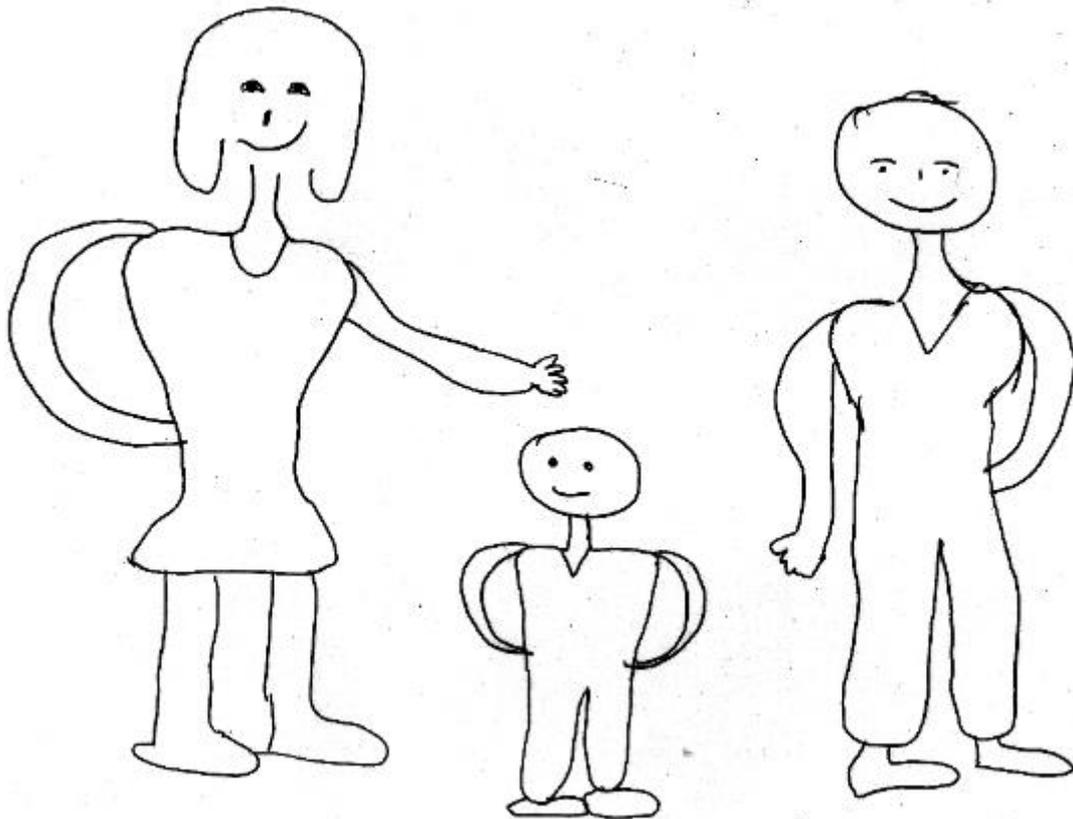


Figura 2: Desenho da família – Casal 4 – Esposa

Neste desenho as figura mantêm-se ajustadas, mas ocorrem alterações.

- A primeira figura continua sendo a do próprio sujeito.
- O tamanho da figura contém indicações sobre a auto-estima, auto-expansão e valorização própria¹⁸. Ambas as figuras aumentam de tamanho neste segundo desenho.
- As mãos não estão mais interligadas, mas a figura feminina mantém a mão estendida em direção a figura do marido.
- A figura feminina aumenta mais que a masculina indicando atribuição de maior autoridade a mãe.
- Os olhos continuam luminosos, mas menos eróticos e desaparece a faixa da cintura o que pode indicar liberação dos impulsos.
- A figura do marido é praticamente a mesma com exceção dos olhos menos trabalhados, da presença dos pés (pode indicar que o marido ganhou mobilidade) e da perda dos cabelos (pode indicar tanto uma estética real - caso o marido tenha se tornado calvo, quanto perda da virilidade).
- A figura do filho é desenhada entre o casal, mas não adquire muita ênfase. É “o pai em miniatura” e está voltado para a mãe.

¹⁸ CAMPOS, Dinah M. S. *O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 23ª ed., 1969.

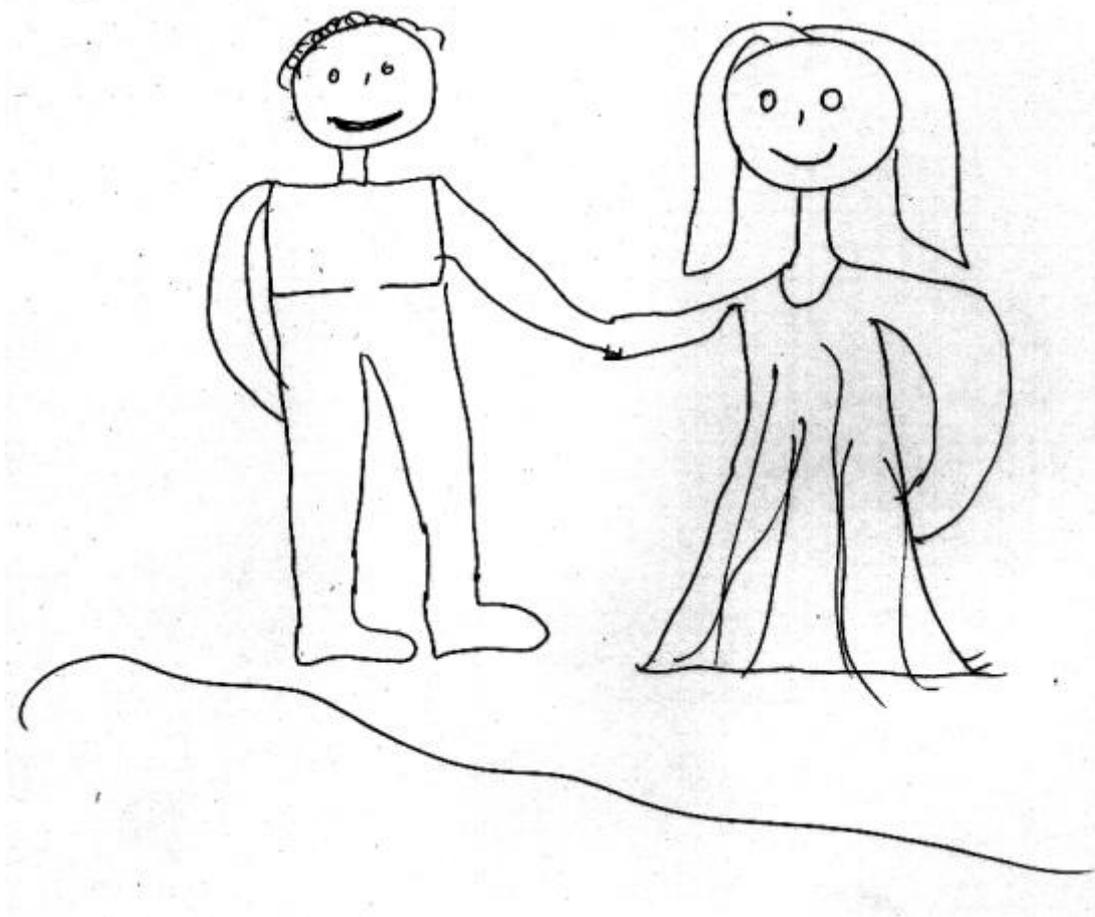


Figura 3: Desenho do casal – Casal 4 – Marido

Também no desenho do marido observa-se equilíbrio, ajuste e personalidade adaptada. No entanto observa-se:

- A primeira figura a ser desenha é a do próprio sujeito.
- Ausência de pupilas que pode significar egocentrismo ou recusa em enfrentar a situação (vide próximo desenho).
- Pernas mais longas, desproporcionais ao corpo podem indicar necessidade de auto-afirmação social, ambição e locomoção.
- Traço repassado na boca, indicando conflito oral.
- A figura feminina vem desenhada de vestido longo o que sugere grande valorização da esposa. O contato com esta é estreito já que as mãos são interligadas exatamente como o desenho da esposa.
- Uma das mãos para trás como já citado anteriormente.

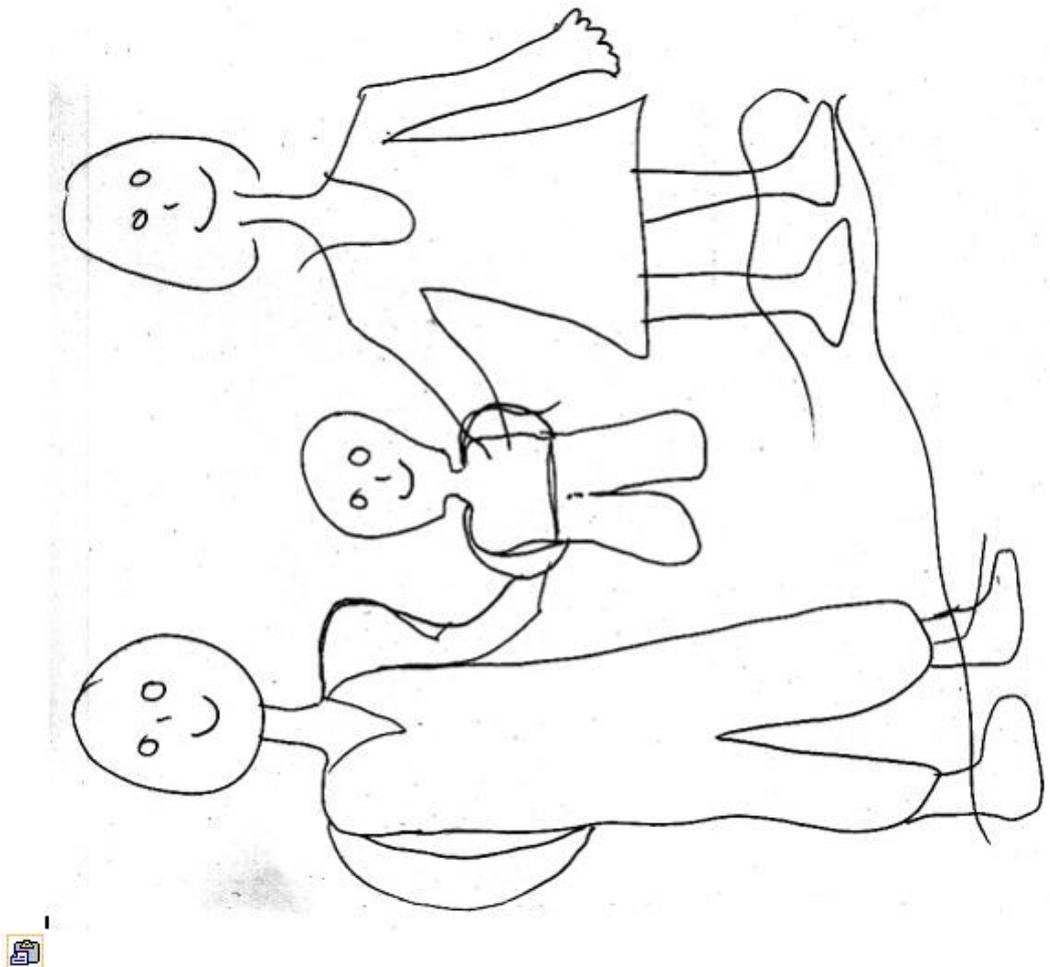


Figura 4: Desenho da família – Casal 4 – Marido

Considerando características dos desenhos anteriores sugere-se que este desenho não tenha sido feito pelo marido, mas sim pela esposa confirmando duas observações feitas anteriormente: cumplicidade entre o casal e dificuldade do marido de enfrentar a situação. Pode indicar ainda a dificuldade do pai em relação ao tema. Este desenho, portanto, vem considerado sobre este aspecto e não sobre a situação paterna após o nascimento do filho. Mas se o observarmos do ponto de vista da mãe (ou seja, de quem fez o desenho), as figuras são sorridente ainda que sem pupila, o filho continua sem muito protagonismo e a figura do marido cresceu.

3.6.2 SEGUNDO CASO

Seguindo a mesma linha de interpretação, pode-se inferir que o Casal 8 apresenta comparativamente aos outros casais da amostra uma situação familiar mais delicada. No questionário da esposa não se encontram respostas que documentam uma vida particular, mas sugere uma atividade constante em função exclusivamente da família, como por exemplo: nas horas de folga a esposa brinca com os filhos (ausência da atividade pessoal) ou procura descansar um pouco (presença constante de cansaço). Refere ter uma personalidade forte, o que é confirmada pelo teste dos Desenhos, mas as respostas são empobrecidas de subjetividade. Deseja ter estudado, porém tem somente segundo grau. São indicativos de uma frustração pessoal. Em relação ao marido, usa adjetivos positivos como “atencioso, carinhoso, persistente” e negativos como “muito cobrador”, “pensamentos negativos que acabam afetando a gente”.

O marido refere-se à esposa como sendo “dedicada à família e sincera; nervosa e influenciável”; antes do casamento era “ciumenta e insegura” e o detalhe que veio conhecer após o casamento é que “acorda mal humorada” e “responde asperamente”. O marido demonstra insatisfação com o comportamento do filho: “com os avós responde e dá tapa no rosto”; “é briguento na escola, têm ciúme das coisas”; dá-lhe vários adjetivos negativos: “birrento”, “briguento”, “ciumento” e demonstra sentimento de ser preterido pela esposa: “o tempo é mais ao filho que ao casal, que fica esquecido”. Diz que, no casamento, gostaria que mudasse o “tratamento”, ou seja, o modo como se tratam uns aos outros e “às vezes você quer um tratamento especial e é preciso dividir”.

A esposa apresenta nas escalas de satisfação graus 10, 10, 10, 9, 9 e 4 enquanto o marido apresenta 8, 8, 10, 9, 8 e 3, portanto, um pouco insatisfeito nestes resultados.

Ainda assim, no ranking tanto esposa quanto marido estão em primeiro lugar um para o outro, seguidos igualmente do filho e depois da filha em terceiro lugar.

Significativos também são os sonhos contados por este casal. A esposa conta ter sonhado que se encontrava em um grande mar, com muita água limpa e com uma árvore no meio. Ela estava em cima desta árvore e com muito medo. Segundo o código de interpretação ontopsicológico dos sonhos¹⁹, o mar de água limpa é todo seu potencial que não está sendo investido e desenvolvido, pois esta pessoa se colocou em uma situação na qual não pode crescer: a árvore (símbolo da individuação histórica, a situação imagógica da árvore é a letra da situação do sujeito²⁰) pode crescer na terra, não no mar. Ou seja, o estilo de vida que desenvolveu é impeditivo ao seu crescimento pessoal e é o próprio quântico de vida não desenvolvido que acaba por “afogar” o indivíduo: energia psíquica que por não ser investida ou utilizada organiza-se de modo contrário a identidade do sujeito podendo causar desordens psíquicas (ansiedade e agressividade elevada) ou somáticas (tumor, gastrite...). De fato, após o nascimento da filha, a mãe sofreu depressão pós-parto.

O marido conta ter sonhado que estava preso, correndo de algo e que existia o risco de ser apanhado; corria de um animal ou estava perdido numa grande cidade. Aqui, igualmente vemos uma situação em que o sujeito não pode mover-se (estava preso), encontra-se encurralado ou pelos próprios instintos reprimidos (animal: símbolo de instintos ou forças da natureza que, se não usados com superioridade, restam perigosos²¹) ou pelas circunstâncias estereotipadas de vida que desenvolveu (cidade: símbolo de civilidade. Ideologia ou moralidade diversa, mas de qualquer forma procurada e amada pelo sujeito). Estes dados, todos somados, fazem pensar que este casal apresenta uma situação propensa a conflitos de todas as ordens.

Os desenhos deste casal são expressivos desta situação delicada de família (Figuras 5, 6, 7 e 8). Apresentam índices elevados de ansiedade e agressividade tanto antes quanto depois do nascimento do filho, chegando esta última para o marido ao

¹⁹ Meneghetti, A. *Prontuário Imagógico*. Roma: Psicologica Editrice, 1982.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

grau máximo: 5. Em contrapartida, a segurança para o marido que era muito baixa no primeiro desenho, elevou-se no segundo bem como a satisfação (ainda que pouco).

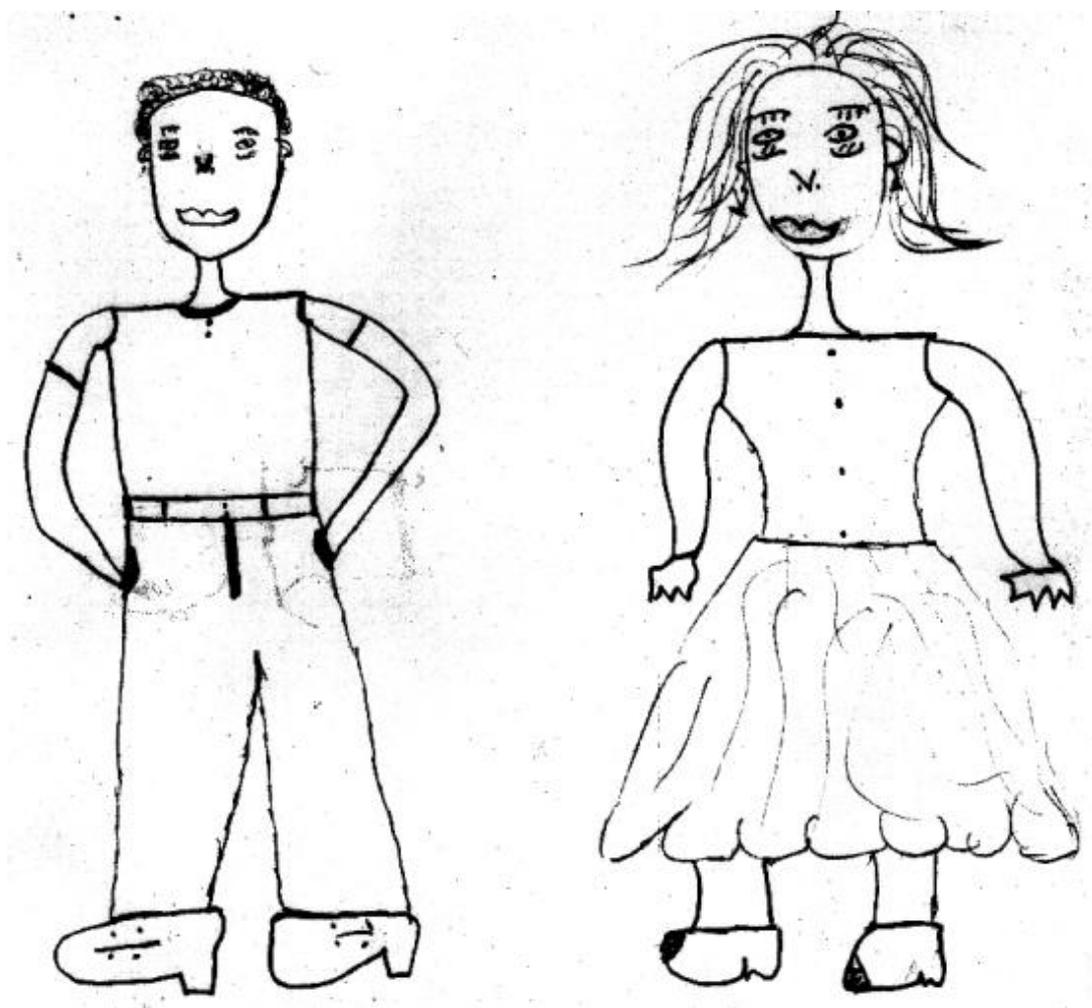


Figura 5: Desenho do casal – Casal 8 – Esposa

Cabe salientar os seguintes pontos:

- O sujeito desenha a figura masculina em primeiro lugar, mas o seu personagem é levemente maior e melhor trabalhado.
- As figuras são bem definidas e têm boca saliente esboçando um sorriso;
- A presença de vários elementos de estereotipia feminina como cílios, brincos, saia volumosa revelam erotismo superficial ou narcisismo feminino. Sugere uma personalidade com algo de fictício. (MENEGETTI, 1998, p. 286)
- Boca e cabelos fartos revelam erotismo abundante, porém desordenado;
- Dedos pontiagudos denotando agressividade.
- Pescoço fino e comprido indicando controle rígido e mecanismos de compensação. (CAMPOS, 2000, p. 94)
- Ausência de solo, as figuras estão “voando”. Indica ausência de base para o crescimento histórico que se mantém no segundo desenho.

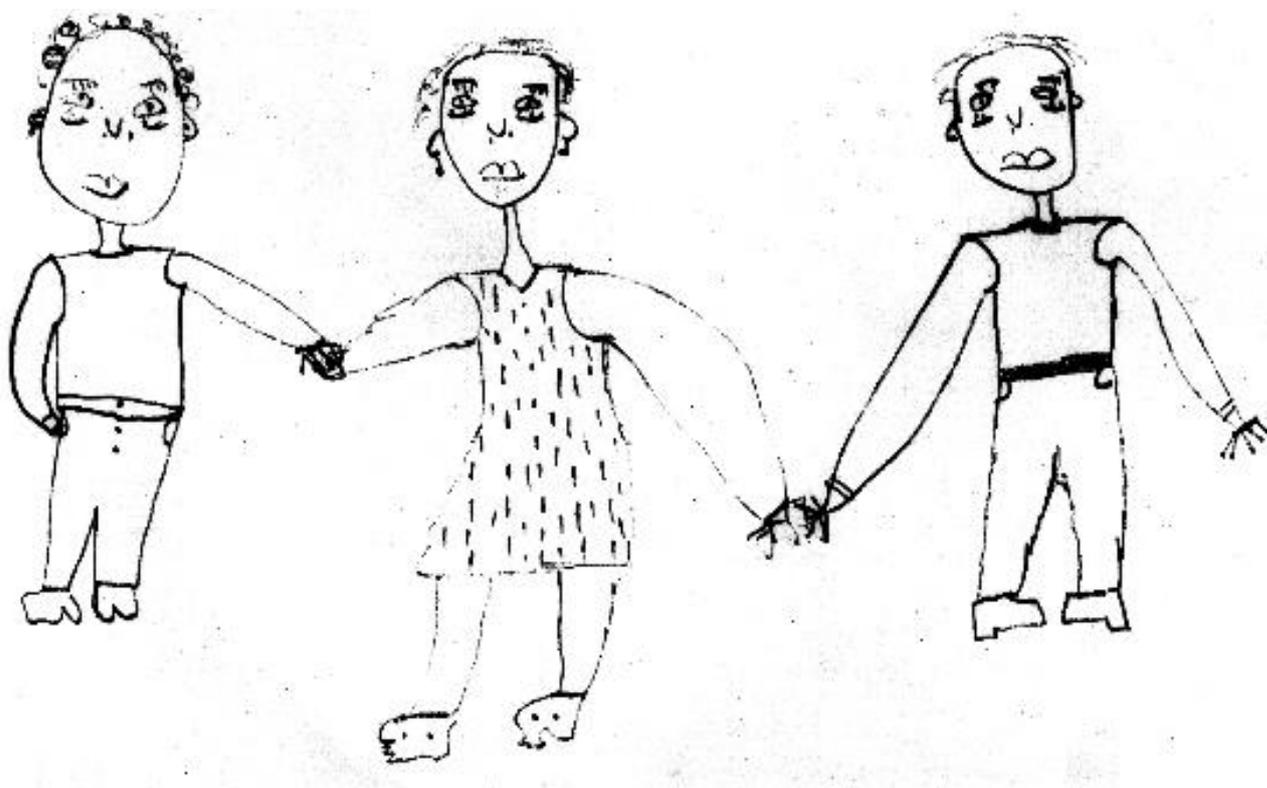


Figura 6: Desenho da família – Casal 8 – Esposa

Em um comparativo com o primeiro desenho cabe ressaltar as seguintes alterações:

- O sujeito desenha em primeiro lugar o filho, depois a si e, por último, a figura do marido.
- A posição do desenha na folha, acima do ponto médio do eixo vertical, indica insatisfação por um objetivo inatingível e tendência a procurar satisfação na fantasia e não na realidade. (CAMPOS, 2000, p. 39)
- Diminuição significativa do tamanho da figura do marido.
- Posição central e de domínio da figura materna.
- Perda das características eróticas, principalmente cabelos.
- Aumento das “garras” das mãos indicando elevação do nível de agressividade.
- Presença de negrito na roupa denotando ansiedade.
- Envelhecimento da figura feminina.
- O filho vem desenhado com cabeça grande, desproporcional ao corpo o que revela atribuição de maior autoridade (CAMPOS, 2000, p. 82)
- Os lábios e olhos das três figuras agora são “tristes”.

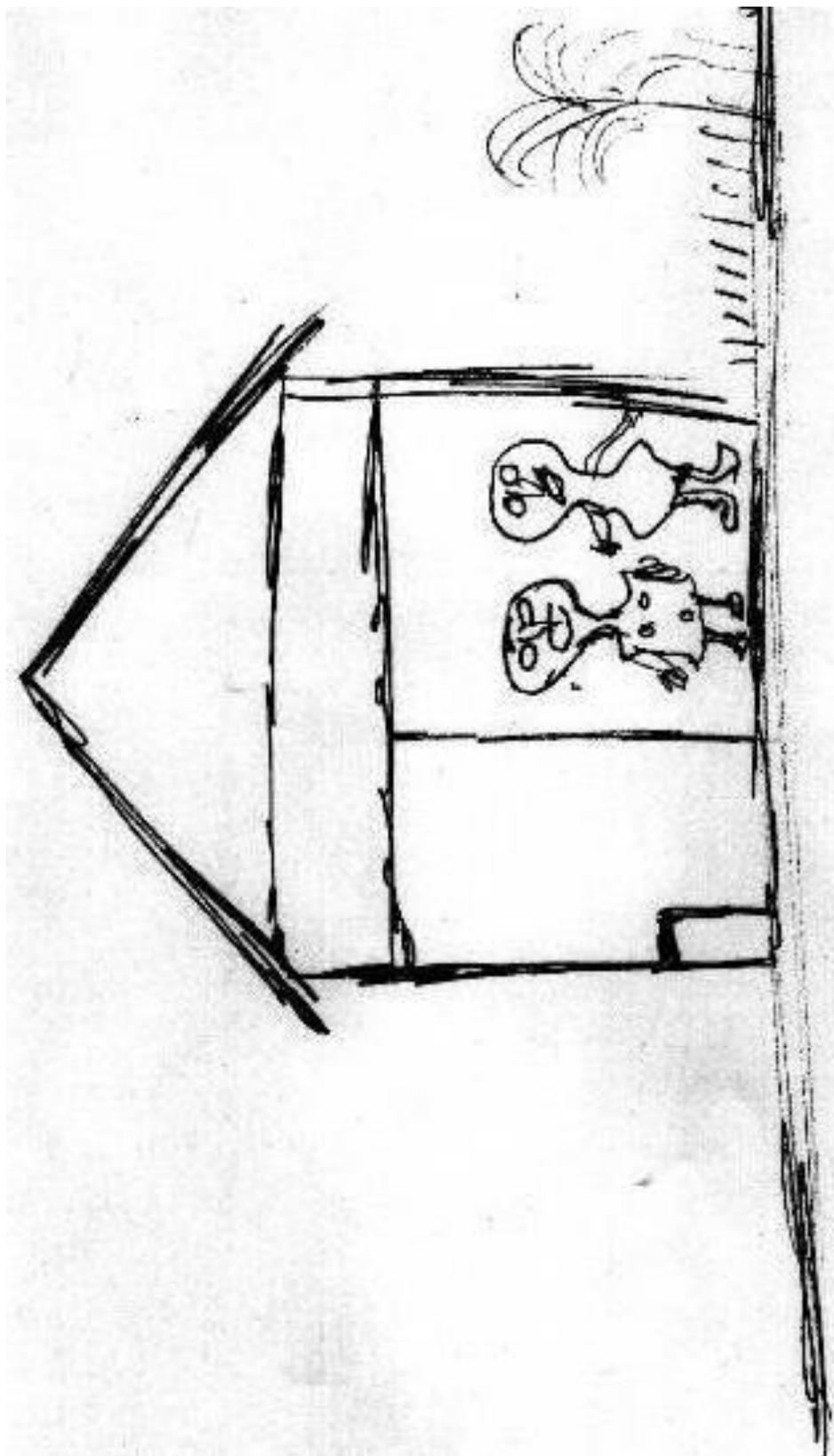


Figura 7: Desenho do casal – Casal 8 – Marido

Aspectos a ressaltar, além da precariedade de estrutura do sujeito indicada pela primitividade das figuras:

- O sujeito desenha a si em primeiro lugar.
- Traços fortes e pesados revelando ansiedade.
- Ausência de estereótipos funcionais indicados pela ausência de roupas.
- Aspectos eróticos primários ressaltados na figura feminina;
- Olhos sem pupila indicam recusa em enfrentar a realidade e percepção vaga do ambiente externo.
- Ausência de cabelo revelando sentimento de debilidade e impotência.
- A presença da casa indica a família como referência de segurança, porém a porta é desproporcionadamente pequena revelando dificuldade em estabelecer contato com o ambiente e retraimento no intercâmbio pessoal. (CAMPOS, 2000, p. 47-48)

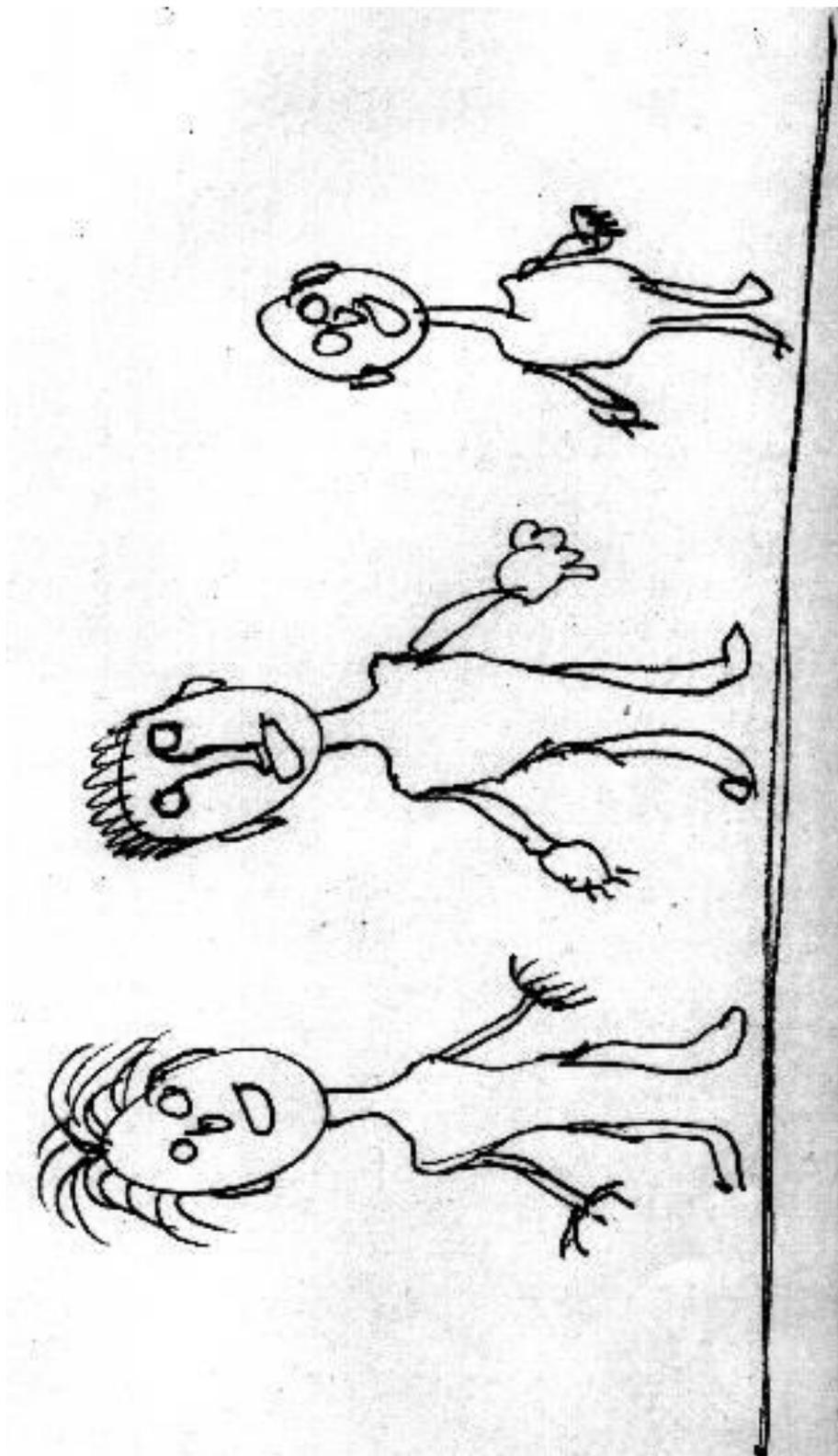


Figura 8: Desenho da família – Casal 8 – Marido

Pontos a serem observados:

- O sujeito desenha a esposa em primeiro lugar, seguida do desenho de si mesmo e, por último, o do filho.
- Aumento significativo dos caracteres agressivos;
- Figuras ainda mais desestruturadas que as primeiras.
- As figuras ganharam orelhas e cabelos ralos e aumentaram de tamanho.
- O nariz é essencialmente possuidor de simbolismo fálico. Na figura masculina deste desenho o sujeito teve preocupação em desenhá-lo revelado pelo traço mais forte e refeito indicando mecanismos de compensação e culpabilidade causada por conduta sexual desviante. (CAMPOS, 2000, p. 90) De fato, unido aos olhos assemelha-se aos genitais com presença dos testículos.

3.6.2. TERCEIRO CASO

Cabe salientar ainda um outro casal, o de número 6. Este casal apresenta uma situação edípica muito rica e expressiva da postura ativa da mãe para o desenvolvimento da mesma. É um casal bastante jovem cujo filho é o primogênito e, por ora, único filho do casal. No ranking materno o filho está no primeiro posto seguido do marido, enquanto no paterno está a esposa em primeiro lugar seguida do filho. O casal troca adjetivos carinhosos; quanto aos aspectos negativos ele fala do ciúme dela e ela que ele “não gosta muito de ficar com o filho no colo”. É exatamente nos dados da relação com o filho que aparecem aspectos significativos. A mãe diz que quando chama à atenção do filho ele “faz beicinho e chora” enquanto o pai “não faz nada”; quando o pai chama a atenção, o filho “faz beicinho e chora” e a reação dela é: “dependendo eu nem ligo, mas se briga por qualquer coisa aí eu o reprovoo [marido] e tiro o L.E. [filho] de perto dele”. Sobre o mesmo tema o jovem pai relata um pouco resignado: “ele faz beicinho e chora e ela pega ele no colo!”. Como já foi dito antes, está é uma postura clássica da mãe que protege o filho e desautoriza o pai autodeterminando-se a julgadora do certo e do errado na conduta do pai com o filho. Se ela decide ser rigorosa é justo; se é o pai quem decide ser rigoroso deve passar pelo crivo da mãe.

Quando perguntado ao pai a quem o bebê é mais apegado, ele responde em tom irônico: “a mãe, ela tem seios”. Conta que às vezes a mãe se esconde atrás dele quando chegam a casa para ver a reação do bebê que é de empurrar o pai; ou então ele fica contente em ver o pai até que veja a mãe quando então passa a empurrá-lo para ter a mãe. É um jogo clássico e ingênuo, mas que reforça a centralidade afetiva da mãe e a aliança que há entre ela e o filho, aliança da qual fica reforçado que o pai não participa. Segundo o pai, tanto o bebê quanto a mãe adoram o jogo.

Outra passagem diz respeito ao bebê dormir com o casal. O pai refere que a mãe gosta que o bebê venha para a cama do casal e que o coloca ao seu lado. Ele o pega e o coloca entre ambos: “porque ele [filho] deve ficar somente ao lado dela [mãe]? Ele pode ficar também ao meu lado!”.

O sonho²² que o pai relata também é significativo: sonha que está no alto da escadaria da casa onde viveu com a sua família de origem. A esposa e o filho estão ao pé da escada, porém o filho tem a idade de seis anos e se parece com ele quando nesta idade. A situação é indefinida, mas sugere que algo acontecera aos dois, como um acidente de carro, e que estariam mortos; ele se desculpa chorando como se fosse o causador do incidente. Este sonho revela em primeiro lugar o sentimento de culpa do pai pelo desejo inconsciente de agredir a esposa e o filho pela cumplicidade entre ambos. É o conflito entre o amor pelo filho e o ciúme que passa a sentir e que, por indução superegógica, não deveria sentir. Em segundo lugar, o local onde se desenvolve o sonho (a casa dos pais: representa o lugar antigo que fixa o sujeito em individual regressão²³) revela que o marido está revivendo momentos da dinâmica de sua família de origem onde esteve ele no papel do filho preferido, papel este que agora vive em identidade contrária.

Porém o que é mais ilustrativo neste caso é o desenho realizado pela mãe que vem reportado a seguir.

²² “O sonho é a endoscopia exata do estado biofisiológico, moral e psicológico do viver e do comportamento do sujeito”. (MENEGHETTI, 1998, p.4)

²³ Conforme MENEGHETTI, A. *Prontuario Imagogico*. op. cit.

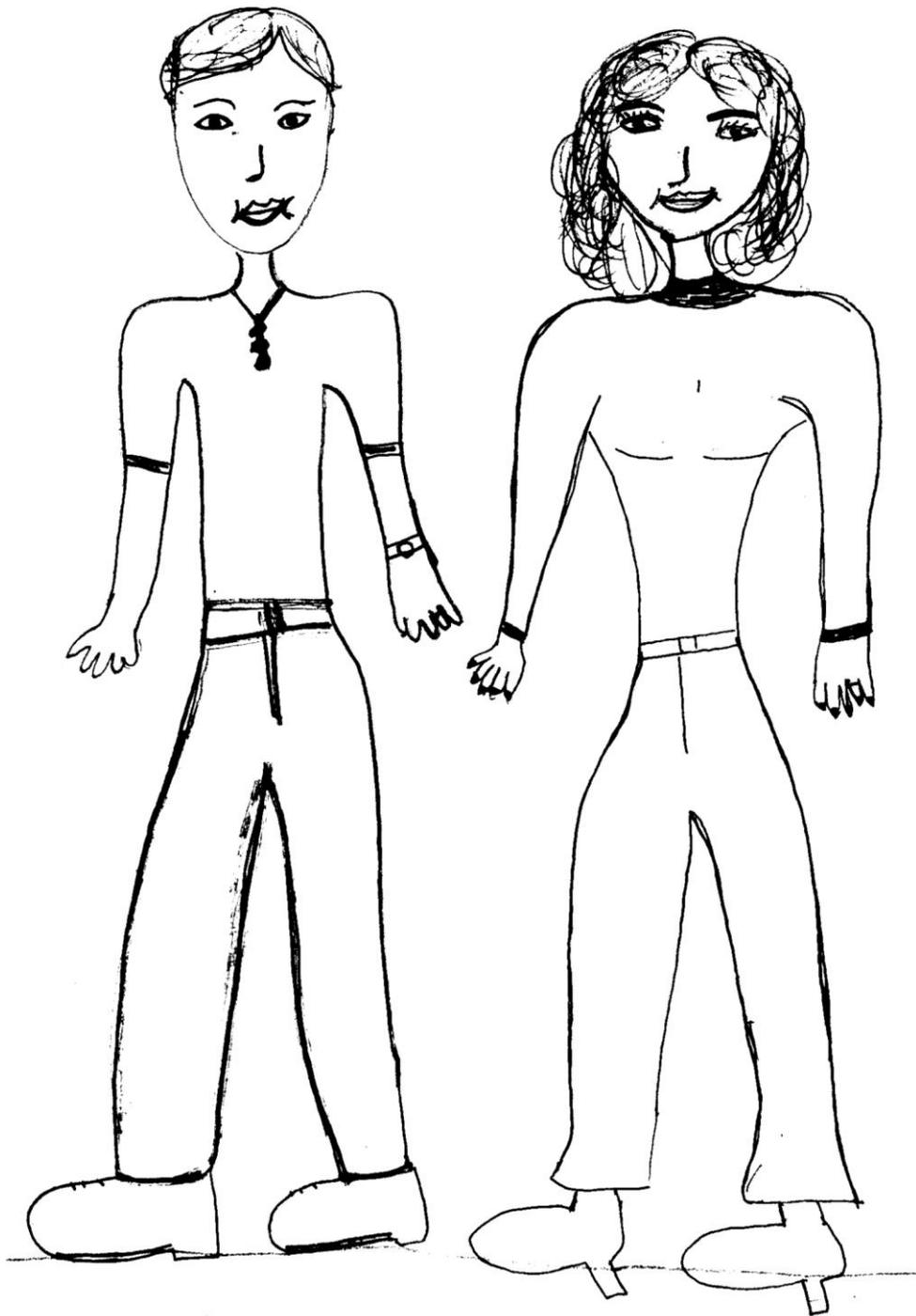


Figura. 9: Desenho do casal – Casal 6 – Esposa

Neste desenho cabe ressaltar os seguintes aspectos além dos dados gerais de personalidade projetados como personalidade forte, equilibrada, traços de ansiedade:

- O marido é a figura mais trabalhada e a primeira a ser desenhada.
- É a sua figura que se encontra no centro da página.
- Olhos e boca evidenciados.
- Expressão facial infantil do marido.
- Características femininas valorizadas.
- Preocupação em desenhar a aliança de casamento.

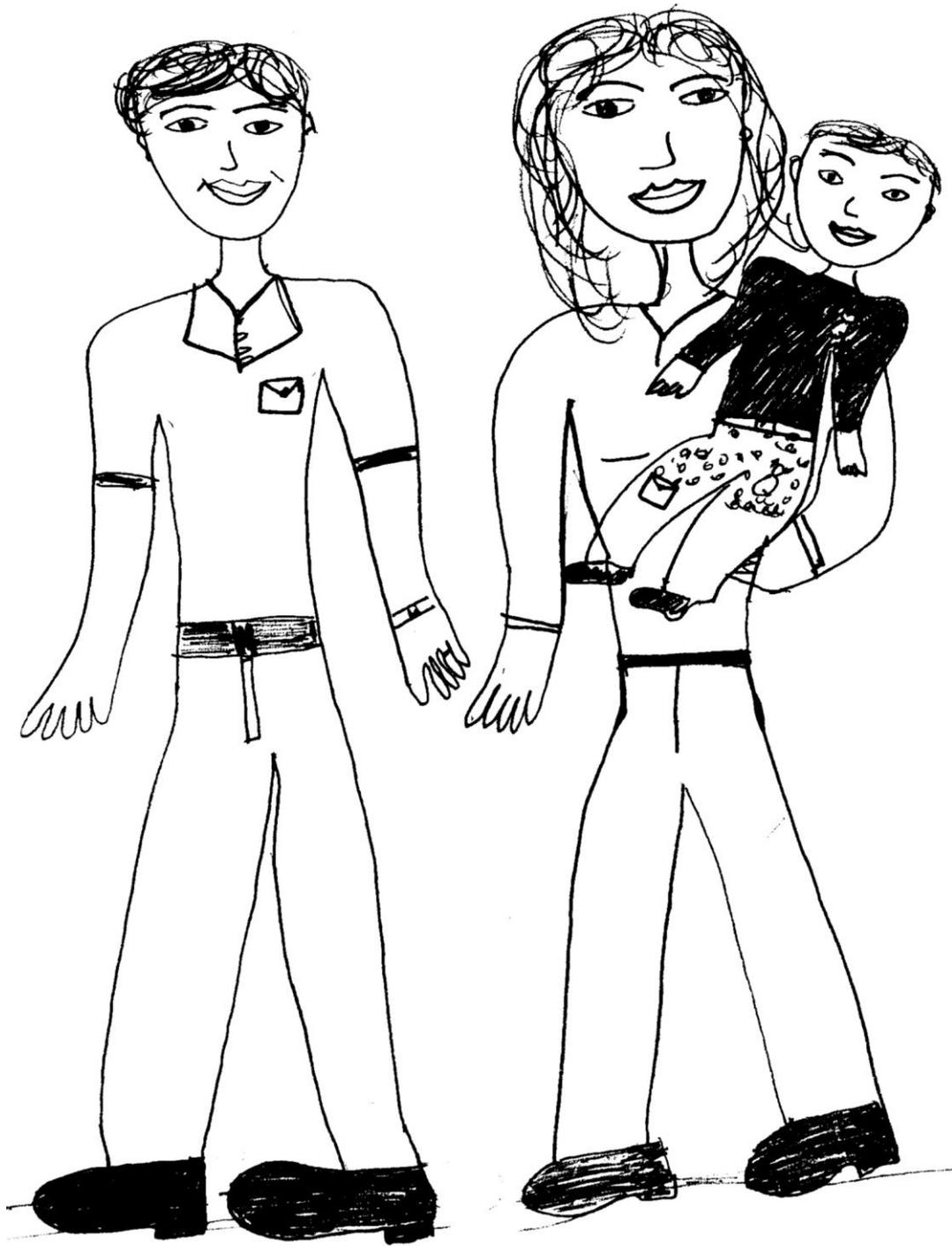


Figura 10: Desenho da família – Casal 6 – Esposa

Salientam-se os seguintes pontos:

- As posições mantêm-se as mesmas do desenho anterior.
- Aumento da dominância, segurança e satisfação materna.
- Aumento dos traços de repressão instintiva na figura do marido.
- Aumento das mãos de ambas as figuras: sugere que passe a ser o órgão de maior contato afetivo/erótico entre os membros.
- O filho é a figura mais trabalhada; é desenhada com riqueza de detalhes e como um “homenzinho”. O desenho que vem realizado em maneira mais descritiva, mais artístico, exprime maior intensidade emotiva e dá o epicentro da situação.
- Filho é a figura que passa a apresentar protagonismo.
- Posição do filho no colo da mãe: sugere uma proximidade simbiótica, diádica. É como se pudéssemos ler a mãe dizendo em figuras: “é meu!”
- Figura materna perde características femininas (curva dos quadris, cílios).
- Sapatos das três figuras vêm em negrito: segundo o Prontuário Imagógico “sapato” é um símbolo negativo que indica exigência de erotismo vazio ou vagina feminina para uso mecanicista; ou seja, sexo sem investimento instintivo. (MENEGETTI, 1998, p. 367)

As alterações subjetivas observadas na mãe demonstram a sua atitude preferencial pelo filho e diminuição do investimento erótico na figura do marido a partir do que a relação conjugal passa a ser vivida de modo artificial. Em resumo, o marido se reprime (santificação da figura materna), a esposa perde o erotismo natural de fêmea; a relação erótica conjugal se torna artificial e a mãe investe afetivamente e eroticamente o filho dando-lhe protagonismo na dinâmica familiar. De fato, ela o desenha como um “homenzinho”, ou seja, em condições de correspondê-la.

O teste dos desenhos do marido não é tão ilustrativo quanto da esposa, mas cabem algumas observações

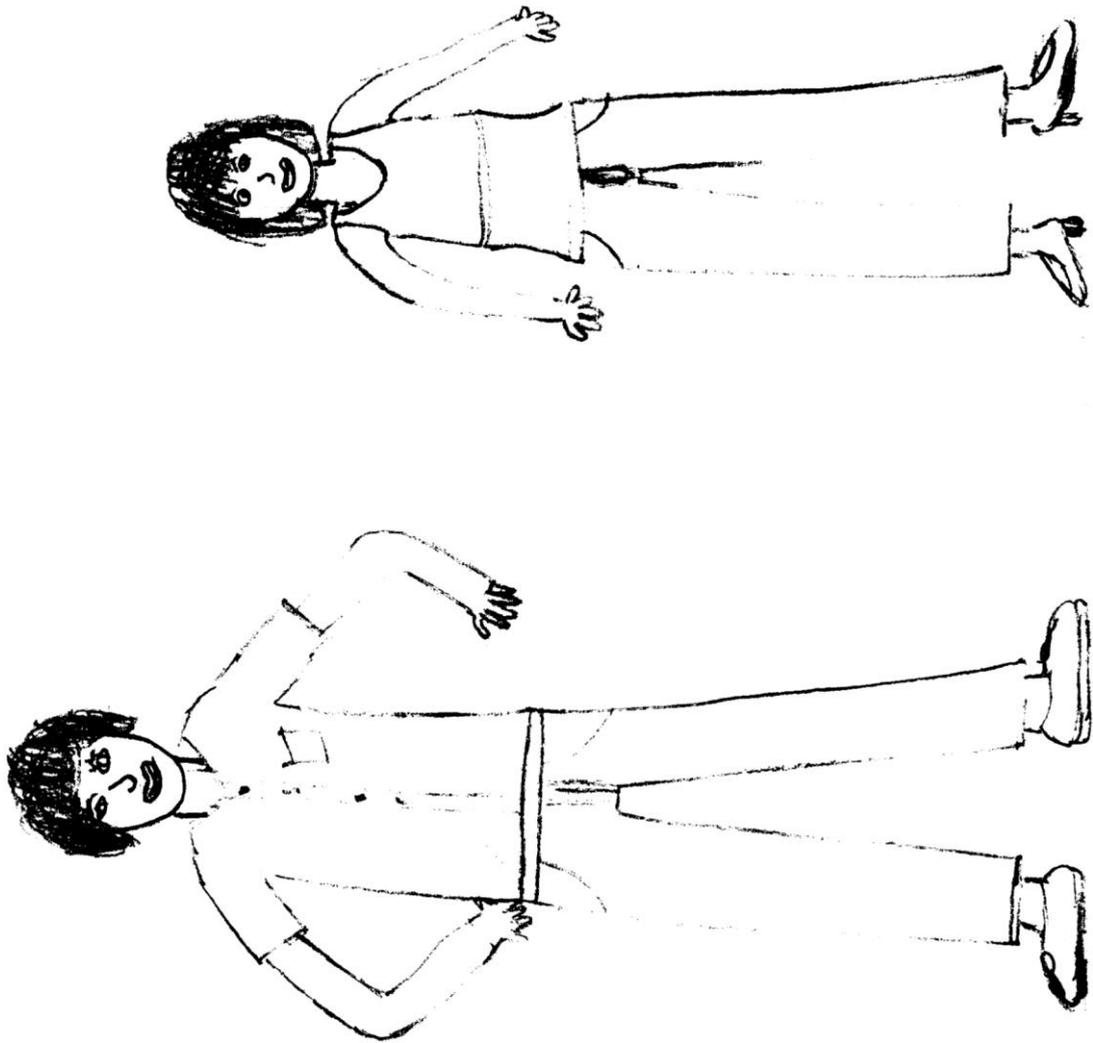


Figura 11: Desenho do casal – Casal 4 - Marido

Algumas observações:

- Desenha primeiro a si mesmo;
- Inicialmente começou a desenhar-se menor que a esposa; posteriormente corrigiu o desenhou-se maior;
- Traços inseguros;
- Ansiedade de cunho intelectual;
- Evidencia da região vaginal na figura da esposa.
- Rostos expressivos.

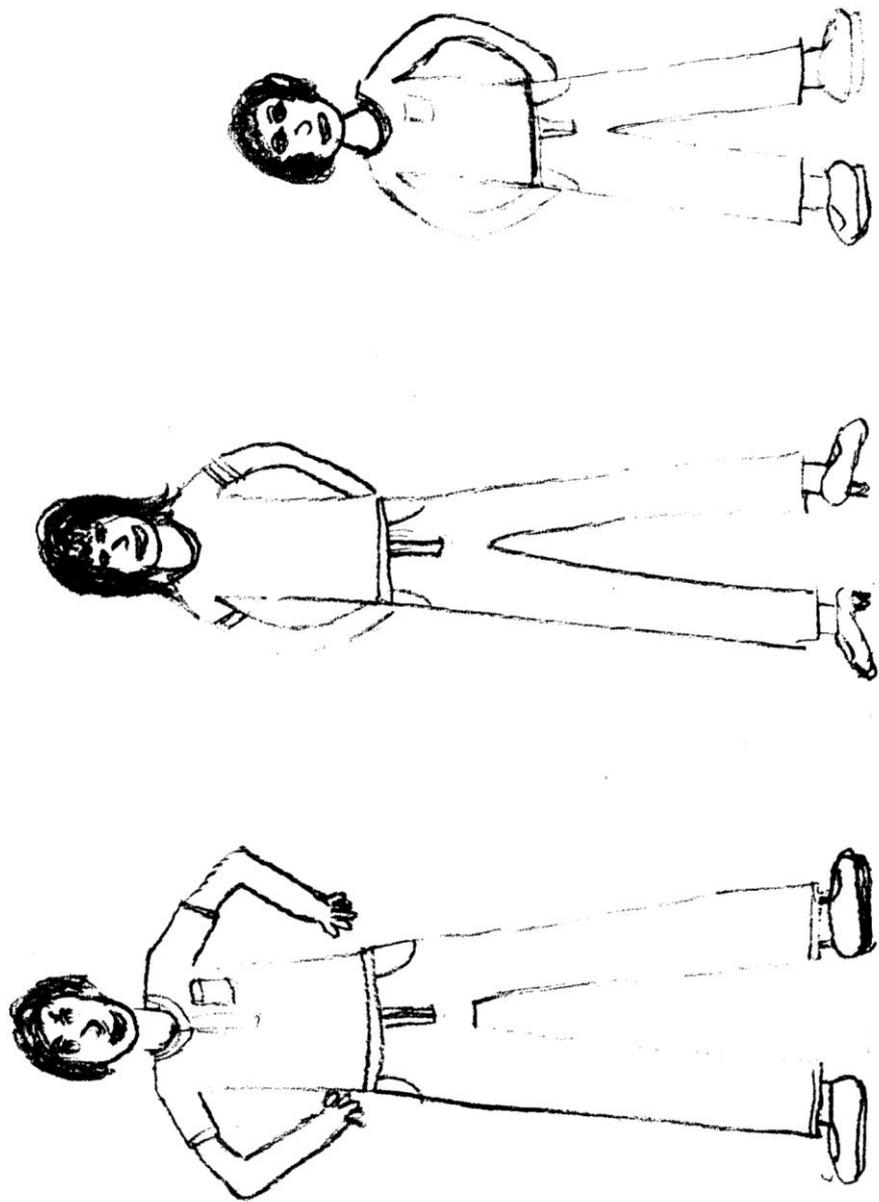


Figura 12: Desenho da família – Casal 6 – Marido

Comparativamente ao primeiro desenho, cabe ressaltar:

- A ordem das figuras não vem alterada.
- Há diminuição significativa do tamanho das duas figuras.
- A figura da esposa perde as características femininas e ganha um corpo adolescente, indefinido, quase masculino.
- Evidente transfiguração do rosto.
- O filho aumenta de tamanho para ainda maior do que foi desenhado pela mãe.
- Mãos das figuras da mãe e do filho ocultas.

Percebe-se a diminuição da segurança, da satisfação e da dominância sentido pelo marido, bem como a descatexização da esposa e crescente protagonismo do filho.

3.7. CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Dos dados obtidos na pesquisa experimental podemos afirmar que as seguintes hipóteses operativas foram confirmadas:

1. Na hierarquia afetiva da mãe verificada no ranking (reportado nas Tabelas 3 e 4 e no Diagrama 9) o filho está em primeiro lugar; filho 1.50 e cônjuge 1.55. Enquanto na hierarquia afetiva do pai a esposa ocupa o primeiro lugar (reportado nas Tabelas 3 e 5 e no Diagrama 10); cônjuge 1.38 e filho 1.83.
2. Há um aumento no grau de agressividade do pai após o nascimento do filho de 2.81 para 3.10. Dados apresentados na Tabela 6 e no Diagrama 12.
3. Há um aumento do grau de segurança mãe após o nascimento do filho cuja média se eleva de 2.93 para 3.09. Há diminuição do grau de satisfação do pai após o nascimento do filho cuja média abaixa de 2.35 para 1.84 (reportado na Tabela 8 e no Diagrama 13);
4. Há um aumento do grau de satisfação da mãe após o nascimento do filho cuja média se eleva de 3.38 para 3.60. Há diminuição do grau de segurança do pai após o nascimento do filho cuja média abaixa de 2.90 para 2.46 (reportado na Tabela 9 e no Diagrama 14);

5. Há um aumento do grau de distância entre o casal após o nascimento do filho cuja média se eleva de 1.64 para 3.50 nas Mulheres e de 1.84 para 3.77 nos Homens (reportado na Tabela 11 e no Diagrama 16);

Não foi confirmada a hipótese de que a figura materna aumenta seu grau de dominância após o nascimento do filho. Na tabela número 10 e diagrama número 15 vemos que o grau de dominância manteve-se o mesmo e de modo igualitário para a mãe e o pai. As mulheres aumentaram o grau de dominância em apenas 0.4 pontos: de 2.97 para 3.01. Os homens passaram de 2.86 para 2.90, aumento, portanto, também de 0.4 pontos.

Porém, das primeiras hipóteses, vemos as premissas a partir das quais se desenvolve a situação edípica como depois se verifica na esfera comportamental.

CONCLUSÃO

A compreensão dos fatores causais do comportamento é a tarefa maior de todo o estudioso da realidade humana. A pesquisa psicanalítica abriu um importante precedente quando identificou a presença de dinâmicas inconscientes, de erotismo infantil e a influência dos fatores ambientais no desenvolvimento humano. Mas se por ambiente entendemos, sobretudo as interações psicoafetivas e, de modo mais específico àquelas interações inconscientes, para compreender os aspectos expostos do complexo de Édipo devemos analisar as interações anteriores a sua instalação fenomenológica e investigar mais acerca das motivações inconscientes de todos os pólos do triângulo edípico.

O casal, e todos os seus nuances afetivos e dinâmicos, é o ambiente que pré-existe à criança. Os pais não são expectadores passivos, mas sujeitos desta ação dinâmica. Esta participação ativa é o que foi negligenciado na análise e para ter uma atuação eficaz tanto a Psicologia como a Pedagogia devem mergulhar na compreensão deste aspecto causal. O diagnóstico e a decorrente intervenção devem estar pautados em uma premissa teórica mais ampla de forma que seja possível atingir a totalidade do indivíduo e de sua situação problemática.

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa permitiram o acesso ao conteúdo inconsciente da emocionalidade humana; livre da repressão do Superego, aquela aparente produção espontânea revela o real interno do sujeito em relação àquele aspecto da vida familiar.

Os dados colhidos pela pesquisa possibilitaram compreender a dinâmica edípica para além do comportamento observado na criança, ou seja, compreender as causas dinâmicas que, depois, determinam aquela situação: a preferencialidade da mãe pelo filho em detrimento ao marido. Esse passa a sentir-se excluído da relação diádica entre ambos e, por conseqüência, assume postura oposicionista. O filho, que inicialmente recebe protagonismo de modo gratuito, passa então a exigir esse protagonismo estabelecendo a dinâmica clássica: preferência à figura materna e atitude competitiva em relação à figura paterna. Portanto, as atuações edípicas por parte dos filhos são precedidas por uma dinâmica particular na família onde a mãe volta-se para o filho

provocando forte frustração no marido. Disto decorre a relação antagônica entre pai e filho da qual a mãe se lamenta sem perceber que é a agente primeira de tal situação.

Psicologia e Pedagogia devem evoluir no conceito de família e de maternidade. É preciso conscientizar para o fato que em nossa civilização ha uma hipervalorização do filho. Tantas violências psíquicas, tantas ações incoerentes são justificadas por serem em nome dos filhos. Mas a mulher não deixa de ser pessoa quando se torna mãe; permanece o sentido apriórico do tornar-se, do devir histórico, permanecem as necessidades como pessoa histórica neste mundo, como inteligência a ser desenvolvida e atuada. É necessário pensar de modo muito racional onde pode chegar uma civilização que em nome do futuro, nega o presente; que em nome de cuidar bem dos pequenos, frustra os adultos.

Antonio Meneghetti, em Pedagogia Ontopsicologica diz: “Somente filhos que crescem num ambiente se sadio egoísmo do casal serão pessoas auto-realizadas, porque a primeira educação que tiveram foi a da alegria e a do modo de buscá-la.”(MENEGETTI, 1994, p. 15)

Pedagogia e Psicologia devem conhecer profundamente as dinâmicas inconscientes para que possam estar pautadas em aspectos reais do psiquismo e não em desvios culturais que deformam a evolução natural e impõem um modelo rígido. Cada sociedade, compreendida aquela micro-sociedade que é a família, tende a educar os próprios filhos de forma a garantir a sua conservação. Assim os valores mediados através da educação não são aqueles mais úteis aos homens, mas aqueles que servem ao grupo. Porém, a melhor educação é aquela que ensina a ser pessoa, agente, atuante, sujeito do próprio existir e que possibilita ao homem atingir a maturidade completa de todas as faculdades humanas.

O conceito chave é o da responsabilidade. O termo “responsabilidade” deriva do latim “*res*”: equilibrar, ponderar a multiplicidade das atitudes e coisas. (MENEGETTI, 1987, p. 91) Significa que, do momento que se existe, se é chamado a responder e não é possível eximir-se da responsabilidade de existir refugiando-se na ignorância ou nas justificativas culturais. Caso tomemos a vida como destino e o sofrimento como inevitável, então não existe nada a ser feito a não ser esperar passivamente pelo desenrolar dos fatos. Neste caso a tarefa da Psicologia é auxiliar o indivíduo a suportar seu fardo e resignar-se à sua condição de falido. Mas, se tomarmos a vida como sendo positiva em princípio, e a história como um suceder de escolhas onde o livre arbítrio do indivíduo é determinante, então a tarefa da alta psicologia é aquele de evidenciar onde

cada indivíduo é sujeito de sua história, como constrói o seu bem e o seu mal, como superar aspectos regressivos da própria personalidade e o que deve sintetizar em sua mente para ser pessoa madura e autêntica. O sentido daquilo que podemos chamar de responsabilidade é: “não existe determinismo externo sem uma nossa cumplicidade interna.” (MENEGHETTI, 2000, p. 63)

Para todas as famílias que têm problemas deste cunho, faz-se necessário o chamado a responsabilidade quanto aos aspectos dinâmicos que perpassam os três pólos da relação edípica.

Antes de tudo o casal deve compreender que é um bem imprescindível ao crescimento do pequeno, mas não devem desmentir a própria egoicidade adulta e de casal para dedicar-se totalmente ao filho. O genitor que impõe a própria figura como relação afetiva preponderante por toda a vida impede aquela nova história de fazer-se verdadeiramente nova, forçando-a a ser a enésima versão do mesmo estereótipo familiar. Os genitores são um grande bem funcional à criança. Porém são transacionais, não permanentes. Por outro lado, os filhos não devem ser uma necessidade, muito menos uma compensação aos genitores; devem ser educados e criados em perspectiva própria. E principalmente, ter filhos é uma possibilidade da vida, não uma obrigação nem uma necessidade.

A mãe, independente da cultura onde tenha nascido, antes de tudo, é pessoa. Não se trata de acusar a mãe, mas de chamá-la a responsabilidade para que seja verdadeira passagem de vida. A mãe deve, em primeiro lugar, compreender a si mesma como pessoa e indivíduo neste mundo e viver para si mesma. Uma pedagogia que ajude o homem a crescer conforme o seu potencial originário é impossível se os adultos e, sobretudo, a mãe não decide de ser “pessoa”, ou seja, adulto sadio, realizado, maduro.

A pesquisa ontopsicológica revelou que o macho, quando se move, é sempre um reflexo da emocionalidade semântica da fêmea que coloca em oposição pai e filho determinando no primeiro ciúme e no segundo a angústia da castração. Como forma de compensar sua situação de fêmea em perda, a mãe educa o filho de modo dependente, como *partner* oculto; assinala de modo sutil a sua preferencialidade afetiva, seu aliado secreto. Com frequência têm sonhos incestuosos com o filho e uma fria indiferença sexual com o marido. Sendo psiquicamente mais forte e estando o pequeno em estado de total dependência também biológica, o filho não pode outra coisa senão dispor-se àquilo que a mãe lhe orienta e aprende a amar e a odiar exatamente como a mãe ama e odeia. Assim, constrói-se em exclusiva dedicação à mãe e em antítese ao pai até assumir

um *status* de macho mais importante no interior do contexto familiar. Quando adolescente ou adulto, busca externamente a mesma gratuidade que tinha na família e então iniciam os problemas de adaptação. Incapaz de conquistar a fêmea externa retorna sempre à mãe que se mantém pronta a acolhê-lo com toda a disponibilidade possível e tenderá somente a fêmeas que possibilitem a mesma postura gratificante da mãe. A mãe, enquanto o privilegia, coloca-o em primeiro lugar em relação ao marido, liberando-o da luta para construir-se e assim ganhar em um jogo onde não tenha privilégios. A criança, gratificada neste primado afetivo, não evolui a própria reação e a capacidade de ser inteligente diante das problemáticas que as crianças têm: problemas de escola, de relacionamento com os companheiros, de conquistar um espaço, problemas que fazem crescer e contribuem no desenvolvimento sadio da personalidade. Quando a criança vem protegida destas dificuldades, não aprende a entrar no jogo social de modo maduro. Eis que surge a frustração e desencadeiam-se os antigos mecanismos de defesa inadequados que constituem o indivíduo neurótico.

No aspecto paterno, ficou claro o ciúme por vezes disfarçado de rigor, de irritabilidade gratuita, como na mãe passou a ser claro a provocação de tal ciúme disfarçado de cuidados e zelo. É um círculo vicioso onde a mãe faz o pai acreditar que só ela sabe cuidar do filho e o ama de modo particular, enquanto faz o filho acreditar que o pai não pode compreendê-lo, que não o aceita totalmente e que é uma pessoa difícil a quem somente ela consegue entender. A mãe, portanto, faz uma mediação entre o pai e o filho, e impede que a relação entre ambos se dê de forma direta, mas propicia que seja do modo como foi estabelecido por ela, conforme os seus interesses no interior da dinâmica e da disputa de poder na família. Atrás do indivíduo que agride, é necessário evidenciar o mandante primeiro daquela agressão; o mais agressivo latente é sempre o mais resignado externamente. Geralmente são mães infantis, frustradas ou – nos casos mais graves - “gatas borralheiras” que condicionam o ambiente familiar de modo a ter do marido e dos filhos uma pessoal gratificação; obtêm de todos o mais alto referimento afetivo. Não tendo coragem de lutar pelos próprios interesses, manobram as famílias como colônias compensadoras das próprias frustrações.

O pai deve compreender a dinâmica feminina e abandonar o papel passivo e a dependência feminina. Na maioria das vezes são infantis e estabelecem com a esposa uma relação igualmente infantil; dentro de si estão sempre em perspectiva de dependência gratificante da fêmea, ou seja, sentem-se grandes somente se exaltados pela fêmea. Em outras palavras, mantém dentro de si o complexo materno, aquele

decantado do tempo em que “papai” era filho (Laio, que um dia fora Édipo). O homem deve tornar-se autônomo do complexo materno para poder reconhecer a fixação que gere a personalidade da mulher que ele ama; evoluir no seu modo de amar e passar a ser responsável por si e pela própria conduta em modo elevado abandonando a atitude infantil de busca da aprovação feminina e da submissão ao conjunto de regras morais estabelecida pela mulher. Culpá-la é permanecer na infantilidade; trata-se de amadurecer e assim poder ser auxílio à mulher que deixa de ter um cúmplice no complexo e passa a ter um parceiro de valor para a construção autêntica de si mesma.

Uma família saudável é aquela onde cada membro se sente o primeiro responsável pela própria realização e sabe que deverá escolher por si. Ninguém poderá escolher por ninguém porque sendo substituído se enfraquece e a autoconfiança vem destruída. Em crianças saudáveis que conservam o prazer de crescer, é notória a alegria em ser independente e autônomo. A criança que aprendeu a dar um primeiro passo faz exercício de personalidade quando se investe no ambiente e exercita sua nova capacidade. A mãe saudável estimula esta excursão de independência e tem alegria pelo afastamento progressivo do filho. O adulto-mãe, que em função de um bloqueio emotivo, encontra-se em estado de carência, tem necessidade exagerada de manter a criança em uma condição de estreita dependência; vê a independência do filho como uma ameaça a seu papel de “indispensável” e como uma traição ao amor e dedicação que até então forneceu ao filho. Frequentemente faz o jogo da ameaça e faz a criança acreditar que se ela se afastar demais, quando quiser retornar não a encontrará ali. Assim a criança permanece em uma prolongada infância e continua a comunicar-se com a mãe em maneira primitiva.

A família, como sendo o berço das desordens psicológicas, já havia sido colocada em relevo principalmente por Freud²⁴, Melanie Klein²⁵ e Alfred Adler²⁶: a criança é o *out side*, ou seja, é a patologia deslocada do interior da mãe. A Ontopsicologia foi além na pesquisa da realidade humana e descobriu como passa, como se verifica o *out side*: descobriu o Campo Semântico. A partir da descoberta do Campo Semântico foi possível identificar a pulsão que leva a sanidade, o Em Si ôntico, e também a presença de um estabilizador obsessivo que determina o universal da

²⁴ “O que alguém crê lembrar da infância não pode ser considerado com indiferença; como regra geral, os restos de recordações – que ele próprio não compreende – encobrem valiosos testemunhos dos traços mais importantes do seu desenvolvimento mental”. (FREUD, 1972d, p. 78)

²⁵ SEGAL, Hanna. *Introdução a Obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

²⁶ ADLER A. *La Psicologia Individuale Prassi e Teoria*, Roma: Newton Compton, 1970.

psicopatologia: o monitor de deflexão. Essas são as três realidades cardeais para compreender a existência humana.

Aos profissionais que acreditam em uma função de valor da própria atividade, aqui tem trabalho e estudo científico. Os jovens, sobretudo se inteligentes, que querem a si mesmos mais do que qualquer outra coisa, têm necessidade de valores, de saber por que existem e como podem ajudar a vida que pulsa dentro deles, mas, sobretudo, têm necessidade de encontrar adultos que não os desviem da sua interioridade. A família e a escola são os lugares prioritários onde se estruturam os adultos de amanhã e, portanto, devem ser lugares de auxílio na busca da própria estrada. Abraham Maslow diz que “é nossa tarefa integrar as diversas verdades na verdade total, que deve ser o único objeto da nossa lealdade”. (1971, p. 10) Sigmund Freud diz: “A verdade é, para mim, o objetivo absoluto da ciência”. (CLARET, s/d, p. 111) O Professor Antonio Meneghetti diz que “a grandeza de um verdadeiro cientista é aquela de ser sempre aberto para aprender a novidade contínua”. (1997, p. 55)

Premissa base permanece aquela da metanóia²⁷: mais do que qualquer outro indivíduo é o homem de ciência que tem a responsabilidade de restituir-se como consciência exata para poder conhecer os fatos da vida por como são e não por como foram convencionados²⁸. A vida tem já suas regras e seus movimentos e a ciência avança sempre que diminui a distância entre o que o pesquisador pensa e o real que é.

²⁷ Metanóia: mudança de comportamento para identificá-lo à intencionalidade do próprio Em Si ôntico.

²⁸ Para aprofundamento, consultar MENEGHETTI, A. Campo Semântico e Conhecimento. In: *Campo Semântico*. op.cit..

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABERASTURY, Arminda. *Psicanálise da Criança: Teoria e Técnica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ADLER, Alfred. *La Psicologia Individuale Prassi e Teoria*, Roma: Newton Compton, 1970.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 6^a ed., 1980.

CAMPOS, Dinah M. S. *O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 23^a ed., 1969.

CLARET, Martin (Org). *Freud por ele mesmo*. Coleção O Autor por Ele Mesmo. Vol 26. São Paulo: Martin Claret Editora, s/d.

FREUD, Sigmund. *Moises e o Monoteísmo*. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. *Um caso de histeria: três ensaios sobre a sexualidade e outros estudos*. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. *O Ego e o Id: uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos*. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. *A Interpretação de Sonhos*. Parte II. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. *Cinco Lições sobre Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1972

FROMM, Eric. *Il coraggio di essere*. Entrevista realizada e traduzida do alemão por Guido Ferrari. Edizione Casagrande s.a., Bellinzona. 3^o ed., 2000.

GREEN, Andre. *O Complexo de Castração*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JUNG, Carl Gustav. *Freud e a Psicanálise*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

MASLOW, Abraham. *Verso una Psicologia dell'Essere*. Roma: Astrolabio, 1971.

- MENEGHETTI**, Antonio. *Psicoterapia e Sociedade*. Roma: Psicologia Editrice, 1989.
- _____. *Manual de Ontopsicologia*. Porto Alegre, Psicológica Editrice do Brasil, 1993.
- _____. *La struttura etica della personalità*. Roma, Psicologia Editrice, 1996.
- _____. *La Cinelogia: Cinema e inconscio*. 5ª ed. Roma: Psicologia Editrice, 2000.
- _____. *Dicionário de Ontopsicologia*. São Paulo, Ontopsicológica Editrice, 2001.
- _____. *Princípios de Ontopsicologia*. Brasília: Ontopsicológica Editrice, 2001.
- _____. *Instrumentos de Ontopsicologia*. Cadernos de Ontopsicologia. Roma – Psicologia Editrice, 1995.
- _____. *Pedagogia Ontopsicologica*. Porto Alegre: Psicológica Editrice, 1994.
- _____. *Prontuario Imagogico*. Roma: Psicologia Editrice, 1982.
- _____. *Campo Semantico*. Roma: Psicologia Editrice, 2ª ed., 1997.
- _____. *L'immagine e l'inconscio*. Roma: Psicologia Editrice, 1998.
- _____. *Sistema e Personalidade*. Porto Alegre: Psicológica Editrice, 1994.
- _____. *La femminilità come sesso, potere, grazia*. Roma: Psicologia Ed, 1999.
- MULLAHY**, Patrick. *Édipo: mito e complexo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1948.
- SALDANHA**, Marco Antonio B. *Paixão e destino em Édipo*. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*. Vol 30 – nº 2. São Paulo, 1996.
- SEGAL**, Hanna. *Introdução a Obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- STEPHANIDES**, Menelaos. *Édipo*. São Paulo: Odysseus, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTIONARIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO

Esta é uma pesquisa que busca identificar fatores relevantes da vida familiar.

As perguntas não têm respostas certas; identifique apenas aquela que você acredita refletir melhor seu estado, sua história, sua rotina, seus sentimentos.

Sua identidade é absolutamente preservada e suas respostas tomadas com extremo respeito e consideração.

IMPORTANTE:

- Não deixe nenhuma pergunta sem resposta.
- Procure ser o mais espontâneo possível e refletir o que realmente acontece sem se preocupar se está certo ou errado.

DADOS PESSOAIS

Iniciais do nome: _____ Idade: _____ Sexo: _____

Profissão: _____ Escolaridade: _____

Estado Civil: _____ Tempo de casamento: _____

Zona em que habitam: _____ Idade com que se casou: _____

Renda familiar média: _____ Religião: _____

Filhos: _____ Indique o sexo e a idade correspondente: _____

Que doenças tem ou teve e com que idade: _____

Recordação mais significativa de sua infância: _____

Quando adolescente o que pretendia ser na vida adulta? _____

Quais eram seus sonhos de juventude? _____

Descreva sua personalidade: _____

Quais seus pontos mais positivos? _____

Quais aspectos você deseja mudar ou percebe que não são positivos? _____

Quais os seus projetos futuros: _____

O que você faz nas horas de folga? _____

Como vai seu trabalho? _____

Atualmente qual a sua maior preocupação? _____

Que problemas você julga ter e como esta resolvendo-os? _____

Qual é o fato mais importante ou marcante de sua vida e porque? _____

Conte-nos um sonho: _____

Assinale seu grau de satisfação com sua vida:

/_____/_____/_____/_____/_____/_____/_____/_____/_____/_____/_____/_____/

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

DADOS FAMILIARES

GENETOGRAMA:

Sobre o pai:

Profissão: _____ Idade: _____ Escolaridade: _____

Que doenças tem ou teve e com que idade: _____

Se falecido, de que faleceu e ha quanto tempo: _____

Recordação mais significativa: _____

Descreva sua personalidade: _____

Ele participa da educação de seu filho? De que forma? _____

E da vida do casal? _____

Sobre a mãe:

Profissão: _____ Idade: _____ Escolaridade: _____

Que doenças tem ou teve e com que idade: _____

Se falecida, de que faleceu e ha quanto tempo: _____

Recordação mais significativa: _____

Descreva sua personalidade: _____

Ela participa da educação de seu filho? De que forma? _____

Em que seu filho(a) se parece com o filho(a) dos seus sonhos? _____

Que aspectos você não gosta em seu filho(a)? _____

O que é mais difícil na relação com seu filho(a)? _____

Como foi o seu primeiro dia na escola? _____

Como vai o seu rendimento escolar? _____

A quem seu filho(a) é mais apegado e por quê? _____

O que este filho(a) significa para você: _____

Que aspectos mudaram desde que seu filho(a) nasceu? _____

Que doenças tem ou teve e com que idade: _____

É hospitalizado(a) com frequência? Porque e por quanto tempo? _____

Recordação mais significativa: _____

Descreva sua personalidade: _____

De que ele(a) gosta de brincar? _____

Ele(a) chora com frequência? Por quê? _____

Apresenta distúrbios do sono? De que tipo? _____

Apresenta distúrbios alimentares? De que tipo? _____

Apresenta distúrbios dos esfíncteres? _____

Onde ele(a) dorme? _____

Com que frequência vem ao quarto do casal e porque motivos? _____

Qual a reação do seu marido/esposa quando ele(a) quer dormir com o casal? _____

Quando seu marido/esposa viaja, o que muda na rotina da família? _____

Que lugares freqüentavam? _____

Costumavam ficar a sós? _____

Qual é a melhor lembrança desta época? _____

E a pior? _____

Quais foram os primeiros problemas? _____

Qual era a freqüência das relações sexuais? _____

Elas eram satisfatórias? _____

Qual é a freqüência das relações sexuais hoje? _____

Elas são satisfatórias hoje? _____

Por que motivo aumentaram ou diminuíram? _____

Porque motivo são melhores ou piores hoje? _____

Como é a sua vida social hoje? _____

Você está satisfeito(a) com ela? Por quê? _____

Quanto tempo você e seu marido/esposa têm para estarem a sós? _____

Onde costumam ir quando saem sozinhos? _____

Quando seu filho(a) chora quem é o primeiro a atende-lo(a) e por quê? _____

Quem é mais rigoroso na educação e por quê? _____

Quando seu filho(a) tem dificuldades a quem ele(a) recorre? _____

O que você sente quando sua mãe cuida de seu filho(a)? _____

O que você sente quando sua sogra cuida de seu filho(a)? _____

O que você faz quando discute com seu marido/esposa? _____

O que seu marido/esposa faz quando discute com você? _____

O que seu filho(a) faz quando vocês discutem? _____

Quando você executa seu filho(a), o que ele(a) faz? _____

Como reage seu marido/esposa? _____

Quando seu marido/esposa executa seu(a) filho(a), o que ele(a) faz? _____

Como você reage? _____

Você fica nu/nua diante de seu filho(a) e de seu marido/esposa? _____

Como eles(as) reagem? _____

Seu marido/esposa fica nu(a) diante de seu filho(a)? _____

Como ele(a) reage? _____

Em que seu marido/esposa lhe ajuda? _____

Em que você ajuda seu marido/esposa? _____

O que você gostaria que mudasse em seu casamento? _____

Assinale seu grau de satisfação com seu casamento:

/_____/_____/_____/_____/_____/_____/_____/_____/_____/_____/_____/_____/

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Você está satisfeita(o) com as mudanças na sua vida?

() Nem um pouco () Não () Mais ou menos () Sim () Muito

Enumere de 1 a 10 com quem você tem mais prazer de estar sendo que o número 1 deve ser a pessoa com quem você gosta mais de estar e a 10 aquela que você tem menos prazer em estar.

- () irmã
- () pai
- () marido/esposa
- () filha
- () irmão
- () filho
- () amigo
- () colegas de trabalho
- () mãe
- () amiga

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO PROJETIVO

Esta é uma pesquisa que busca identificar fatores relevantes da vida familiar.

As perguntas não têm respostas certas; identifique apenas aquela que você acredita refletir melhor seu estado, sua história, sua rotina, seus sentimentos.

Sua identidade é absolutamente preservada e suas respostas tomadas com extremo respeito e consideração.

IMPORTANTE:

- Não deixe nenhuma pergunta sem resposta.
- Procure ser o mais espontâneo possível e responder o que primeiro lhe vier em mente.

1. Eu queria que o meu filho(a) e eu
2. Antigamente o sexo era.....
3. Serei feliz se o meu filho(a).....
4. Quando meu marido/esposa se aproxima do meu filho(a) eu sempre
5. Depois que nasceu meu filho(a)
6. Quando meu filho(a) está na creche/berçário/escola/caso dos avós eu gosto de
7. Meu filho(a) para mim é
8. Depois que meu filho(a) nasceu meu marido/esposa.....
9. Sempre que eu e meu marido/esposa queremos namorar.....
10. Meu marido/esposa para mim é
11. Naquela noite em que meu filho(a) chorava.....
12. Eu e meu marido/esposa somos.....
13. Se eu soubesse que
14. O sexo hoje.....
15. Sinto-me sozinho (a) se
16. Não sabia que um filho
17. Quando meu marido/esposa e eu discutimos.....
18. Só serei feliz se.....
19. Eu queria muito que meu marido.....
20. Se meu filho me abraça meu marido/esposa.....
21. Sempre pensei que quando meu filho nascesse.....
22. Tenho mais vontade de fazer sexo quando.....
23. A maior mudança que um filho traz é
24. Quando penso em meu filho com uma namorada eu.....
25. Não suporto que meu filho(a).....
26. Meu marido/esposa tem um.....
27. Eu gostaria de voltar a
28. Eu adoro abraçar.....
29. Quando meu marido/esposa chega meu filho(a).....
30. O que mais gosto no meu marido/esposa é
31. Quando meu marido não está em casa eu
32. Não suporto que meu marido/esposa.....
33. O que mudou no meu amor foi
34. Acho que eu nunca mais vou.....
35. Penso que meu filho(a) e meu marido/esposa.....
36. Gosto de tomar banho com.....